

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
MESTRADO ACADÊMICO**

LUCIMAIRA DA SILVA FERREIRA

**FIGURAÇÕES DO FEMININO NA ESCRITA
DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA**

**Tangará da Serra – MT
2023**

LUCIMAIRA DA SILVA FERREIRA

**FIGURAÇÕES DO FEMININO NA ESCRITA
DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários — PPGEL — da Universidade do Estado de Mato Grosso — UNEMAT — como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos Literários, na área de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Battista.

**Tangará da Serra – MT
2023**

F383f FERREIRA, Lucimaira da Silva.
Figurações do Feminino na Escrita de Agnaldo Rodrigues da Silva / Lucimaira da Silva Ferreira - Tangará da Serra, 2023.
125 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências
Sociais Aplicadas e Linguagem, Câmpus de Tangara da Serra,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.
Orientador: Profª Drª Elisabeth Battista

1. Personagem Feminina e Patriarcado. 2. Literatura
Brasileira. 3. Agnaldo Rodrigues da Silva. 4. Dose de Cicuta. 5.
Baú de Pecados. I. Lucimaira da Silva Ferreira. II. Figurações do
Feminino na Escrita de Agnaldo Rodrigues da Silva: .

CDU 821.134.3(817.2).09

LUCIMAIRA DA SILVA FERREIRA

**FIGURAÇÕES DO FEMININO NA ESCRITA
DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisabeth Battista

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso
(Orientadora-Presidente)

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha

USP – Universidade de São Paulo

**TANGARÁ DA SERRA-MT
2023**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer especialmente a Deus pela oportunidade que me foi dada de realizar esse mestrado tão importante na minha carreira profissional e pessoal.

Gostaria de agradecer ao meu amado esposo José Ferreira Filho e às minhas queridas filhas Rafaela e Danyela que sempre estiveram juntos comigo em todas as situações que passei ao longo deste percurso, muitas vezes me ausentando do convívio familiar para cumprir com minhas obrigações acadêmicas.

À Rafaela pelas conversas dirigidas, leituras, e orientações na escrita.

À minha mãe que, com todas as dificuldades que enfrenta na vida, sempre me incentivou na caminhada. Aos meus irmãos e amigos pela força.

Agradeço à banca examinadora, constituída pelas professoras doutoras Adriana Lins Precioso e Maria Zilda da Cunha, por me auxiliar neste trabalho com ricas contribuições e sugestões valiosas.

Agradecimento especial à Profa. Dra. Elizabeth Battista, minha especial orientadora, que sempre me instruiu durante as fases deste trabalho com muito carinho, eficiência e competência. Acredito que a vida não poderia me dar uma pessoa mais preparada para esta missão, pois sempre esteve segurando minha mão e nunca me deixou desanimar.

Agradeço ao Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva pelas orientações de leitura, escrita e por ser inspiração para este trabalho. Sempre atento às minhas aflições e me ajudando a encontrar o caminho certo e seguro.

Enfim, agradeço à vida pela oportunidade de estar presente neste mundo e evoluir.

Recentemente, fui à praça Barão do Rio Branco, patrimônio cultural da cidade, um verdadeiro cartão-postal. Sentei-me em um banco que me dava vista à Catedral e, contemplando-a me lembrei das histórias da tia Margarida e pude compreender que a geração antiga havia deixado marcas encantadoras no imaginário popular de nosso povo. Isso é tão maravilhoso que quero propor aos meus conterrâneos o jogo das mil e umas noites, a fim de recuperar diversas histórias para que, emendando-as umas nas outras, como fizera Sherazade, possamos manter acordadas as nossas memórias e tradições.

(SILVA, 2020, p. 92)

RESUMO

Este estudo circunscreve-se no âmbito da Literatura Brasileira contemporânea produzida em Mato Grosso. Por meio de um diálogo intertextual das obras *Dose de cicuta* (2011) e *Baú de Pecados* (2020), de Agnaldo Rodrigues, esta dissertação realiza uma investigação sobre a construção das personagens femininas nos diferentes contextos apresentados pelas tramas ficcionais. A pesquisa volta-se para a análise da posição da mulher na sociedade patriarcal, no âmbito das obras selecionadas, confrontando forma e conteúdo, espaços físicos e psicológicos, assim como o tempo no qual as referidas narrativas se desenvolvem e a linguagem utilizada pelo escritor na construção de perfis femininos, sejam eles submissos ou transgressores. O que os referidos perfis têm a revelar sobre a inscrição do percurso da mulher no contexto do patriarcado, a partir da contística do autor brasileiro que produz literatura contemporânea em Mato Grosso? Para tanto, versaremos sobre a representação da personagem de ficção e as relações entre a literatura, a história e a vida social no *corpus* selecionado. A presente dissertação volta-se com interesse para análises de contos que trazem a mulher como protagonista de enredos instigantes. Como suporte para embasar as reflexões teóricas, recorreremos a Beauvoir (1949, 1967, 2009), Bourdieu (2002), Del Priori (1997), Woolf (2004), Carvalhal (2006), Candido (2009), Lerner (2019), Coelho (1998), Freud (1914), Todorov (2006), Reis (2016), Eliade (2001), Floresta (1959, 1989) entre outros teóricos e críticos que discutem a construção da personagem feminina e/ou a mulher na literatura.

Palavras-chave: Personagem feminina e Patriarcado. Literatura Brasileira. Agnaldo Rodrigues da Silva. *Dose de Cicuta*. *Baú de Pecados*.

ABSTRACT

This study is limited to the scope of contemporary Brazilian Literature produced in Mato Grosso. Through an intertextual dialogue of the works *Dose de Cicuta* (2011) and *Baú de Pecados* (2020), by Agnaldo Rodrigues. This dissertation carries out an investigation into the construction of female characters, in the different contexts presented by the narratives. The research focuses on the analysis of the position of women in the context of patriarchal society in the scope of the selected works, confronting form and content, physical and psychological spaces, as well as the time in which the fictional plots develop, as well as the language used by the writer, in the construction of female profiles, whether submissive or transgressive. What do these profiles have to reveal about the inscription of the path of women in the context of patriarchy from the short story of the Brazilian author who produces literature in Mato Grosso? To do so, we will discuss the representation of the fictional character and the relationships between literature, history and social life in the selected corpus. The present dissertation turns with interest to the analysis of short stories that bring the woman as the protagonist of each plot. As theoretical support, we used Beauvoir (1949, 1967, 2009), Bourdieu (2002), Del Priori (1997), Woolf (2004), Carvalhal (2006), Candido (2009), Lerner (2019), Coelho (1998), Freud (1914), Todorov (2006), Reis (2016), Eliade (2001), Floresta (1959, 1989) among other theorists and critics who discuss the construction of the female character and/or woman in literature.

Keywords: Female character and Patriarchy. Brazilian literature. Agnaldo Rodrigues da Silva. *Dose de Cicuta*. *Baú de Pecados*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de <i>Dose de Cicuta</i>	25
Figura 2 – Capa de <i>Baú de pecados</i>	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A LITERATURA E A VIDA SOCIAL	12
1.1 Apontamentos sobre o autor e sua ficção.....	12
1.2 A Personagem Feminina de Ficção e a Vida Social.....	16
1.3 <i>Dose de Cicuta</i> (2011) e <i>Baú de Pecados</i> (2020): O corpus.....	24
2 O PATRIARCADO E O FEMININO	388
2.1 O Patriarcado na contística de Agnaldo Rodrigues da Silva	399
2.2 As multifaces do feminino em destaque.....	477
2.3 Vida e Morte no conto “Uma Dose de Cicuta”	60
3 A MULHER EM PERSPECTIVA	70
3.1 Galeria das Personagens Femininas.....	70
3.1.1 Maria Antonieta - “Sozinha, mas rica”.....	72
3.1.2 Aurora - “Dormia o tempo todo.”	75
3.1.3 Maria Madalena - “Estou parecendo uma vagabunda”.....	79
3.1.4 Babete - “Cozinhar era considerado por ela uma arte!”	84
3.1.5 Medeia - “Vagabundo, enganou-me uma vida inteira!”	88
3.1.6 Salomé - “Se fosse rica como ela, teria também uma bolsa luxuosa”, pensou olhando discretamente para trás	90
3.1.7 Narcisa - “Olhava-se no espelho com frequência”.....	92
3.2 No <i>Baú de Pecados</i> , a “Luxúria”	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
ANEXO A – UMA DOSE DE CICUTA	110
ANEXO B – LUXÚRIA	114
ANEXO C – BAR PINGUIM	118
ANEXO D – CASA AMARELA	119
ANEXO E – CASA ROSA	120
ANEXO F – CATEDRAL DE SÃO LUÍS DE CÁCERES	121
ANEXO G – PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO	122
ANEXO H – RIO PARAGUAI	123

INTRODUÇÃO

O presente estudo justifica-se pela importância de fortalecer a fortuna crítica que versa sobre os escritores mato-grossenses contemporâneos, considerando-se, principalmente, o momento de grande efervescência cultural que a região vive, com surgimento de novos autores e obras. Para isso, apresenta o trabalho do escritor Agnaldo Rodrigues da Silva e suas obras de contos publicadas até o momento, tomando como *corpus* duas produções: *Dose de Cicuta* (2011) e *Baú de Pecados* (2020). Com esse recorte, será discutida a figuração das personagens femininas dentro dessas produções. Entrementes, este trabalho consiste numa pesquisa bibliográfica, com produção de análises sobre os textos de criação literária, articulando teorias e críticas existentes sobre o tema.

Acerca do autor, Agnaldo Rodrigues da Silva, nascido em Cáceres (MT), em 20 de janeiro de 1973, destaca-se atualmente como professor, crítico, ensaísta, contista, dramaturgo e imortal da Academia Mato-grossense de Letras. Sempre integrado ao mundo acadêmico, pertence ao quadro docente da Universidade do Estado de Mato Grosso na cadeira de Literaturas de Língua Portuguesa. Sua estreia como contista em 2004 ocorreu com o livro *A Penumbra*. Em 2008 lança *Mente Insana*, em 2011 veio a obra *Dose de Cicuta*, e em 2020 publicou *Baú de Pecados*.

Desde sua primeira publicação de contos, já demonstrava um envolvimento grande por questões como o sagrado e o profano, dramas humanos com amplas dimensões psíquicas, o onírico, a realidade tal qual se apresenta, a forte presença do patriarcado em suas personagens femininas e a ficção como força motriz em todas as narrativas. As mulheres são as personagens preferidas para protagonizar a maior parte de seus contos. Em algumas histórias, apresenta-nos personagens submissas e em outras evidenciam-se as transgressoras. Do princípio aos dias atuais, vemos as mulheres sendo mostradas em suas narrativas com grande relevância e sempre dialogando com outras personagens que fizeram parte da história e da literatura como manifestação da Arte.

Esta proposta de pesquisa visa contribuir para os estudos referentes ao escritor Agnaldo Rodrigues da Silva e suas obras aqui apresentadas, especificamente as obras *Dose de Cicuta* (2011) e *Baú de Pecados* (2020). Dentro desse *corpus* faremos um estudo mais elaborado sobre o conto “Uma Dose de Cicuta”, do livro *Dose de Cicuta* (2011) publicado pela editora Unemat, e “Luxúria”,

de *Baú de Pecados*, publicado em 2020 pela editora Carlini & Caniato. Esse autor escreve em um contexto contemporâneo e traz temáticas muito atuais e discutidas no meio acadêmico, como o patriarcado, a sexualidade, a mulher, o feminismo, entre outras questões. Além disso, em sua escrita há também os espaços que envolvem mitos, mitologias, religiões, lendas e crenças. É comum também o recurso da memória como resgate da cultura de sua terra natal. Conforme apresentadas, essas obras abordam referências primordiais – e outras tão atuais – que despertaram em nós o interesse por saber como esses aspectos se manifestam nessas narrativas.

Iniciamos esta pesquisa com o capítulo “A literatura e a vida social”. Nele apresentaremos alguns dados relevantes sobre o autor e sua trajetória até o momento, enfatizando sua produção acadêmica. Em seguida versaremos sobre a personagem de ficção e as relações entre literatura e sociedade com embasamentos teóricos do escritor e crítico literário Antonio Candido. Ao final desse capítulo, faremos um sumário narrativo com todos os contos que compõem as duas coletâneas escolhidas como *corpus*, de forma a auxiliar na condução da leitura do todo para as partes e, dessa forma, apresentar os textos para apreciação do leitor.

No segundo capítulo, “O patriarcado e o feminino”, abordaremos o livro *Dose de Cicuta* para estudar aspectos sobre o patriarcado presente em seus textos e a representação da submissão no conto escolhido. Neste tópico traremos algumas teorias sobre esse tema e sua marca na sociedade. Para isso, passearemos pelas teorias de Lerner (2019) e Saffioti (1987), as quais se apresentam como estudiosas desse assunto e incluiremos algumas ideias defendidas por Woolf (2004) e Beauvoir (1949) que se enquadram nas discussões sobre o feminismo. Dando continuidade, mostraremos as várias faces do feminino na contística de Agnaldo Rodrigues fazendo uma breve apresentação da forte presença feminina em seus textos. Ao final desse capítulo, faremos uma análise do conto “Uma Dose de Cicuta” em que temos a personagem feminina inferiorizada perante a figura do marido, querendo libertar-se de um casamento tóxico, permeado por um jogo psicológico dramático.

Por fim, no último capítulo – intitulado “A mulher em perspectiva” – debruçaremos nosso olhar sobre o livro *Baú de Pecados* (2020). Nesse momento, será montada uma galeria de personagens femininas em que a intertextualidade surge como “um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras” (BAKHTIN, 2002, p. 142). Esse rol elencado será referência para um estudo comparativo entre elas com outras personagens conhecidas da literatura,

adentrando ao campo da figuração e sobrevida da personagem feminina, pois elas passam a existir dentro de outra história, em outro contexto, agora na atualidade. Nesse sentido, as personagens não morrem jamais, pois elas vão se reinventando na mente do nosso escritor e nas suas narrativas. Sendo assim, cada protagonista de cada conto representará um pecado capital na sua essência e este será o motivo para o desenrolar do enredo. Em seguida, apresentaremos o conto “Luxúria”, que trata sobre o feminino, o discurso religioso, figuração e sobrevida da personagem e tem como protagonista a personagem de ficção Maria Madalena.

No decorrer da pesquisa tomaremos como teóricos: Beauvoir (1949, 1967, 2009), Woolf (2004), Lerner (2019), Candido (2006, 2009), Saffioti (1987), Robles (2006), Bakhtin (2002), Reis (2016), Carvalhal (2006), Eliade (2001), Coelho (1998), Floresta (1989), entre outros.

Outrossim, esta dissertação tem uma proposta para desenvolvimento de capítulos que visa apresentar as personagens femininas presentes nos contos desse autor, contribuir com sua fortuna crítica e fazer um estudo comparativo sobre suas criações com outras já existentes na literatura de forma geral. Dessa maneira, podemos aprofundar no texto em prosa e acompanhar o seu desenvolvimento, observando suas personagens, os espaços, o tempo e a linguagem carregada de metáforas e múltiplos sentidos, compreendendo assim o viés da figuração e sobrevida, além de ressaltar que o protagonismo feminino é a marca predominante na produção ficcional desse autor.

CAPÍTULO I

O alimento na ficção é sobretudo social.
(FORSTER, 2005, p. 50)

1 A LITERATURA E A VIDA SOCIAL

Como ponto de partida, tomamos de empréstimo do crítico literário Antonio Candido o título do segundo capítulo do livro *Literatura e Sociedade* (2000) – “A Literatura e a vida social” – para focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária, dentre eles a necessária apresentação do autor e sua obra.

Neste capítulo, denominado “A Literatura e a Vida Social”, tem-se uma pesquisa feita sobre a vida, as obras publicadas no âmbito da literatura e a trajetória percorrida por Agnaldo Rodrigues da Silva. Apresentaremos brevemente alguns dados de sua vida pessoal e profissional, além de tecer considerações sobre literatura e sociedade, a forma como ambas estão atreladas em nossas vidas, como o fato de existir uma literatura que possa fazer o leitor se identificar com a história narrada, mas sabendo que ela nada mais é do que parte de algo inventado, uma mera ficção.

O leitor pode interagir com os textos ficcionais e manter-se ao mesmo tempo distante deles. Nos contos que serão apresentados neste capítulo, no sumário narrativo, é importante manter o mundo da ficção e da realidade separados, para não se envolver no jogo dramático que algumas narrativas carregam.

1.1 Apontamentos sobre o autor e sua ficção

Nascido em Cáceres, no estado de Mato Grosso, em 20 de janeiro de 1973, Agnaldo Rodrigues da Silva formou-se em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) no ano de 1996 e, logo em seguida, no ano de 1997, passou a trabalhar como professor contratado pela Rede Estadual de Ensino e posteriormente como professor interino na UNEMAT.

Mudou-se para a cidade de Tangará da Serra no ano de 1998 com o objetivo de assumir o cargo de professor efetivo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) no departamento de Letras. Entre os anos de 2000 a 2002 concluiu o curso de mestrado em Letras (Estudos Comparados de Literatura de Língua

Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil, com a dissertação *Da Vanguarda Europeia ao Futurismo nos Teatros de Almada Negreiros e Oswald de Andrade: Deseja-se Mulher e O Rei da Vela*. Nos anos de 2002 a 2006 fez o doutoramento em Letras (Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil, com a tese *Projeção dos Mitos na Construção Histórica do Homem no Teatro Trágico: O lastro mítico de Gota d'água e Os Degraus - Medéia e Prometeu Acorrentado*. Por fim, em 2007 e 2008 realizou o Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Agnaldo ocupou o cargo de Pró-Reitor de Ensino de Graduação nos anos 2006 a 2010 na gestão do professor Taisir Mahmudo Karim. Foi diretor do Centro de Pesquisa e Museu de Arqueologia, Etnografia, Paleontologia e Espeleologia de Cáceres nos anos de 2015 a 2016. Também foi assessor de Gestão das Modalidades de Ensino Diferenciadas nos anos de 2017 a 2018. Assumiu a direção do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de 2019 a 2020 e, atualmente, exerce a função de Assessor de Gestão de Pós-Graduação da UNEMAT.

Tomou posse em 30 de abril de 2014 na Academia Mato-grossense de Letras, ocupando a cadeira de número 10, sendo coroado com êxito sua carreira e seu reconhecimento como imortal. Além disso, é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres. Agnaldo Rodrigues também tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, teatro e artes visuais e afirma-se cada vez mais como crítico literário e escritor de ficção. Apresenta diversas obras publicadas, bem como participações em antologias lançadas por editoras mato-grossenses e de outros estados brasileiros, além de publicações em outros países.

Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (mestrado e doutorado) da UNEMAT, ele está à frente da *Revista Ecos* que foi criada por ele em 2004, com a proposta de publicar trabalhos científicos nas áreas de literatura e linguística. O periódico conta, atualmente, com 32 volumes publicados, com textos de autores brasileiros e estrangeiros ligados a instituições de educação e pesquisa. É um veículo de comunicação atuante dentro da Universidade, possibilitando e favorecendo as publicações de estudantes e professores.

Atualmente, dedica-se às pesquisas relacionadas à literatura, teatro de língua oficial portuguesa (Portugal, Brasil e África), artes visuais e preservação do patrimônio histórico e cultural. Sua linha de pesquisa no curso de mestrado é Literatura e Vida Social nos Países de Língua Portuguesa. Iniciou sua escrita

publicando contos em folhetins da Universidade. No ano de 2004 publicou seu primeiro livro de contos com o título *A Penumbra* (Contos de Introspecção) que despertou grande interesse do público leitor por serem contos altamente psicológicos, com grande carga emocional, em que o leitor é apresentado ao mundo da ficção. A presença dos ritos oníricos e a passagem da vida para a morte através do amor são a chave para o mistério da obra.

Escritor brasileiro que produz literatura em Mato Grosso, escreveu até os dias atuais quatro livros de contos, sendo: *A Penumbra* (Contos de Introspecção) em 2004; *Mente Insana* (2008); *Dose de Cicutá* (2011) todos publicados pela editora Unemat/Cáceres, e *Baú de Pecados* (2020), pela editora Carlini & Caniato/Cuiabá. Esses livros trazem histórias carregadas de dramas humanos, em que os leitores visualizam o interior das personagens e se envolvem nas suas aventuras.

Entre as obras de criação literária, destacam-se: *O Futurismo e o Teatro* (2003), *Projeção de mitos e construção histórica no teatro trágico* (2008), *O teatro mato-grossense* (2010), *Escritos Culturais: literatura, arte e movimento* (2013), *Entre Letras e Memórias* (2014), *Nas entrelinhas do texto* (2012), *Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras* (2013), *Diálogo entre literatura e outras artes* (2014), *Do texto à cena - entre o teatro grego e o moderno teatro brasileiro* (2014), *A teoria e a prática na articulação de saberes* (2013), *Plínio Marcos – o signo de um tempo mau* (coautor, 2016), *Trajectórias culturais e literárias nas ilhas do equador – estudos sobre São Tomé e Príncipe* (2018), *Literatura e cultura de Cabo Verde – Navegando pelas ilhas e pelo mundo* (2021), *A presença da Ausência – a subalternidade na dramaturgia (bem) dita de Plínio Marcos* (coautor, 2021), entre outras.

Vale destacar que recentemente publicou o primeiro livro de teatro em Cáceres, sua cidade natal, tornando-se assim pioneiro na escrita do teatro cacerense. Intitulada *Fantasmas em Vila Maria*, essa obra veio a lume em 2021 pela editora Unemat. Nesse livro, tece importantes críticas a respeito do patrimônio histórico cultural de Cáceres. Esta cidade foi fundada no ano de 1778, com o nome de Vila Maria do Paraguai, sendo uma homenagem à rainha reinante de Portugal. Hoje é batizada pelo nome de Cáceres, ato que ocorreu em 1938. Percebe-se que ele utilizou o nome de fundação da cidade para compor o título da peça. Atualmente, a cidade bicentenária, localizada no Centro-Sul do estado de Mato Grosso, conta com aproximadamente 100 mil habitantes e possui uma série de patrimônios

culturais preservados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural). É justamente neste cenário que essa peça teatral foi construída pela mente fabuladora do escritor que sempre demonstrou um profundo respeito por seu lugar de origem. Em alguns de seus contos deixa claro o cenário de sua cidade natal, revisitando a memória cultural de seu povo com suas crenças, lendas e suas lembranças.

Ademais, essa obra nasceu do confronto de momentos históricos distintos com a contemporaneidade que vivenciamos, enraizada num passado distante. No livro, as personagens mortas, neste caso homens e mulheres, representam as figuras históricas de Cáceres. Elas levantam-se dos seus túmulos, no cemitério central da cidade, São João Batista, demonstrando toda a sua indignação por certo grupo social diante do descaso político com o patrimônio histórico de uma vila ficcional chamada Vila Maria. Assim, o escritor traz para si a responsabilidade de atuar junto à sociedade por meio da literatura, mesclando realidade e ficção de maneira prazerosa e crítica.

No texto cênico, um grupo de crianças, protagonistas do enredo, desenvolvem todas as ações, tomam para si a missão de recuperar elementos da memória e identidade de uma sociedade em crise por valorização e cuidados especiais quanto ao patrimônio público cultural. Nota-se que nesse livro é dado papel de destaque à rainha de Portugal, dona Maria “a louca”, que assume a frente das críticas sociais relacionadas ao patrimônio e faz a condução de todo julgamento que acontece na peça. Percebe-se também que o escritor está sempre conectado à sua realidade, sua origem e usa seu lugar de fala para tratar de assuntos tão relevantes que muitas vezes ficam esquecidos por nossos representantes, mas que, pelo viés da literatura, podem ser trazidos para a discussão e resoluções de problemas referentes ao cuidado com a riqueza histórica patrimonial.

Em 2019 foi criada, pelo escritor-artista, a Cena do Drama, Companhia de Teatro Universitário/UNEMAT. Ela tem como propósito congregar amantes das artes cênicas, tanto da UNEMAT quanto das comunidades, em prol de um trabalho dinâmico e coletivo no âmbito das artes do palco. A Companhia tem trabalhos relevantes na oferta de oficinas e cursos para iniciantes, bem como tem levado à cena propostas inovadoras do fazer teatral. Também surgido por iniciativa desse professor, o Curso Superior de Tecnologia em Teatro foi criado no município de Cuiabá, em 2017, em uma parceria entre a UNEMAT e a Associação Cultural Cena Onze. Na UNEMAT, Agnaldo Rodrigues da Silva foi o grande articulador desse

projeto. O curso já graduou três turmas e há duas em andamento, uma em Cuiabá e outra em Cáceres. É inovador, com metodologias diferenciadas e, sem dúvida, tem contribuído para o redimensionamento da cena cultural de Mato Grosso.

Atualmente, mora em Cáceres, trabalha no Câmpus “Jane Vanini” e em Tangará da Serra/MT. Percebe-se que é um professor que se destaca em projetos pela Universidade e em parcerias com outras instituições estrangeiras que fomentam o ensino no âmbito da Literatura e demais linhas de pesquisa. Importante salientar que esta dissertação é o primeiro trabalho a trazer as obras deste escritor mato-grossense para o cenário da academia de Letras, para deleite, conhecimento e apreciação de todos que se interessam por literatura neste país. Esta pesquisa, pioneira, apresenta ao Brasil um escritor que emerge das margens ao cenário nacional por seu talento e sua produção acadêmica e artística.

1.2 A Personagem Feminina de Ficção e a Vida Social

Socialmente a mulher enfrenta grandes desafios. Durante séculos foi considerada como objeto nas relações hierarquizadas entre homens que mandam e mulheres que obedecem. Com a globalização social e econômica do capitalismo nos finais do século XIX, o patriarcado sofre uma flexibilização, fazendo com que a mulher ganhe destaque e o percurso de sua evolução seja notado. Ao longo do tempo, trouxe inspiração e matéria para a literatura, haja vista a diversidade de escritores empenhados em discutir a questão da mulher na contemporaneidade. Entretanto, este *corpus* tratará de um estudo sobre a personagem de ficção sob o olhar crítico de Antonio Candido referente à representação da mulher na literatura do escritor Agnaldo Rodrigues. Autor que ganha destaque nos estudos literários pela escrita de contos nos quais suas protagonistas geralmente mulheres, pensadas em universos diferentes.

As mulheres passaram e ainda passam por grandes transformações de acordo com a sociedade na qual estão inseridas. É um tema que começou a ser estudado mais a fundo porque toda a história da humanidade perpassa direta ou indiretamente através da presença feminina. Antigamente, em algumas comunidades primitivas, devido à capacidade de gerar a vida, eram tidas como seres divinos, figuras especiais ligadas à fertilidade, semelhantes à natureza, que possuem como divindade a Deusa Mãe. Nesse contexto, apesar da presença da deidade

feminina, a estrutura social era fortemente regida pela igualdade dos sexos, homens e mulheres dividiam as tarefas e viviam de forma pacífica, sem qualquer presença de armas, fortificações e guerras. Esse período, chamado de Matrístico ou também como Ginococrático, foi estudado pela arqueóloga Marija Gimbutas (2016)¹ e aprofundado em seu livro *The Language of the Goddess*. Porém, a matrística, como a autora nos aponta, deixou de existir após a chegada e dominação do homem sob os povos nativos, estabelecendo, assim, a ordem que rege o mundo atual: o patriarcado.

Somos frutos de sociedades patriarcais em que o grande idealizador de tudo é o homem. Seja na área política, econômica, empresarial e outras, exercendo cargos de poder e influência, enquanto que as mulheres se esforçam ao máximo para terem sua capacidade intelectual reconhecida. Em tempos antigos, cabia à mulher as tarefas domésticas, como cuidar da casa, da fazenda e dos filhos, sem nenhum tipo de valorização ou reconhecimento, como afirma Bourdieu (2012, p. 18): “A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina”. Há muitos anos o patriarcado gera grandes obstáculos para as mulheres em relação a uma vida social mais aberta ao trabalho, ao lazer, aos direitos e a tantas outras oportunidades que por muito tempo lhe foram negadas.

Por meio da arte literária podemos perceber como tudo isso aconteceu ao longo da história, tendo em vista que a literatura está para a sociedade assim como a sociedade está para a literatura, sendo uma parte da outra, numa relação de reciprocidade. A obra é fruto de uma iniciativa individual, é parte do sujeito e o sujeito é parte da obra e da sua condição social, como defende o crítico literário:

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas; finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas. (CANDIDO, 2006, p. 34)

A literatura carrega em suas mãos um campo do saber ilimitado, que é a condição social das possíveis personagens que compõem seus contos, poemas,

¹ Marija Gimbutas (1921-1994), arqueóloga que dedicou sua vida profissional a pesquisas sobre os períodos Paleolítico, Neolítico e Idade do Bronze.

novelas, romances, entre outros gêneros literários. De todo esse contexto nasce o escritor que, infiltrado nessa sociedade, torna-se fruto dela e vive de forma livre e ativa, inspira-se nela para suas composições de personagens tão diversificadas e intensas. Com isso, o autor cria esses seres fictícios inspirados ou não em pessoas reais que vivem em nosso meio social, que compõem o universo literário em que ele está inserido e é parte significativa deste. Ele, o escritor, nasce de um meio social moldado muito antes de ele existir e de se fazer escritor e ele é quem vai criar seu mundo dentro da ficção e o mundo dos seus personagens. Nesse contexto, o escritor cria um mundo paralelo onde pode se inspirar na sociedade em que está inserido, retratando tipos sociais em suas produções. Dentro dessa perspectiva, chegaremos ao escritor Agnaldo Rodrigues da Silva, que se insere no cenário mato-grossense com várias produções literárias, como livros de crítica literária, contos, peças, entre outros.

Esse autor cacerense costuma escrever seus contos em terceira pessoa, na perspectiva do narrador onisciente intruso, que, segundo Norman Friedman, estudioso da figura do narrador na literatura: “Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer [...] podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições.” (LEITE, 1985, p. 25). O foco de várias de suas narrativas gira em torno de protagonistas femininas. São personagens que representam as mulheres, as quais ele, de alguma forma, conhece e sente interesse por suas histórias, suas vidas. Dentro desse horizonte de expectativas, a personagem feminina ganha terreno em cada conto. Através dessas personagens um leque de possibilidades se abre para a literatura e sua criação. Outrossim, o texto literário é a chave que une o escritor, o público e a obra.

Pretende-se neste trabalho analisar algumas dessas personagens femininas agnaldianas e, ao mesmo tempo, entender a relação existente entre a literatura e a vida social. Cada situação da vida real se transformará, através da escrita do autor, em matéria para sua produção ou podemos pensar inversamente. Enquanto leitores, podemos visualizar suas protagonistas sob vários ângulos nos contos, algumas vezes sendo representadas no papel da submissão e outras vezes no papel da transgressão, que são vertentes para este estudo:

Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissolivelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da

comunicação artística, como autor, obra, público. A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem as obras. Estas podem dividir-se em dois grupos, dando lugar ao que chamaríamos dois tipos de arte, sobretudo de literatura, e que sugiro para fixar as idéias em vista da discussão subsequente, não com o intuito de estabelecer uma distinção categórica: arte de agregação e arte de segregação. (CANDIDO, 2006, p. 32)

Nesse sentido, o autor afirma que o ato completo da linguagem depende da interação entre essas três partes, que possivelmente sem isso não haveria sucesso nas obras literárias, haja vista que a ligação dessa tríade é fundamental dentro do campo literário para que faça sentido. Observa-se assim uma relação existente entre quem lê e quem produz. Seguindo sua necessidade interior, o autor aos poucos vai moldando sua criação, construindo suas personagens de acordo com seu meio social e sua realidade, dando a elas efeito do real, enquanto o público, ao ler a obra, torna-se capaz de interiorizar aquelas ações e relacioná-las ao seu universo, à sua vida em particular e à vida das outras pessoas em geral.

Ao refletir na forma como a sociedade influenciou esse escritor em suas produções, podemos perceber que a personagem de ficção criada traz para a literatura uma perspectiva baseada na sociedade a qual as mulheres ajudaram a construir. Uma sociedade em que elas não tinham voz e nem vez, silenciadas pelo patriarcado e postas de lado sem nenhum direito de igualdade. Como relata a historiadora e professora Michelle Perrot (2005, p. 10), em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história*: “aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se”. Cabia à mulher apenas silenciar e obedecer. Portanto, eis que a realidade e a ficção se entrelaçam para compor cada personagem feminina. Na ficção, a obra se realiza, a personagem se apresenta como protagonista e a realidade deixa a cena. Partimos então para a proposta da imaginação, ficção, com seres criados, ambientes pensados para cada enredo.

Assim, a personagem cresce à medida que o enredo aparece, em que a trama toda se molda, sem o objetivo de retratar a realidade, mas apresentar a trama pensada na mente do escritor. É por meio da personagem que o leitor é inserido dentro do jogo da ficção e a obra se realiza enquanto arte. Ela traz vida a uma situação imaginária, traz veracidade à realidade ficcional. Entretanto, a personagem de ficção é parte fundamental de um romance ou conto, pois dentro da diegese é ela quem direciona a narrativa e toda uma ambientação que se mostra por intermédio

das ações dela:

Neste caso, deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras. (CANDIDO, 2009, p. 52)

A personagem de ficção é fruto de um trabalho minucioso do escritor que, ao moldar sua história, incorpora aspectos históricos sociais à sua vida. Ela, como uma "entidade", perpassa o mundo real e ganha visibilidade aos olhos do leitor. Este, ao apreciar o enredo, associa tais aspectos do mundo imaginário ao seu próprio mundo, à sua existência e assim a literatura ganha elementos da realidade e a obra cumpre sua finalidade. Portanto, como um artista, o autor compõe sua obra de arte.

Percebe-se na escrita desse autor um trabalho de dualidade em suas personagens, pois ele sempre nos mostra dois ângulos de cada uma. Pensadas talvez com o intuito de nos mostrar o lado exterior e o interior de suas protagonistas. A primeira é aquela que vemos de acordo com o contexto em que são mostradas as faces visíveis de cada personagem, sempre de acordo com os padrões sociais impostos às mulheres de cada época, de cada contexto social. O interior nos é mostrado pouco a pouco, em seus pensamentos que imaginam um mundo paralelo ao contexto da trama, um mundo onde ela pode fazer e ser o que quiser sem pensar nas consequências ou no julgamento da sociedade. E dentro desse horizonte visualizamos a mulher submissa e aquela que não se encaixa nos padrões sociais, as ditas transgressoras. A mulher é vista nas obras que iremos analisar dentro dessas duas dimensões, que ao serem analisadas nesses critérios, desnudam a sociedade como um todo.

Na década de 1960, nos Estados Unidos, afloraram as manifestações do movimento em prol da igualdade de direitos, por mulheres que se assumiram feministas, isto porque já não se enquadravam mais nas condições sociais impostas. Elas queriam romper com as obrigações e condutas sociais exigidas pelo patriarcado e começava assim a construção de um longo caminho, em que seriam vistas com olhos de igualdade perante o homem. De lá para cá muitos acontecimentos envolveram a luta das mulheres por melhores condições de vida,

por liberdade e igualdade de direitos.

Simone de Beauvoir, conforme assinalamos na abordagem introdutória, inicia nesse período um processo de discussão a respeito do papel social da mulher que se estende até hoje. Ela é vista como referência nos estudos literários para discorrer sobre a condição social da mulher e sua evolução ao longo do tempo. Em seu livro *O segundo sexo* dizia que “é muito difícil a uma mulher agir como uma igual ao homem quando essa igualdade não está universalmente reconhecida e concretamente realizada.” (BEAUVOIR, 1949, p. 322). Dessa forma e com essa maneira de pensar escandalizou a sociedade com suas ideias em torno da opressão masculina, o poder do patriarcado e quanto à concepção da mulher ser vista como o “segundo” sexo. A autora discute com propriedade sobre a emancipação feminina e sobre o fato de as mulheres poderem ocupar outros papéis que até então eram destinados aos homens.

No Brasil, houve uma escritora precursora do feminismo no século XIX, por nome Dionísia Pinto Lisboa, mais conhecida como Nísia Floresta. Naquela época já trabalhava com o propósito de elevar a mulher brasileira à plenitude de suas potencialidades. Escrevia e ao mesmo tempo criticava a situação de submissão e silenciamento a que a mulher foi de certa forma condicionada ao longo do tempo. Sua visão em relação à sociedade dominante daquele período estava muito à frente de seu tempo. Incomodava-se com o poder que os homens tinham e com a condição social da mulher, que se restringia aos afazeres de casa e à criação dos filhos. Sendo assim, ela afirma “que a opressão da mulher é criada pelos homens para seu próprio proveito e que logo eles a usam para que se reforce e se perpetue”. (FLORESTA, 1989, p. 33).

Tratava-se de uma mulher esclarecida e estudada que acreditava que as mulheres tinham condições de se destacarem na sociedade por meio do estudo, da oportunidade que a educação oferece a todos, principalmente a elas. Em seus livros, denunciava as condições em que as mulheres viviam e apresentava propostas de mudança. Buscava a emancipação feminina e acreditava que a sociedade poderia ser muito melhor com as mulheres ocupando outros espaços que não a sua própria casa. Em um de seus livros publicados, *Opúsculo humanitário* (1989), faz um percurso sobre a inferioridade feminina e o papel da mulher na história social:

Os dezessete primeiros ensaios do *Opúsculo Humanitário* traçam a

evolução das condições femininas desde os tempos mais remotos no Egito, na Pérsia, na Índia, na Babilônia, na Grécia e em Roma, até chegar ao século dezenove na Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos. Logo Nísia Floresta considera o lugar da mulher na sociedade. Ela viu as mulheres européias como úteis membros da sociedade, como magníficas educadoras dos jovens, tanto em casa como nas escolas, assim como companheiras inteligentes de seus maridos. Em contraste, as mulheres brasileiras não podiam comparar-se [...] com suas irmãs européias e norte-americanas, porque eram vítimas do preconceito e da opressão numa existência enclausurada, do analfabetismo, e serviam só para a procriação. Reveladoras das atitudes prevalentes à época são estas palavras de um ex-governador da província de Minas: "Deve-se ensinar às meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido." Depois de denunciar essas condições imperantes na sociedade brasileira, a autora prossegue a apresentar propostas de mudança. Uma reforma educacional compreensiva, tanto no setor privado como no público, é condição *sine qua non* para a reestruturação da sociedade brasileira. (FLORESTA, 1989, p. 32)

Dentro dessa perspectiva, a literatura, de forma geral, age como um grande espelho social, refletindo os recortes de um momento histórico com seus costumes e suas práticas. Nas personagens femininas agnaldianas vemos essa relação muito bem explícita, pois algumas personagens se encaixam dentro dos padrões estabelecidos e outras não. Bem como há também a junção das duas vertentes em algumas protagonistas que, ao mesmo tempo, desenvolvem os dois lados, tanto o da submissão como o da transgressão. Nos conflitos vividos pelas personagens criadas por esse escritor, encontramos o choque entre o desejo de ser livre e as regras impostas ao comportamento feminino. Este deveria ser de passividade, construído em relação a um sujeito masculino, como fica claro no conto "Uma dose de cicuta". No conto vemos o perfil da submissão, a imposição do patriarcado e a luta interna para se livrar de tudo isso junto ao fracasso da protagonista.

Simone de Beauvoir, em seu estudo sócio-histórico sobre a condição do sujeito feminino, reúne várias causas e consequências da maneira dependente com que a mulher tem firmado sua identidade passiva. Mas há também a história das mulheres que, rompendo consigo mesmas, deixaram à mostra uma postura mais ativa, dinâmica e transgressora quanto ao seu papel, seu valor e sua ascendência social. E é sobre essas duas vertentes de mulher que Agnaldo Rodrigues criou suas personagens, pensando na representação do feminino através de suas obras.

Com suas personagens, ele incita a sociedade em relação a alguns problemas enfrentados pelas mulheres ao longo do tempo. Podemos, enquanto leitores, analisar esses aspectos de fora e de dentro, pois todos nós vivemos

atrelados aos padrões sociais que ditam as ordens a que se deve obedecer, caso contrário, podemos sofrer as consequências. O escritor expõe valores que há muito tempo massacram a maioria das mulheres, impedindo-as de lutar por uma vida melhor. Nesse ínterim, a literatura pode desnudar o lado social e levar o leitor a pensar como aquilo de certa forma favorece ou prejudica a mulher. Ela tem o poder de mexer com a realidade e de transformar a vida das pessoas através da leitura do texto literário. Nele podemos encontrar denúncias sociais importantes e podemos trazer isso a nosso favor através da dimensão que aquilo tem em nossas vidas:

Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis possíveis de compreensão, segundo o ângulo em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de social; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente este resultado, o texto, contendo os elementos anteriores e outros específicos que os transcendem e não se deixam reduzir a eles. (CANDIDO, 2000, p. 33)

A obra literária é capaz de fazer o ser humano, enquanto leitor, perceber a realidade que o cerca. Nos contos que estudaremos é perceptível que a magia da literatura perpassa toda a sua estrutura, suas complexidades e suas ambiguidades. As personagens mostram-se enraizadas num contexto histórico-social capaz de proporcionar ao leitor o deleite necessário ao entrar em contato com um texto literário de valor. Essas narrativas conseguem expor a mulher sobre vários prismas. Se, por um lado, a mulher é submissa nos contos agnaldianos, por outro ela se constitui também transgressora, desconstruindo convicções tradicionais, mesmo que sofram as punições a elas reservadas.

Assim, a construção da personagem feminina nessas obras emana do confronto entre o tradicional e o atual, o clássico e o moderno, o mito e a ressignificação desse mito na sociedade contemporânea. É justamente nessa perspectiva que Pandora, Lilith, Eva, Maria Madalena, Maria Antonieta, Medeia entre tantas outras personagens adquirem novos sentidos nas leituras construídas pelo contista. A profundidade existente ao analisar as personagens femininas construídas por um olhar masculino é um grande desafio, além de enriquecedor, pois ele apresenta ao leitor vários tipos de personagens que trazem bastante significado para as narrativas, como assevera o crítico: “a personagem vive o enredo e as ideias e os torna vivos”. (CANDIDO, 2009, p. 51).

Cada personagem é construída para articular, sustentar e realizar a história pretendida pelo autor, tornando a razão de ser das narrativas. Estudar essas narrativas e extrair delas elementos culturais, sociais e históricos contribui para transparecer as essências existenciais de cada personagem e fazer da leitura do texto literário uma grande descoberta.

Agnaldo Rodrigues, em seus contos, expõe a sociedade e muitos dos seus problemas sociais, como o erotismo, a dualidade da personagem de ficção, a inveja, a infidelidade, o medo, a culpa, o parasitismo, a morte como resolução de problemas, o sagrado, o profano, os mitos, a mitologia. Tudo é apresentado de dentro de uma contística envolvente e enigmática em que a personagem ganha corpo a cada desenrolar de enredo e a literatura abre espaço para múltiplos saberes. Nesse sentido, quando a ficção perpassa o muro do real e mexe com nossos sentimentos e emoções, pode-se dizer que a arte literária cumpriu uma de suas funções sociais, no caso, a de satisfazer nossas necessidades de ficção e fantasia, possibilitando de forma indireta o reconhecimento da realidade.

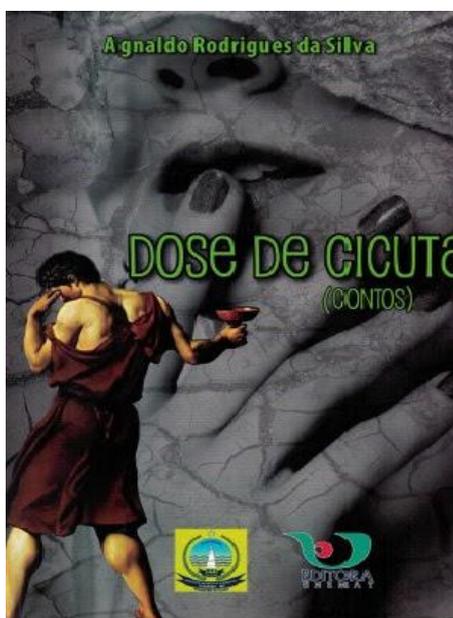
Dono de um estilo próprio, Agnaldo Rodrigues brinca com as palavras de forma harmoniosa, fazendo com que o leitor adentre em suas narrativas com os olhos voltados para criação do texto ficcional. Outra marca desse escritor é a forma como ele usa a presença do tempo em suas narrativas, sempre altamente psicológicas e, na maioria das vezes, tendo como protagonista a personagem feminina. Na tentativa de reproduzir o fluxo de consciência em seus contos através de suas personagens, o passado e o presente são mesclados, com um forte jogo psicológico misturando os dois em algumas de suas tramas. As personagens vivem histórias atreladas ao presente, passado e futuro e o tempo transcorre nas narrativas de forma a proporcionar que aspectos do real se estabeleçam na ficção e assim o autor consegue estimular a leitura de suas obras na contemporaneidade.

1.3 *Dose de Cicuta* (2011) e *Baú de Pecados* (2020): O *corpus*

Conforme anunciado no início deste capítulo, nesta seção da dissertação nos dedicaremos a expor de forma panorâmica as obras selecionadas que irão compor este *corpus*. Sendo assim, faremos pela ordem em que elas foram publicadas, a começar pelo livro *Dose de Cicuta*, lançado em 2011. A capa desse livro, produzida por Marcelo Dobelin, editora Unemat, Cáceres-MT, faz uma

referência à famosa pintura “A Morte de Sócrates”, do pintor francês Jacques-Louis David. Essa tela representa a cena de sua morte, por ter sido contra as ideias dos atenienses, acusado de corromper a mente dos mais jovens. Ele tinha a opção de ir para o exílio – e, portanto, desistir de sua vocação filosófica – ou ser condenado à morte, momento em que preferiu a morte. De vestes vermelhas, assim como no quadro, um discípulo de Sócrates segura a taça que contém um veneno conhecido como cicuta. Aos fundos, a imagem de uma mulher, com unhas e batom vermelhos e com os dedos na boca, insinua expectativa em relação àquele ato. Essa capa faz referência ao último conto que encerra a coletânea: “Uma Dose de Cicuta”. Vejamos:

Figura 1 – Capa de *Dose de Cicuta*



Fonte: Portal da Editora UNEMAT²

A partir desse momento, em que já descrevemos brevemente sobre a capa, daremos início à descrição dos 11 contos curtos, da forma como estão dispostos nos livros. O primeiro conto dessa coletânea chama-se “A Casa dos Anjos”. O espaço é um casarão antigo, geograficamente localizado e verificado no centro da cidade de Cáceres. Interessante ressaltar que esse casarão ainda existe e sua arquitetura remete ao período colonial do Brasil, em que as casas eram inspiradas no modelo europeu. O personagem central é o conde Wladimir, conhecido como Drácula. O narrador mostra-se onisciente. A história contada é da construção desse casarão

² Disponível em: <https://11nq.com/Dose-de-cicuta>. Acesso em: 10 dez. 2022.

que foi feito a pedido de Wladimir. Ele desejava que fosse belo e luxuoso, com pouca iluminação e com uma sala subterrânea, com a desculpa de ser cientista.

Na frente, colocaram duas estátuas de anjos, como se fossem sentinelas, para posteriormente dar-lhes vida. Era a mansão mais luxuosa das redondezas. Um dia apareceu uma jovem que lhe chamou a atenção. Desejou tê-la para si e a tornou uma vampira. Ela mostrou-se encantada com todo o luxo e hipnotizada por ele. Todas as noites os anjos saíam em busca de vítimas para saciar seu mestre, até que um dia esse sumiço de pessoas começou a incomodar a população que queria saber o que estava acontecendo.

Em “Apenas Ironias”, temos um personagem masculino, sem nome e rico. O cenário é a rua Sete de Setembro, centro. Narrador heterodiegético. O ambiente da história é tenso e com suspense. O protagonista vê um mendigo pedindo esmolas e dá-lhe um dinheiro. Porém, fica terrivelmente aborrecido com aquela situação. Menospreza essas pessoas e o narrador nos apresenta uma circunstância escancarada de desnível social, ricos e pobres e a fúria daquele senhor em relação àquele pobre homem que tanto o incomodava.

No texto “Fogueira de Vaidades”, temos o cenário de uma festa social onde esbanjavam-se riquezas e muito luxo. É nesse ambiente que os dois personagens principais vão para exibir a grande fachada sustentada por ambos. Ao adentrarem à festa, todos os olhares são direcionados a eles e vários sentimentos são aflorados nas pessoas à sua volta, como inveja, cobiça, vaidade, orgulho, arrogância. O casal é a atração do baile, pois vê-se neles o retrato da perfeição e essa era sua intenção verdadeira, passar uma imagem absolutamente idealizada de um casal perfeito, enquanto no âmago guardavam amarguras e desentendimentos comuns de qualquer pessoa, um casamento de aparências que apenas mantinha acesa essa fogueira de vaidades.

No conto “O Sorriso de Monalisa”, a personagem principal é o quadro da Monalisa, que parece ter vida própria. Temos um narrador onisciente e a história de um médico que trai sua esposa com suas pacientes, em seu consultório. O desenrolar dessa narrativa se dá ao mesmo tempo em que a pintura ri e é irônica em relação às cenas que vê. Era como se a obra de Da Vinci julgasse aquelas traições, aquela vida de infidelidade.

Já no texto seguinte, temos uma releitura da lenda urbana “A Loira do Banheiro”. Em “Pânico na Universidade”, o enredo desenvolvido é dentro de um

Câmpus onde, todos os dias, o reitor observa com malícia uma moça que passa por sua janela. Em seguida, os funcionários reclamam que os alunos estão dizendo que o banheiro está assombrado, que uma mulher estava aparecendo aos estudantes, pedindo socorro. Ela trazia um punhal cravado em seu olho esquerdo, sinais de cortes pelo corpo e algodão nas narinas. Em meio a esse desespero todos chamaram o bispo para benzer o lugar e outros recursos religiosos foram utilizados a fim de solucionar esse problema.

Também em “A Menina do Chapéu de Crochê”, inspirado na história da Chapeuzinho Vermelho, tem-se como protagonista uma menina que usa um chapéu de crochê vermelho confeccionado por sua avó. O narrador onisciente relata todos os acontecimentos vividos por ela, seus pensamentos e sentimentos mais profundos. Ele mostra uma jovem melancólica, que se sente culpada pela morte da avó. O desenrolar da trama se dá no Rio Paraguai, onde sai sozinha em uma canoa. À medida que navega pelo rio, vê paisagens maravilhosas que a deixam encantada, mas a tristeza continua forte dentro de si. Até que em um momento de agonia atirou-se no rio, onde acaba se afogando, devorada pelo lobo mau. Vê-se o lobo como representação da morte. No lugar onde afundou, depois flutuou uma linda vitória-régia, com uma flor vermelha enfeitando a parte superior. Observa-se nesse conto uma referência à lenda da Vitória-Régia, planta característica da região Amazônica.

A história seguinte, denominada “Indecências”, trata-se de uma viúva que, desde a morte do esposo, afastou-se de tudo para viver decentemente conforme exigia a sociedade. Só ia do trabalho para casa e vice-versa. O narrador onisciente relata todos os lugares em que ela passa nesse trajeto e algumas cenas sugerem indecências em sua cabeça. Repudiava essas cenas e à noite elas faziam parte de sua imaginação e fantasias. O conto nos traz uma mulher com duplicidade de comportamentos. O tempo da narrativa é cronológico e psicológico. Em seus sonhos noturnos, ela podia fazer tudo e na vida real censurava alguns comportamentos das pessoas e principalmente dela mesma. Percebe-se a mulher que transgride o sistema e a outra que zela pelos padrões sociais e morais dentro da mesma pessoa.

Em “O Cacto”, temos uma narradora-protagonista. É um texto carregado de metáforas que apresenta a vida de uma mulher com casamento em ruínas que procura satisfação em seu amante. O espaço é uma cidade grande. O enredo é amplamente psicológico, pois na cabeça dela há um fluxo grande de pensamentos descontrolados a respeito de sua infidelidade. O cacto é uma planta que, em meio às

loucuras da mulher, adquire características humanas. Ele está em seu apartamento onde é o lugar dos encontros, parecendo vigiar e condenar a sua conduta imoral. Está presente em toda narrativa, como um personagem secundário, observador. Ela sentia-se profundamente incomodada com aquela planta, que tanto parecia lhe julgar e reprimir.

Há, na narrativa, uma comparação do cacto seco com o casamento dela, haja vista que metaforicamente a sua união matrimonial secava aos poucos, tal como a planta. Assim, aquele cacto passa a ganhar outros significados, sempre repreendendo suas atitudes enquanto traidora. Sua mente a condena por estar ali com outro homem. Há um jogo fortemente psíquico, um contraponto constante entre o real e o irreal, o certo e o errado, o moral e o imoral, a transgressão e a submissão. Dentro desse delírio, ela parece matar o amante, pensando estar esfaqueando o cacto, desferindo nele golpes para se livrar das acusações. Ao fim, a polícia chega levando-a presa, deixando só o cacto que secará lentamente naquele apartamento, da mesma forma que ela naquela prisão.

Já no conto “Diabólica Exclusão”, o narrador observador relata a preparação de uma festa onde algumas pessoas eram convidadas e seriam mortas. Nesse conto, há a representação da exclusão social, a forma seletiva como a sociedade cria classes e subclasses e a forma como uma oprime a outra. As vítimas eram separadas por classe social e encaminhadas para a chacina. Os corpos eram retalhados um a um. Nenhuma vítima podia gritar, pois estavam amordaçadas, indefesas, silenciadas pela lei do mais forte: dominação. Era o espelho da dominação do rico sobre o pobre, opressor e oprimido. Foram três dias de assassinatos. O narrador, agora personagem, é chamado a ajudar nesse massacre.

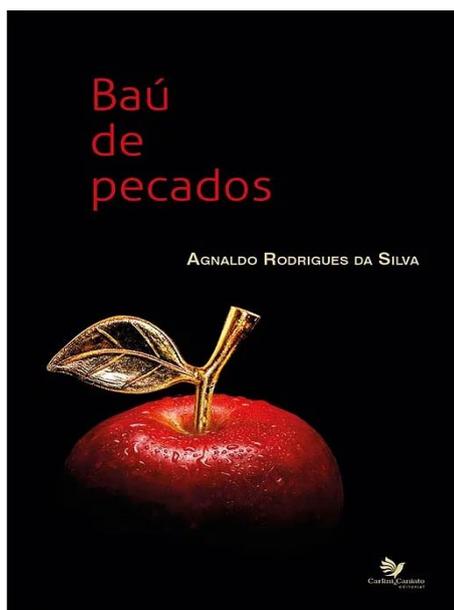
Adiante, o escritor homenageia a cidade de Tangará da Serra no conto “O Mistério do Pássaro da Serra”. Nele, Agnaldo Rodrigues engendra uma narrativa na qual demonstra o afastamento entre a história e ficção, a respeito da origem do nome dessa cidade. É a história de um pássaro misterioso, que vivia naquele lugar, num tempo muito remoto. Trata-se de um texto fantástico permeado por mistérios e magias. Ele sobrevoava a cidade todos os dias. Cantava um hino de louvor à vida com seu piado e deixava a todos intrigados com sua presença, pois as pessoas daquele lugar envelheciam e morriam, mas ele continuava sempre do mesmo jeito. Até que um dia alguém misteriosamente mata o pássaro e a cidade regride em todos os aspectos, tudo sai fora do normal e o caos se instala com sua morte. O mais

grave acontecimento surge pelo fato de nenhuma criança mais nascer com vida após a morte da ave. Diante de tal problema, toda a cidade se une a fim de resolvê-lo o mais rápido possível. Tentam de tudo e nada funciona, até alguém aconselhar a procurar o “sábio da montanha”, um velho indígena que saberia o que fazer.

Chegamos então ao último conto dessa primeira coletânea, chamado “Uma Dose de Cicuta”. O enredo traz uma protagonista feminina, sem nome, casada com um homem que a maltrata com palavras, agressões físicas e psicológicas. Torna-se subordinada a ele, aceitando tudo sem reclamar, pois não teria esse direito, enquadrando-se no que denominamos como mulher submissa. O narrador onisciente apresenta ao leitor uma personagem com dualidade de personalidade. Extremamente complexa, com uma carga emocional muito forte, ela oscila entre o mundo real e o onírico, imagina muitas coisas, mas não as realiza. Pensa em matar seu marido para se livrar de todo tormento que vive durante anos e, para isso, fantasia dar-lhe uma dose de cicuta, quando ele chegar em casa.

Neste momento, após a breve apresentação dos contos que compõem a primeira obra, passaremos ao sumário narrativo da segunda coletânea do autor, que tem como título *Baú de Pecados*, publicado no ano de 2020. Essa obra traz na sua capa – autoria de Elaine Caniato, editora Carlini & Caniato, Cuiabá-MT – uma maçã com talos dourados e um fundo totalmente preto, como se observa:

Figura 2 - Capa de *Baú de pecados*



Fonte: Portal da Academia Mato-grossense de Letras³

³ Disponível em: l1nq.com/Bau-de-pecados. Acesso em: 12 dez. 2022.

A fruta é a representação do pecado original, como ensina a Bíblia em Gênesis sobre a criação do mundo. Na maçã percebemos que o foco está somente na parte de cima da fruta, destacando a cor vermelha e o seu talo dourado. O vermelho simbolizando o proibido, o imoral, o atrativo e o pecaminoso. O dourado reluz inclusive na parte da folha que pode representar a ganância e a luxúria dos pecados capitais inseridos na alma humana, o que deixa ainda mais interessante, pois potencializa o fruto proibido e o torna cobiçável. As cores pretas e vermelhas simbolicamente são preferidas pelo autor para compor seus enredos. O preto surge atrás, contrastando com o vermelho e o dourado, trazendo profundidade e reforçando a ideia do livro, como simbolismo do princípio e do irremediável fim, também como o contrário de bem. Vemos que o título está escrito de vermelho, combinando com a maçã, e a cor preta que completa todo o fundo da capa ajuda a compor o clima de mistério em algumas narrativas nele apresentadas. De acordo com o livro *Psicologia das cores* “[...] as cores funcionam apenas como deixas. Quem conhece o simbolismo das cores poderá usar esse conhecimento em prol de seus interesses.” (HELLER, 2013, p. 510).

Neste momento, após uma pequena descrição da capa, daremos continuidade fazendo o sumário narrativo dos contos que compõem essa segunda coletânea. Temos, na parte inicial, o prólogo no qual o autor faz uma breve introdução das narrativas contidas na obra, as quais somam 16 contos curtos. Ele também apresenta um versículo de Gênesis sobre a cidade de Gomorra e tudo o que estava acontecendo naquele lugar. O relato da punição divina sobre Gomorra, os pecados capitais, tudo isso no prólogo prepara o leitor para aspectos que serão retratados nos contos, fornecendo perspectivas de leitura sobre as mais variadas transgressões e os castigos dos deuses sobre o ser humano.

Os três primeiros contos da parte “Mitos” são histórias que narram o momento da criação do mundo. No conto “A Ânfora de Pandora”, a personagem Pandora, da mitologia, protagoniza a abertura da ânfora que continha os males do mundo. Assim como nas outras histórias, nesta também se faz presente o narrador onisciente. Antes de casar com Epimeteu, Pandora ganhou de presente um colar de esmeraldas, que uma vez pertenceu ao titã Prometeu. A moça desenvolveu apreço pela peça e, com o desejo de proteger o item, guardou-a em uma das ânforas do Olimpo, a primeira sendo do Bem e a segunda do Mal, onde a colocou. Tudo acerca de sua história foi orquestrado por Zeus, para fazer com que surgissem o desamor, a

tristeza e a maldade. Ela foi feita à imagem e semelhança dos deuses, porém, mortal moldada do barro. Devido à sua criação, possuía sentimentos humanos, em essencial, a curiosidade. Sabendo que um dia ela sucumbiria à sua humanidade, Zeus a criou com a expectativa de realizar o que ele almejava. E de fato se cumpriu.

O conto seguinte, “A Insubordinação de Lilith”, retrata o momento após a criação do Éden. Era uma época de extremo patriarcalismo mitológico, em que a mulher jamais poderia ser a origem da raça humana. Portanto, criou-se Adão e, para não se sentir só, fizeram uma mulher como companheira. Ambos feitos do mesmo barro e semelhantes aos deuses. Imortais. O narrador nos apresenta Lilith como protagonista feminina da trama, personagem cheia de faces, e Adão como personagem secundário. O ambiente é caracterizado por inquietações vindas da cabeça da protagonista, o clima é de tensão com fluxos de consciência. Para os deuses criadores, a ideia de mulher era que esta fosse subordinada ao companheiro. Um dia Lilith, tomando consciência disso, contestou seus superiores sobre o fato de ser inferior a Adão, e estes, furiosos com sua audácia, transformaram-na em serpente, para que rastejasse sobre o próprio ventre como forma de castigo. Lançada de volta ao jardim, para assistir à felicidade humana em sua nova forma, veria de perto a subserviência de fato acontecendo com a concepção de Eva. Porém, como não era de seu feitio, abandonou o jardim e foi viver como bem quisera, até ser obrigada novamente a voltar.

Na sequência, temos o conto “O Paraíso Perdido”, em que Lilith dá continuidade à sua espera para realizar a vingança tão desejada. Permanecia no jardim, como serpente que presenciava a felicidade de Adão e Eva. Sua preocupação era cuidar da macieira, para usá-la a seu favor no momento oportuno. Um dia, Eva, tomada pela curiosidade, ousou atravessar o território proibido onde estava a macieira e Lilith. Queria provar o sabor daquela fruta tão bela e desejada. Foi até a árvore, onde a serpente ofereceu-lhe um único exemplar. Comeu-o e a partir daí a desobediência havia sido consumada. Quando acordaram no outro dia, tudo havia se perdido, inclusive o paraíso. Dessa forma, encerra-se essa tríade de contos que se relacionam com a criação do mundo.

Na segunda parte dessa coletânea, intitulada “Mitologias”, temos sete contos contemporâneos com os temas dos pecados capitais. O conto que dá início a essa parte chama-se “Avareza” e tem como protagonista a personagem Maria Antonieta. O enredo traz a história da personagem que tinha exagerado apreço aos bens

materiais. Gostava de ouros e diamantes, por isso esbanjava a riqueza em seu corpo. Porém, era uma mulher pobre de riquezas que o dinheiro não comprava. O conto nos mostra a personagem, em sua casa com os empregados, onde os trata mal, com arrogância e pede para economizar o máximo que puderem. Não quer gastar seu dinheiro, mostra-se sovina. Sua mania de economizar a faz ser chamada de “Maria Pão-duro”.

Na próxima história, com título “Preguiça”, a protagonista é Aurora, uma moça dominada pelo pecado da preguiça. Não se anima para nada, não tem ambições na vida, sente prazer apenas em dormir. No enredo, é chegado o dia do seu aniversário de 16 anos e ela sente que precisa sair para comprar um vestido para comemorar aquela data tão especial, mesmo não tendo nenhuma festa planejada. Teria que ser o mais lindo de todos. Em determinado momento encontra-o e fica deslumbrada com sua beleza, fantasias tomam conta de seu pensamento.

Apresentado pelo narrador, “Luxúria” tem como protagonista Maria Madalena. Uma mulher que mora numa cidade do interior, no início do século XX. Era uma localidade em que os padrões morais e sociais marcavam a conduta de seus moradores. Ela, que sempre foi dada a extravagâncias, roupas muito decotadas, batom vermelho nos lábios, uma prostituta completa, rompia com os padrões impostos. Num domingo, decide ir à missa com um vestido e batom vermelho, momento em que se vê mergulhada em fluxos de consciência nos quais reflete se deveria ou não comparecer à igreja.

Em “Gula”, Babete protagoniza o enredo como uma mulher recatada que vivia para o marido e filhos e que gostava muito de cozinhar. Essa personagem sentia enorme satisfação em fazer coisas gostosas para as pessoas apreciarem, pois aprendera com a avó, a mãe e a Tia Velha. Num domingo, convida sua amiga Magali e filhos para almoçar em sua casa. Essa amiga representa o pecado da gula. Com a mesa posta, um verdadeiro banquete de encher os olhos, a amiga fica perplexa com tantas coisas deliciosas que nem sabe o que comer primeiro. Todos ficam observando aquele comportamento impulsivo e desregrado. Atira-se com voracidade a fim de comer de tudo um pouco.

A próxima história a ser narrada é “Ira”, que tem como protagonista Medeia. É uma releitura do mito grego de Medeia. O conto inicia-se com ela entrando em seu quarto, chorando por ter descoberto a traição do marido, tomada pelo sentimento da vingança. A empregada de nome Corina traz água para que ela se acalmasse.

Medeia só pensava em como faria de tudo para ferir seu marido profundamente e a imagem dos filhos veio-lhe à cabeça. Ninguém conseguia acalmá-la. Corina rezava enquanto ela procura pelos filhos na casa. Eles estavam no quarto amedrontados pelo descontrole da mãe. Entretanto, cega de ira, Medeia vai até lá.

A narrativa seguinte chama-se “Inveja” e a personagem principal é Salomé. Uma mulher que gostava de se arrumar e era muito bonita e desejada. Chamava a atenção de todos por onde passava. O narrador onisciente faz a caracterização de uma mulher fatal, vazia, pois até então não encontrara um grande amor. Porém, um dia estava na praça e viu um moço que lhe chamou a atenção. Pensou por um momento que aquele homem poderia vir a amá-la, como ela também poderia corresponder a esse sentimento. Entre uma conversa e outra, aparece uma mulher que era por quem o moço esperava. Salomé desejou ser aquela moça, vários sentimentos passavam por sua cabeça. Sentiu inveja. Queria ter o que não era seu, a bolsa, o celular, o namorado, enfim a inveja era seu ponto fraco.

Em “Soberba” é apresentado o pecado da vaidade, o último desta parte referente aos pecados capitais. A princípio, o narrador fala o nome de Cassiopeia, rainha da Etiópia, mito grego, conhecida pela beleza e arrogância. A personagem Narcisa é a protagonista dessa trama, mulher que gostava de apreciar sua beleza. Vemos então uma alusão ao mito de Narciso, porque possuía excesso de amor próprio e era o símbolo do individualismo. Nesse caso, a carga simbólica da protagonista é grande se comparada a dois outros mitos conhecidos por sua vaidade, introduzidos inicialmente neste conto. Ela era o retrato da vaidade. Fora criada como uma rainha pelos pais e sua vaidade foi crescendo cada vez mais. Sentia-se de fato uma rainha. Aos olhos das outras pessoas era perfeita e isso a deixava muito satisfeita, pois seu ego extravasava arrogância. Era uma moça bela, mas oca por dentro, alimentava sua vaidade e se esquecia dos outros sentimentos.

Dando continuidade a esta explanação, chegamos à parte denominada “Lendas e Crenças” e o próximo conto a ser apresentado neste resumo é “A Sibila”. Este conto traz a história de destruição da cidade de Pompeia, na Itália, pelo vulcão Vesúvio, em 24 de agosto de 79 d.C. Quem protagoniza a narrativa é Cassandra. Na mitologia, Cassandra era filha do rei e da rainha de Troia e tinha o poder de prever o futuro, poder este dado pelo deus Apolo. Cassandra previu nesse conto a destruição de Pompeia pelo vulcão. Sentia-se mal com sua previsão, fez de tudo para esquecer, para que não acontecesse, porém nada adiantou. Até que em um dia de

festa na cidade inicia a desgraça prevista por ela. Houve muito desespero, terror por todos os lados, choros, ninguém escapou da morte, nem mesmo ela.

Em “As Marias Encantadas”, o misterioso e a magia se entrelaçam com a ficção em vários momentos. Temos de forma clara a relação deste conto com alguns outros da literatura clássica e as narrativas fantásticas. O clima é de magia, fantasia. Segundo Tzvetan Todorov (2006, p. 150): “Existem narrativas que contêm elementos sobrenaturais, mas onde o leitor nunca se interroga acerca de sua natureza, pois sabe que não deve tomá-los ao pé da letra”. O narrador na diegese apresenta-se em terceira pessoa. As personagens principais são as crianças João e Maria que vivem em uma fazenda no pantanal mato-grossense. No enredo, as crianças foram passar as férias na fazenda da avó Elvira. Lá elas inventavam muitas brincadeiras para passar o tempo e brincar de catar vaga-lumes era uma das preferidas.

Nesse enleio, uma estrela no céu chama a atenção das crianças por ter um brilho intenso. Em certo momento, João vê uma estrela caindo do céu e isso o deixa fascinado. Maria lhe diz que quando uma estrela cai do céu é preciso fazer um pedido. Então pediram que vivessem uma grande aventura nessas férias: queriam conhecer as estrelas. Nesse momento a avó chamou-os para dentro de casa. Como fazia todos os dias, iria contar histórias envolvendo o fantástico. Ela decidiu contar a história das Marias Encantadas. Era a história de uma família constituída por pai, mãe e três filhas, no cenário do Pantanal, que foram enganados por uma velha ao dizer que se comessem as sementes oferecidas por ela nunca mais sentiriam fome, situação semelhante à história de *João e o pé de feijão*. Com a inocência de criança, confiando naquela senhora, as meninas fizeram aquilo que lhes fora proposto. Dessa forma, a velha tomou para si a juventude das pequenas Marias, condenando-as a ficarem eternamente no céu. A avó termina a história dizendo que até hoje as Marias aguardam o momento de voltar à vida e libertarem-se da maldição da bruxa.

Dando continuidade ao clima sobrenatural, temos agora “Réquiem”. Este é um pequeno conto que tem como base a história de uma embarcação que há muito tempo passou por Cáceres através do Rio Paraguai. O navio Etrúria descrito na história era um gigante a vapor que, além de trazer mercadorias para serem vendidas, também era como um luxuoso cruzeiro. O Réquiem a que se refere o conto é a melodia fúnebre da catástrofe que ocorreu com a nau devido às turbulências nas águas pantaneiras do grande Rio Paraguai. O barulho do vento, os móveis caindo, a tempestade lá fora, a movimentação agitada das águas, os gritos

dos passageiros, tudo isso em harmonia formando um som único de desespero. Barulho este que embalou o naufrágio do famoso Etrúria, nas misteriosas águas que cerceiam a cidade, onde uma vez, no passado, Vila Maria carregaria em suas memórias a história dessa enorme embarcação que um dia navegou por lá.

Nos “Contos de Sexta-Feira”, temos como protagonista um sujeito chamado Policarpo. Era um homem adepto às tradições. Muitos são os ritos que rondam o dia de Sexta-feira Santa no imaginário popular e essa história retrata uma dessas situações de desrespeito com o sagrado. Em um determinado dia de Sexta-Feira Santa, na cidade de Cáceres, Policarpo acordou incomodado com as tradições e parecia querer transgredir os rituais sagrados comumente proibidos e assim o fez.

Baseado em uma lenda de Cáceres, “O Cumbaru de Ouro”, criado pelo autor e narrado pelo protagonista, refere-se a uma antiga árvore que se faz presente na memória cultural daquela cidade desde muito tempo. Em torno de sua existência surgiram algumas lendas e uma das mais conhecidas é a que o narrador reconta. O espaço onde é narrada a história é o bairro Lavapés, um lugar afastado do centro, num sítio da família de sua avó paterna. A história começa com a apresentação desse espaço e a descrição daquela noite em que a avó contava essa história, vivida há anos, para ele e seus primos quando eram crianças.

Ela inicia a narrativa dizendo que seu esposo, Antônio Guampa, havia ido à cidade para vender suas produções, como era de costume. E, nesse dia, acabou distraído no bar e quando deu por si já era quase meia-noite. Hora essa em que coisas misteriosas acontecem na tradição popular. Por um descuido, toma caminhos errados e dá de frente com o misterioso Cumbaru de Ouro. Segundo Todorov (2006, p. 148): “Somos assim conduzidos ao âmago do fantástico. Num mundo que é bem o nosso, tal qual o conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado”. Desse ponto em diante, o leitor adentra ao mundo misterioso através da personagem feminina que habita aquele lugar. Diziam que um tesouro havia sido escondido atrás daquela árvore frondosa e que ali existia uma mulher misteriosa. Quem tivesse ousadia e coragem podia desenterrá-lo e ficar rico para sempre. Então, seu avô, mesmo com medo, decidiu averiguar.

O último conto a ser apresentado é “O Minhocão de Cáceres”, outra lenda urbana famosa. Nele a protagonista é a personagem Tia Margarida, uma senhora descrita com muita rigidez nas palavras e de pouco humor que guardava muitas sabedorias, principalmente em relação à credence popular. O espaço é a cidade de

Cáceres. O conto transita entre o fantasmagórico e o real. É uma lenda que será recontada por alguém que viveu e ocupou um espaço real. Nesse dia, após conversas ouvidas pelas crianças sobre a lenda do Minhocão, a tia resolveu contar o caso como de fato aconteceu. Afirmando sempre a veracidade dos fatos, pois era uma pessoa séria que não gostava de mentiras. As crianças ouviam de olhos arregalados, pois a lenda remete ao sobrenatural, àquilo que não se pode comprovar, nem duvidar.

Para Todorov: “O fantástico ocupa o tempo dessa incerteza, assim que escolhemos uma ou outra resposta, saímos do fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso”. (2006, p. 146). A tia conta que, naquela época, quando menina, estavam construindo a catedral da cidade a qual teria o nome do padroeiro. A partir de então, coisas estranhas começaram a acontecer em seus arredores, onde ficavam os sítios e as fazendas. Coisas tão bizarras que fizeram até Nossa Senhora descer dos céus para proteger e amparar os amedrontados cidadãos.

Na parte do epílogo, o autor fecha essa coletânea mencionando a cidade de Gomorra, com um versículo de Gênesis sobre a destruição da cidade, que esteve na antiguidade abaloada de pecados e que, por ser um lugar pagão, não existia pureza, paz e bondade. O autor também relaciona os pecados capitais à personagem mitológica Pandora que abriu a ânfora e trouxe todas as desgraças para o mundo. A expulsão do Paraíso e o fim de Gomorra são retomados, como no prólogo, que desencadeia toda a narrativa. Talvez seja uma forma de encerrar essa coletânea fazendo ligações entre todos os textos aqui descritos.

Enfim, como proposto anteriormente, encerramos aqui o sumário narrativo das duas coletâneas que compõem este *corpus*. Essa visão panorâmica teve por objetivo mostrar a escrita do autor, seus enredos e suas criações literárias, a fim de que mais pessoas possam conhecer suas produções e também fazer uma crítica em relação ao conteúdo de suas narrativas, a sua linguagem e sua forma de escrita peculiar e criativa. Quanto aos pecados, estes continuam vivos na humanidade e presos neste baú. Com ironia, o narrador pede para nunca o abrirem. Golpe de mestre, humanos que somos, tomados pela curiosidade e com a desculpa da “carne fraca”, seria uma tentação não o abrir. Cabe ao leitor essa decisão.

Faremos uma breve apresentação do patriarcado e veremos de forma ampliada as várias faces do feminino em suas composições, sob múltiplas

perspectivas de mulher, atreladas à força do patriarcalismo sempre presente na sociedade. Ao final, apresentaremos uma análise do conto “Uma Dose de cicuta” disposto no livro *Dose de cicuta* (2011), em que a protagonista da trama é uma mulher com características de submissão.

CAPÍTULO II

Guerra de vinte anos – pensou com os olhos fixos no tempo.

(SILVA, 2011, p. 79)

2 O PATRIARCADO E O FEMININO

A reflexão histórica acerca do conceito de patriarcado e a dinâmica assentada na experiência vivida por mulheres, como se sabe, coloca em evidência as relações sociais hierarquizadas que contribuíram, por muito tempo, para o desalinhamento, subalternização e subjugação destas.

O clássico, fecundo e instigante estudo da filósofa Simone de Beauvoir⁴, intitulado *O Segundo Sexo*, livro escrito no final da década de 1940 e publicado em 1949, lança um olhar sobre a condição feminina e, provocativamente, coloca em relevo o emaranhado de "mitos" que levava as mulheres a submeterem-se ao "eterno feminino":

Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (BEAUVOIR, 1967, p. 5)

Contudo, complementa em outro parágrafo inicial:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

A problematização da situação da mulher como uma construção social e histórica, na perspectiva de Simone de Beauvoir, foi enriquecida ainda mais pelas análises de outras intelectuais e teóricas mundiais, das várias áreas do conhecimento (sociologia, antropologia, filosofia política, psicanálise etc.), conforme

⁴ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Parceira de vida de Jean-Paul Sartre, também filósofo existencialista que com ela e Maurice Merleau-Ponty criou a célebre *Revue Les Temps Modernes*. Para a teoria feminista, *O Segundo Sexo* (1949) se torna um dos bastiões da crítica à condição de opressão das mulheres.

testemunhamos na atualidade. Neste tópico, apresentaremos algumas discussões em torno do patriarcado e de sua presença na contística agnaldiana. Faremos um passeio pelas suas obras a fim de demonstrar vestígios dele em sua escrita.

Existe uma constante força relacionada ao poder do homem em relação à mulher. Vemos que em alguns contos a mulher é vista como subalterna, ser inferior em relação à sua posição social. Às vezes, é usada pelo homem para conseguir seus propósitos, porém, nunca é vista em posição de igualdade e nem valorizada como deveria. Entretanto, está sempre presente nos contos e tem papel de destaque na maioria das narrativas dessas coletâneas que serão investigadas neste trabalho. Ao final deste capítulo, adentraremos ao conto “Uma Dose de Cicuta”, no qual encontraremos uma personagem com o perfil de submissão, fruto do patriarcado existente na sociedade. Nele, vida e morte se fundem num dilema pessoal e provocador. De um lado, a estabilidade promovida por um casamento de anos e, por outro lado, a busca pela libertação de sua própria vida. Opostos que se atraem e que duelam durante todo enredo.

2.1 O Patriarcado na contística de Agnaldo Rodrigues da Silva

Agnaldo Rodrigues da Silva é um escritor pertencente a um novo estilo artístico contemporâneo. Destaca-se com a escrita de contos que compreendem a exaltação do sexo feminino, um estilo voltado para o gótico, textos autobiográficos e autoficção, ou seja, uma contística voltada a dramas humanos, principalmente apresentando grande imersão no interior de suas personagens nas quais o psicológico demonstra sempre fraquezas humanas e cotidianas da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, a discussão em torno do patriarcado é essencial para o aprofundamento do aspecto social das narrativas em que se percebe a influência dele na construção das protagonistas e o aspecto histórico-social em que estão inseridas. Nesse sentido, a estudiosa do assunto sobre patriarcado e a mulher, ensaísta e socióloga Heleieth Saffioti, em seu livro *O Poder Do Macho*, declara:

Calcula-se que o homem haja estabelecido seu domínio sobre a mulher há cerca de seis milênios. São múltiplos os planos da existência cotidiana em que se observa esta dominação. Um nível extremamente significativo deste fenômeno diz respeito ao poder político. Em termos muito simples, isto quer dizer que os homens tomam as grandes decisões que afetam a vida de um povo. (SAFFIOTI, 1987, p. 47)

Torna-se necessário o estudo sobre o patriarcado para que o leitor possa compreender algumas personagens criadas por esse autor que são reflexos desse modelo social que coloca a mulher em desvantagem em relação aos homens.

“Patriarcado”, em sua etimologia, deriva do latim *patriarchatus*. Morfologicamente se dá pela junção da palavra “patriarca” com o sufixo “-ado”. Quanto à sua classe de palavras, é um substantivo masculino. O significado corresponde, segundo o Dicionário *on-line* de Português, a um:

Sistema social segundo o qual os homens estão no centro, como chefes de família, na vida social e política, na transmissão de valores patrimoniais pelo lado paterno. Tipo familiar caracterizado pela preponderância do pai sobre todos os demais membros da tribo. Dignidade ou funções do patriarca, do chefe de família, da pessoa que, por ser mais velho, deve ser respeitado, obedecido ou venerado. Território submetido à jurisdição de um patriarca. (RIBEIRO, 2021, on-line)

Logo, o patriarcado ganha destaque dentro dos contos analisados, compreendendo uma importância significativa, haja vista que o homem se sobressai frente à mulher na maioria das situações da vida social. Por conseguinte, as reflexões em torno desse *status quo* acabam se tornando o alicerce de construção para a sua obra ficcional. Apesar de companheira e essencial para sua existência, a mulher sempre foi menosprezada e colocada em sentido de inferioridade em relação ao papel desenvolvido pelo homem.

Em seus contos, Agnaldo Rodrigues procura dar visibilidade a essas questões, colocando a mulher como protagonista de suas narrativas, dando-lhe papel de destaque. Ele não poupa nenhuma mulher, desde as épocas mitológicas até a contemporaneidade. Vemos que todas ganham vida nos enredos e desempenham funções de destaque em cada conto analisado. Não há como desvencilhar a mulher e sua função social nas histórias desse autor e na história em si. Ela aparece nos mais variados contextos e protagoniza grandes histórias, bem como na posição de personagem secundária também.

Embora na sociedade patriarcal era comum elas serem retratadas somente dentro dos lares, cuidando dos filhos e do marido, na literatura, ao longo dos tempos, as mulheres passaram a ocupar novos espaços e a dar vida a personagens multifacetadas. Outrossim, no patriarcado temos uma construção que favorece os homens, que são exaltados como pai, senhor e chefe de tudo. A mulher por muito

tempo foi silenciada pelo poder do macho, muitas vezes reproduzindo o discurso machista sem ao menos perceber ou entender a profundidade e as consequências que aquilo poderia ganhar no futuro:

Na verdade, estes traços de personalidade são adquiridos ao longo do processo de socialização. As próprias mulheres acabam acreditando que são menos capazes de fazer ciência que os homens, uma vez que não sabem usar a razão. Acabam por desenvolver desproporcionalmente a dimensão afetiva de sua personalidade, em prejuízo do aspecto racional. Logo, não sentem confiança em si mesmas, o que as impede de lutar mais vigorosamente para mudar a situação. A ideologia machista, que considera o homem um ser superior a mulher, não entra apenas na cabeça dos homens. Também as mulheres, majoritariamente, acreditam nestas ideias e as transmitem aos filhos. Quando proibem os filhos de chorar, alegando que "homem não chora", e exigem que as filhas "se sentem como mocinhas", estão passando aos mais jovens este sistema de ideias que privilegia o homem em prejuízo da mulher. (SAFFIOTI, 1987, p. 34)

O homem tornou-se o centro de tudo, destacando-se muito mais que a mulher em todos os aspectos sociais, principalmente na política. A ela coube afazeres de uma subalterna. Sempre vista sem capacidade para o trabalho, os estudos e a ciência. Às vezes submissa ou não, é essa mulher, transformada em personagem, que debruçamos nosso estudo e nosso foco principal ao investigar essas duas obras desse autor. Temos aqui, neste trabalho, as duas concepções de mulheres: as que transgridem os padrões sociais e as que se mantêm dentro daquilo que a moralidade espera de cada uma. Procuram viver sem transgredir as regras impostas e manter sua vida dentro da perspectiva familiar, no âmbito da moral e dos bons costumes. Era necessário que assim o fizesse para que não sofressem as penalidades da transgressão. O seu lugar estava definido há muitos anos.

Nesta parte do trabalho, abordaremos e daremos destaque à posição que o patriarcado ocupa nessas narrativas na construção das personagens femininas que representam as mulheres e sua posição social. Nesse enleio, a historiadora, escritora e professora Gerda Lerner, em seu livro *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens* (2019), faz um estudo sobre o surgimento do patriarcado e como as mulheres passaram por esse processo ao longo do tempo, sendo vistas como seres inferiores ao aceitarem essa condição na sociedade em que o homem comandava todo sistema. A superioridade masculina era aceita como normal e não havia nenhuma objeção, nem mesmo por parte das próprias mulheres:

A questão é que homens e mulheres sofreram exclusão e discriminação por

razões de classe. Mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenham sido. As mulheres foram impedidas de contribuir com o fazer História, ou seja, a ordenação e a interpretação do passado da humanidade. Como esse processo de dar significado é essencial para a criação e perpetuação da civilização, podemos logo ver que a marginalização das mulheres nesse esforço as coloca em uma posição ímpar e segregada. As mulheres são maioria, mas são estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria. (LERNER, 2019, p. 25)

Para as mulheres, muitas desvantagens eram vistas pelo simples fato de serem mulheres, de gerarem vidas, de se debilitarem com a gravidez, com o fluxo menstrual que todo mês tinham, com a dedicação que deveriam ter com os filhos e com a família. Tudo isso ocuparia todo seu tempo e sua disponibilidade, tornando-as impróprias para o trabalho e para a vida social.

Ao homem, competia sair de casa e deixá-la ao comando das esposas. Era ele o provedor, o senhor de tudo, aquele que resolve todos os problemas e se engrandece, ainda mais em relação à esposa, que cada vez mais era vista sem aptidão física e intelectual para a vida fora do ambiente familiar. Por ser mulher, não podia trabalhar fora, estudar, relacionar-se com outras pessoas, divertir-se. Era fadada ao seu mundo particular que compreendia sua casa, seus afazeres e seus empregados, quando os tinha. Ou seja, tudo que fazia era de acordo com o esposo e com as convenções sociais. Por muito tempo essa condição social foi considerada normal e aceitável.

Entretanto, as reflexões e os estudos dessa escritora esclarecem muitos pontos que precisamos compreender para discutir sobre a mulher nos dias atuais. Seria impossível falar da mulher de hoje sem estudar a história das mulheres do passado. Para ela: “O período do ‘estabelecimento do patriarcado’ não foi um ‘evento’, mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500 anos, de cerca de 3100 a 600 a.C. Aconteceu, mesmo no Antigo Oriente Próximo, em ritmo e momento diferentes, em sociedades distintas” (LERNER, 2019, p. 29). Uma época intensa que enquadrava a mulher num sistema de resignação e inferioridade absoluta que, muito tempo depois, ainda dá muito trabalho para fazê-la se desvencilhar desse lugar e dessa posição social.

No conto “Indecências”, a protagonista da trama é uma senhora viúva que vivia amarrada às convenções sociais e tudo o que via lhe parecia imoral e escandaloso, pois para ela manter sua postura de mulher direita era uma obrigação:

Recato impecável. Sempre de vestidos longos e de cores escuras a pender para o cinza e o preto, ela descia todos os dias para o trabalho. Nunca dirigia os olhos a qualquer um que fosse, muito menos aos homens que lhe cruzavam a frente, ainda que um deles a olhasse e emitisse sons indelicados. Ela ignorava, fingindo que nada era consigo. (SILVA, 2011, p. 53)

Essa protagonista vive de dia sua rotina normal e à noite dá vida a seus desejos e instintos que durante o dia era obrigada a esconder. O fato de ser viúva enfatiza ainda mais sua posição de recatada, porque uma mulher viúva precisa se comportar bem na sociedade para continuar a ser aceita dentro da moralidade que lhe é exigida. Ela demonstra ser uma mulher com duplicidade de personalidade, pois encontra-se dividida entre suas vontades e as convenções sociais. As cenas que vê durante o dia no percurso para o trabalho e na volta para casa mais tarde ganham vida em suas fantasias. Julga tudo como imoral, mas no fundo gosta das experiências que realiza em seus sonhos toda noite. Alimenta-se continuamente das cenas diárias para manter-se viva.

Nesse conto, a mulher é vista sob a ótica da inferioridade feminina, pois o homem é o centro de tudo. Caracterizada como viúva, ela teve uma vida subestimada e dedicada ao esposo e agora precisa se esforçar para manter esse mesmo padrão dentro da sociedade e ser respeitada pela memória de seu esposo. Jamais pode dar luz a seus desejos para não ser excluída e impedida de frequentar os lugares que sempre esteve com o marido. Porém, sua vontade também precisa ser suprimida. Nota-se que o que era correto e aceitável dentro da moralidade para ela não tinha graça nenhuma. O que lhe dava prazer era vivenciar à noite, nem que em sonhos e delírios, as cenas que via durante o dia. Beijos calorosos, cenas picantes invadiam seus pensamentos de forma estrondosa. Entretanto, seus julgamentos eram como se tudo que visse fosse imoral e indecente, pois, foi proibido a mulher sentir ou expressar o gozo no âmbito sexual - “mulheres direitas” - não gozam e servem do sexo apenas para prociar.

Essa personagem, provavelmente criada sobre o regime patriarcal, tem no esposo, mesmo que falecido, a obrigatoriedade de respeitá-lo e de conduzir sua vida como se ele estivesse vivo. Não poderia jamais ousar em pensar desafiar os paradigmas sociais e viver sua vida conforme a inquietação dos seus desejos ocultos, dos seus desejos carnis, pois recairia sobre ela toda exclusão e discriminação que as pessoas têm em relação a uma viúva que rompe com a

conduta moral antes preservada. Logo, ela prefere viver conforme sempre vivera, sem transgredir fronteiras nem se libertar. E no desfecho mostra-se sozinha, seguindo sua vida de sempre: “Depois, tomou banho, café da manhã e foi para o trabalho...” (SILVA, 2011, p. 55). Observa-se que o patriarcado é bastante impregnado na narrativa, visto que a mulher vive à sombra do marido, não transgredir leis nem paradigmas, por inúmeros motivos decide manter-se fiel às tradições. O marido, mesmo morto, ainda influencia sua vida de forma autoritária.

No conto “Uma dose de cicuta”, a protagonista é uma senhora casada que vive de acordo com as imposições do esposo. Ela, mulher recatada, submissa, é humilhada e agredida diariamente pelo seu parceiro. Este, um senhor machista, violento e cruel que maltrata a esposa mantendo-a somente para servi-lo e aguentar seus desaforos. É apresentada ao leitor uma narrativa densa, amplamente psicológica, intermediada pelo tempo cronológico em que os fatos acontecem. Os acontecimentos transcorrem durante o dia até o momento em que o esposo chega do serviço. Nesse espaço de tempo, ela relembra como foram todos esses anos em companhia daquele homem repugnante, vinte anos de casada vivendo infeliz e sem perspectiva de um futuro melhor. Dentro desse fluxo de pensamentos, pensa em acabar com aquilo naquela noite, pois estava pretendendo dar-lhe uma dose de cicuta quando chegasse com objetivo de matá-lo e se libertar de vez daquela situação de opressão.

Como é comum no patriarcado, a mulher vive somente para o lar e, nesse conto, vemos exatamente isso. A agressividade do marido era facilmente aceita, assim como situações de submissão e humilhação. Contudo, essa protagonista não consegue cumprir com o planejado e à noite, quando o esposo chega do serviço, ela não faz nada de diferente, além de esperá-lo como todos os dias com um sorriso nos lábios. O esposo trata-a mal como sempre fez e ela pensa na oportunidade que teria e não realizou. De fato, a mulher é retratada no conto como inferior, uma pessoa que não saiu para trabalhar, para buscar sua independência financeira e crescer intelectualmente. O foco todo está na personagem feminina e na denúncia de uma condição social que prevaleceu por séculos em nossa sociedade e ainda permanece. Vemos na atualidade muitas mulheres que se submetem a tal papel e que, por inúmeros motivos, não conseguem dar um passo à frente para se libertar dessa situação de opressão que vivem dentro dos lares ocasionado por um companheiro agressivo que faz com ela o que bem quer. Trata-se de uma triste

realidade que existe em algumas famílias e que causa traumas irreparáveis nas mulheres e em seus filhos.

No livro *Baú de pecados*, percebemos a presença do patriarcado no conto “A ânfora de Pandora”, em que a protagonista é submetida a uma série de armações causadas por Zeus, figura onipotente que representa toda superioridade masculina. Na história, Pandora ganhou de Zeus um colar de esmeraldas, uma joia valiosa de uma beleza inconfundível, e colocou-a na ânfora em que guardava todos os males do mundo, lugar mais improvável de ser mexido. Na ânsia de resgatar o colar, ela abre a ânfora e liberta as doenças e os pecados sobre o mundo. Após esse episódio, foi condenada e amaldiçoada, não teve filhos e desapareceu da face da Terra. Ou seja, o primeiro exemplar humano de mulher na mitologia grega foi punido pela sua desobediência, mas a punição adveio de um estratagema criado por um ser do sexo masculino que deliberadamente criou condições para o fracasso da mulher.

Em seguida, após o fracasso da criação de Pandora, temos a figura da Lilith que também é um projeto de primeira mulher que não deu certo. Ela viveu numa época “de extremo patriarcalismo mitológico, a mulher não poderia se tornar a origem da raça humana, era preciso pensar em um homem, sem curiosidade, um ser obediente”. (SILVA, 2020, p. 20). Portanto, sua criação não vingou, porque era extremamente insubordinada, não se conformava com o fato de ser submissa a um homem, queria ser igual, ter os mesmos direitos, as mesmas oportunidades. Um dia Lilith acordou revoltada com a submissão, pois não aceitava mais aquela condição.

Adão procura Zeus para falar as coisas que ela havia lhe dito e ele a transforma em serpente. Inconformada, foge do paraíso e se aventura com o anjo expulso do reino. Adão, sentindo-se solitário, pede para que ela volte, mas ela rejeita, o que dá início a uma guerra que termina com a derrota de seus aliados. Ao final, decide retornar ao paraíso, mas recusava a subalternidade. Em forma de serpente, rastejou à espera do momento certo em que faria sua vingança, pois soube que outra mulher seria criada. Assim, cria-se Eva da costela de Adão, a companheira perfeita: “Adão olhou-a com autoridade e sentiu nela fragilidade. Ela olhou para ele com resignação, a cabeça baixa sinalizava uma peculiar submissão” (SILVA, 2020, p. 24). Portanto, mais uma história de submissão ao patriarcado que dominava o mundo desde a época mitológica. Neste conto, Lilith era transgressora, porém sofreu as consequências por não cumprir as regras impostas por Zeus.

Em “O paraíso perdido”, temos a personagem Eva, mulher obediente, criada

para ser subserviente a Adão em todos os sentidos. Enfim, estavam criados o homem e a mulher, viviam felizes no paraíso. Lilith habitava no lado proibido esperando o momento certo para oferecer a maçã para Eva e assim completar sua vingança definitivamente. Aguardou muito tempo para que esse momento chegasse. A ordem dada para os dois era: “Não debes se aproximar da macieira, muito menos bulir nos frutos” (SILVA, 2020, p. 26). Isso fez com que Eva ficasse curiosa para saber o que havia do outro lado do paraíso e que gosto tinha essa fruta. Um dia não resistiu a tamanha curiosidade e foi até lá. A serpente ofereceu-lhe um fruto que experimentou e depois deu para Adão provar. Este se engasgou com um pedaço, porém estava consumada a desobediência e eles foram expulsos do paraíso. Conheceram o pecado e as futuras gerações sofreriam as consequências desse ato. Toda inocência foi tirada e foram jogados ao mundo de forma cruel e impiedosa.

Eva não obedeceu aos deuses, transgrediu a lei maior e sofreu as consequências. Não queria ser insubordinada, porém a curiosidade levou-a às profundezas do abismo. Estavam felizes, tinham de tudo, não precisavam trabalhar para comer, não sentiam dores, enfim, tudo estava perfeito, até a atitude de Eva botar tudo a perder. A força do deus maior recai sobre eles com toda ira possível, fazendo-os sofrer até a última geração. Recaiu sobre uma mulher novamente a libertação dos pecados. Como Pandora, personagem que desobedeceu ao deus maior, Eva também ficou responsável por libertar os males do mundo.

O patriarcado impera nessas narrativas compostas de fragmentos que dão visibilidade ao homem como ser superior e a mulher como ser inferior. A mulher viverá sempre à sombra do patriarca? Desde as narrativas antigas às modernas observamos o percurso do patriarcado em toda a sociedade. Muitas o trazem como eixo central de seus enredos. Ele é como uma ferida que segue aberta por milênios, inspirando histórias por todo o mundo, tendo como centro o protagonismo masculino e a subalternidade feminina.

Contudo, às custas da opressão feminina, os homens construíram enormes muralhas que os separam entre gêneros. Diferentes em partes e iguais em outras, homens e mulheres constituem esse mundo, um preenchendo a vida do outro. As mulheres caminharam por muito tempo às margens da sociedade e hoje buscam seu lugar no mundo. O lugar que elas querem estar, não o lugar em que as colocaram por todos esses anos.

Muitas vieram antes de nós e fizeram história e muitas ainda virão

construindo uma nova história para as mulheres. Para a escritora Virgínia Woolf, no decorrer da história, as mulheres funcionavam como um espelho para o homem, mas com o dobro de tamanho, pois são essencialmente importantes na vida dele:

Sentindo que temos alguma superioridade inata – pode ser riqueza ou posição social, um nariz afilado ou o retrato de um avô pintado por Romney –, pois não há limite para os patéticos recursos da imaginação humana – sobre as outras pessoas. Daí a enorme importância para um patriarca que tem de conquistar, que tem de dominar, de sentir que um grande número de pessoas, a rigor, metade da raça humana, lhe é por natureza inferior. De fato, essa deve ser uma das principais fontes de seu poder. (WOOLF, 2004, p. 41-42)

Estamos caminhando para um lugar idealizado por mulheres que enxergaram muito além de sua época, afinal: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949, p. 9), pois colocadas numa sociedade onde já há um lugar definido, fruto de muitos anos do patriarcado, muito pouco há de se fazer. Para que haja mudança é preciso que elas rompam com as barreiras sociais e façam valer suas ideologias, suas vontades e, para isso, é preciso muita coragem para lutar contra um sistema altamente machista e excludente. Ir contra a dominação falocêntrica é uma tarefa que exige muito esforço e perseverança para as mulheres.

Porém, é uma luta que trará liberdade para a mulher ser o que ela quiser, independentemente da sociedade a que pertença. Muitos estudos voltados para o campo da emancipação feminina ainda haverão de ganhar força e visibilidade. E a mulher ganhará um espaço maior na sociedade, poderá criar uma nova geração de mulheres que ocuparão seus espaços com mais naturalidade e consciência. Para isso, é preciso avançar nos estudos, ampliar a sua capacidade de entendimento. De acordo com o que afirma Woolf (2004, p. 51): “Tudo pode acontecer quando a feminilidade tiver deixado de ser ocupação protegida”, para isso a mulher tem de batalhar por mudanças de ordem social, econômica, política e cultural, bem como superar as barreiras do patriarcado e a discriminação de gênero.

2.2 As multifaces do feminino em destaque

Neste momento, adentraremos nos livros de contos, a fim de encontrar representações do feminino na escrita agnaldiana, evidenciando a forma como o narrador coloca em cena a personagem feminina. Para tal, faremos uma

apresentação dos livros seguindo a ordem de suas publicações, com enfoque nas mulheres e sua representatividade na literatura. Nisso é perceptível a tendência do autor em fazer referência a mulheres que, em algum momento da história ou da mitologia, foram protagonistas de tramas famosas e inesquecíveis no campo da literatura mundial. Ele não deixa de escrever contos com personagens do sexo masculino, mas o faz com pouca frequência, principalmente em seu último livro em que a maioria das protagonistas são do sexo feminino. Em sua escrita, Agnaldo Rodrigues faz também a releitura de contos e lendas regionais em que elas assumem papel de destaque nas narrativas, como veremos adiante.

Ademais, o livro que dá início à trajetória de escrita do professor Agnaldo Rodrigues nos trilhos da literatura produzida em Mato Grosso é *A Penumbra* (2004). É uma coletânea composta de dez curtas narrativas psicológicas, tendo sempre um narrador personagem que, além de contar os fatos, também participa de todos os acontecimentos, relata tudo deixando as emoções afloradas num clima de inquietação que perpassa toda narrativa. São contos que trazem os contrastes de ambientação entre o dia e a noite, vida e morte, bem e mal, luz e sombra e deixa transparecer, por parte das protagonistas, a ânsia por viver um amor como qualquer pessoa. A partir do título, o leitor pode imaginar que suas histórias estarão envolvidas num campo de tensão, no jogo entre o amor e ódio, indo do real ao imaginário. A ficção toma parte nos sonhos, sem demonstrar ligação nenhuma com a realidade. A morte sempre presente traz-nos a ideia de continuidade, de vida que ressurgue a cada novo conto. As personagens desta coletânea não são mulheres.

Prefaciado pela professora Inocência Mata, da Universidade de Lisboa (Portugal), no ano de 2004, esse livro expõe as crueldades da condição humana com sentimento de aprofundar nas mazelas do ser humano e buscar suas origens mais profundas e insanas. Vejamos o que declara a professora sobre o livro:

Dez curtíssimas narrativas quase transversalmente perseguidas pelo seminal binómio da condição humana, Eros/Thanatos. A pulsão da Vida e a pulsão da Morte confrontam-se, mesmo que a um nível onírico, fazendo com que as personagens exponham os mecanismos dos constrangimentos psicossociais, culturais, educacionais e morais... Não que o “princípio de prazer” de cada personalidade fique aprisionado, porém a liberdade só se manifesta no nível do sonho e da imaginação – como não podia deixar de ser: medos, angústias, desejos, aspirações vêm à tona em situação “não real”. (MATA, 2004, p. 14)

A Penumbra contempla contos de introspecção que desnudam a mente humana. O autor recria um mundo paralelo para subverter a realidade existente. Os contos trazem o mistério da morte como pico central e o pós vida, ou seja, os seres morrem e passam para um outro plano onde os sentimentos ocultos continuam presos naquele ser. Há também um jogo de cores, prevalecendo tons escuros, a predominância da cor vermelha. Os acontecimentos geralmente ocorrem à noite, com lugares sombrios, isolados, e há sempre a presença de casarões abandonados, remetendo o leitor a um cenário de suspense e terror acompanhados do sobrenatural. Temos a presença da catedral que ajuda a criar um clima sombrio e macabro nessas histórias. O cenário da cidade grande está sempre presente nos contos. Um clima obscuro de magia e medo ronda todas as narrativas do autor nesse livro ao mostrar o que ocorre no íntimo de suas protagonistas, como vemos no conto “Santos Escravizados”:

Quando passei em frente à matriz da Sé, o relógio da torre deu as badaladas, era meia-noite. De repente ouvi um grito, era um garoto que corria freneticamente, corria de um lado para outro, corria e gritava, era um desespero horrendo, parecia que estava fugindo do diabo. De súbito, o garoto andou as escadarias da Sé, sem que ele tocasse em nada as grandes portas de madeira maciça da igreja se abriram, ele entrou. No momento da entrada dele eu vi, juro que vi, eram asinhas grudadas ao lado de cada um dos pés, então compreendi que aquele garoto só poderia ser talvez um santo fugindo de demônios. (SILVA, 2004, p. 17-18)

Para lê-lo é preciso ceder ao fascínio da imaginação atrelado ao encantamento do texto ficcional. Uma leitura que brinca com os sentimentos e emoções, provocando confusão mental. Dessa forma, quebra limites entre o real e o ficcional, o sagrado e o profano, o amor e a presença marcante da morte. Podemos, através dos títulos, imaginar essa penumbra interior existente em seus personagens e em suas ações. Possui títulos sugestivos em relação às histórias a serem narradas, pois remete a sentimentos negativos que geram incômodo em quem lê.

Assim sendo, os títulos dos contos serão apresentados conforme a sequência em que estão no livro: “Santos escravizados”, “O requinte da crueldade”, “Tormentas Ocultas”, “Coincidências tempestuosas”, “Chuvvas que escondem sombras”, “Flores de outono”, “Luzes que não brilham mais”, “Olhai como sangram os corações”, “Lágrimas venenosas” e “A Penumbra” que fecha essa coletânea de contos. Neste conto, como nos outros, o narrador está em primeira pessoa,

revelando-se sempre nas loucuras de seus pensamentos e se apresentando com várias faces. Em “A Penumbra”, a personagem central da história vai parar num manicômio, confirmando assim a loucura existente nessas narrativas:

Acordei.
Compreendi tantas coisas sem sentido.
A Loucura chegou... Instalou-se... E eu nem percebi.
[...]
Uma lágrima caiu.
Rolou pela minha face.
Caiu na minha boca.
Então, tive a certeza de que a vida era salgada, mesmo para os sãos.
(SILVA, 2004, p. 75)

Podemos perceber a quebra dos limites entre a loucura e a sanidade envolvida em atos que demonstram amor e ao mesmo tempo ódio. Há uma confusão mental que ronda o narrador-personagem que mexe com seus sentimentos e suas emoções mais profundas. Existem nessas histórias tempestades interiores que desnudam a alma humana, sempre envolvida com os piores sentimentos e fazendo coisas que para qualquer ser humano são inimagináveis. As personagens “passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana”. (CANDIDO, 2009, p. 35). É preciso ler esse livro com os olhos da ficção para não se envolver nessas histórias que são escritas com muita originalidade.

A segunda publicação intitula-se *Mente Insana*. Como o próprio nome anuncia, trata-se de um livro perturbador em que a mente humana busca na sua essência as maldades do mundo criado. Publicado em 2008, também pela editora Unemat, compreende 15 narrativas de ficção e aventura que nos levam a temer o poder da mente. Esse livro traz histórias de suspense, de imaginação, da antítese entre sonho e realidade, aborda situações de completo absurdo com contos geralmente curtos e psicológicos. O autor constrói com este livro uma contística de pura ficção pouco vista na literatura produzida em Mato Grosso. Em alguns contos, as figuras femininas ganham destaque das mais variadas formas e nos diversos contextos. Nos contos “A dama do vestido de seda”, “Os olhos”, “A cega do metrô”, “A cigana”, “O batom escarlate”, “A esfinge” e “A Messalina” temos representações femininas que aparecem em papel de destaque nas narrativas. Elas são

protagonistas que vivenciam um ambiente de terror num enredo pesado com muita imaginação e ficcionalidade.

Assim sendo, a mulher é vista sobre vários prismas. Nos enredos engendrados no campo da ficção e fantasia, as personagens apresentam-se ora como planas ora como esféricas, de acordo com a categorização de Forster, comentado por Antonio Candido em seu livro *A personagem de ficção* (2009). As personagens planas “permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias” (CANDIDO, 2009 p. 47). Mostram que sua vida segue o ritmo normal, apesar de conflitos internos ou situações inusitadas, o caminho percorrido é sempre o mesmo, sem maiores mudanças ou alguma novidade.

Em outras situações, contextos diferentes, às vezes, mostram-se esféricas, pois são motivadas por experiências complexas internas ou exteriores que mudam conforme a narrativa, adquirindo assim novas faces no decorrer da trama. Elas vivem enredos relacionados à morte, à fantasia, ao amor, ao sexo etc. Para ele: “A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana”. (CANDIDO, 2009, p. 47).

As personagens se dividem em “planas” – que podem ser expressas por uma só frase, porque são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade – ou “redondas”, quando construídas ao redor de mais de um fator. Ou, em outras palavras, se ela “é capaz de nos surpreender de modo convincente”, é redonda; se ela “nunca nos surpreende”, é plana; se não convence, “é plana pretendendo ser redonda”. (FORSTER, 2005, p. 11)

Em relação à posição do narrador, percebe-se que em alguns contos ele vivencia os acontecimentos como personagem principal ou em outros é narrador-observador, apenas conta a história sem se envolver nos fatos. A presença do narrador se efetua de forma significativa nas histórias. Sempre está desempenhando alguma função, transpassando de forma coletiva pelos contos, ora sendo protagonista, ora ocupando uma posição singela. Vejamos isso na prática com o discurso do narrador-personagem do conto “Os gatos da rua morta”: “Todas as noites eu acordava com o miado dos gatos...” (SILVA, 2008, p. 41). Em outro conto vemos o narrador observador em terceira pessoa explícito no conto “Assassino na torre da catedral”: “Nesse dia ele acordou faminto. Tomou o café e foi visitar um por um dos seus fiéis...” (SILVA, 2008, p. 71). Percebemos assim que o narrador sabe de toda a história e conta ao leitor todas as ações com riqueza de detalhes próprias

de uma boa narração. Através dele o leitor conhece a fundo as personagens, manipula suas falas, seus sentimentos, sua intimidade. Também dará a voz para a personagem ou para si próprio. Não há predominância de sexo no papel desempenhado pelo narrador. Apresenta-se às vezes como um narrador feminino e em outros contos como masculino.

No conto “O batom escarlate”, temos a personagem feminina que é morta pelo esposo por traição. Nesse caso a transgressão traz consequências sérias para ela que foi pega em adultério. A narrativa tem cinco atos, ou seja, cinco pontos de vista diferentes, chamando assim de tragédia em cinco atos. Interessante essa forma de narrar que apresenta várias versões de um único ato, em que o leitor visualiza aspectos diferentes em cada narrativa. Nesse conto, como em outros, a mulher tem papel de destaque como protagonista e ganha forças ao longo do enredo. Nele, a personagem narra os acontecimentos sob vários ângulos, como se pode observar:

Olhei para o espelho e passei o batom. Era um batom escarlate como a cor do sangue. Sangue espalhado pela sala. Eram nódoas que manchavam o tapete e encardia a minha pele. Rastejei um pouco pelo chão e fiquei observando o sangue a correr como se fossem águas de um rio. Rio da vida. Rio da morte. Rio que faz a passagem de um plano para o outro. Estiquei o braço e peguei um cigarro à cabeceira. Acendi e comecei a fumar. (SILVA, 2008, p. 83)

Neste texto a protagonista vive as consequências de violar regras operantes no meio social. Convenções que permeiam toda a sociedade moldada dentro do patriarcado, em que o homem tem poder dominante, seja dentro da empresa, da religião, da política, e principalmente dentro de casa. Com a opressão masculina, a mulher fica sempre em lugar de subserviência em relação ao homem. Nessa narrativa confirma-se a frase machista “de lavar sua honra com sangue”.

Em sua terceira coletânea, *Dose de cicuta* (2011), publicada pela editora Unemat, o autor constrói narrativas curtas, porém intensas, mesclando realidade e ficção. Como nos outros livros, os temas e os enredos envolvem clima de magia, tensão e fuga do real. É um livro que provoca muitas reflexões acerca dos sentimentos humanos e a presença feminina também se destaca nesse livro. Possui 11 contos ficcionais, que nos apresentam personagens variadas, sendo homens ou mulheres em diferentes lugares, ocupando múltiplos espaços no desenrolar da

trama. As narrativas abordam vários temas sociais, entre eles a violência doméstica, o parasitarismo, a desigualdade social, ao mesmo tempo em que trazem à tona assuntos específicos do ser humano e sua experiência cotidiana, o desencontro entre a realidade e a aparência, o medo, a culpa e a morte.

Na escrita, percebe-se que ele apresenta ao público diversos tipos de personagens, constituindo um conjunto de vozes. Suas narrativas vão além desses espaços e se abre para outros maiores, como as inquietações da alma. Mostra-se um estilo gótico particular, percebido em algumas narrativas. São contos que falam de pessoas envolvidas em situações de suspense, em que a viagem ao mundo interior se confunde com realidade e a ficção, abraçando também o fantasmagórico, juntamente com uma linguagem carregada de metáforas.

Os contos estão colocados dentro desta ordem: “A Casa dos Anjos”, “Apenas Ironias”, “Fogueira de Vaidades”, “O Sorriso da Monalisa”, “Pânico na Universidade”, “A Menina do Chapéu de Crochê”, “Indecências”, “O Cacto”, “Diabólica Exclusão”, “O Mistério do Pássaro da Serra”, e “Uma Dose de Cicuta”, que encerra o livro.

Percebe-se que, em alguns contos, o escritor coloca como cenário a cidade grande, enquanto que em outros, o interior. A cidade de Cáceres, sua terra natal, bem como a cidade de Tangará da Serra, onde trabalha e residiu por alguns anos, também são citadas. São duas cidades que possivelmente marcam a história de sua vida e servem de inspiração para seus livros. O Rio Paraguai também é usado como cenário, como visto em “A Menina do Chapéu de Crochê”, conto que faz uma releitura do clássico *Chapeuzinho Vermelho*.

Também visualizamos a relação com algumas lendas urbanas na composição de suas histórias, como em “Pânico na Universidade”, que relata a lenda da loira do banheiro, e “A Casa dos Anjos” que se associa à história do Drácula, mas ambientado na cidade de Cáceres com exaltação na representação dos casarões antigos dessa cidade histórica. O casarão, citado nesse conto, realmente existe até os dias atuais, somente a história criada que parte da imaginação do autor. Observa-se também que em cada conto o autor coloca uma frase que anuncia a narrativa numa página anterior, criando expectativas quanto ao enredo a ser lido.

Entrementes, o feminino é representado na maioria dos contos. Prefaciado por Lola Geraldine Xavier, Coimbra, 2011, ela reitera essa afirmação:

Este é um livro sobre os homens e sobre as mulheres, o narrador, sobretudo heterodiegético e onisciente, mas por vezes também autodiegético, não poupa nenhum dos sexos, mas parece ter preferência pela mulheres, enquanto seres frágeis, vítimas dos seus maridos, do “lobo mau”, que o conto “Dose de cicuta”, pelo título homônimo da obra e pelo destaque que lhe é dado, ao encerrar o livro, sintetiza. Este é um conto que mostra o lugar subalterno da mulher maltratada, que se subjuga ao marido e não tem coragem para alterar o rumo do seu cotidiano. (XAVIER, 2011, p. 9)

Portanto, vista como ser inferior, a mulher é colocada nas narrativas como alguém que pode ser facilmente influenciada sobre vários aspectos, sociais, morais, religiosos e outros. A representação feminina é estopim para criação das narrativas desse contista, ora como protagonista, ora como coadjuvante. No conto “A casa dos Anjos”, percebe-se que o homem manipula a personagem feminina para conseguir tudo o que quer. A manipulação da personagem condiz com a história original do Drácula, usada aqui somente para realçar a inferioridade feminina em relação à figura masculina. Vejamos:

No dia seguinte, apareceu uma jovem. Muito atraente, ela tinha os dentes alvos e chamativos, os olhos azulados. [...]. O sorriso sedutor encantou-a infinitamente e contemplando-o intensamente, com os olhos doces, permitia-se inteira a ele como uma taça de vinho ao alcoólatra. (SILVA, 2011, p. 14-15)

Neste conto, o poder da sedução e do encantamento fazem deste homem um ser maior, como é na história original de Drácula, citado aqui somente para demonstrar seu papel imponente. Em muitas outras narrativas a mulher está como personagem secundária. Outro conto que chama a atenção nesse livro é “Indecências”. Ele abrange questões relacionadas à mulher. Ela, uma senhora viúva, criada dentro dos padrões sociais. Saía todos os dias para o trabalho e, durante o caminho, percebia várias situações que para ela eram consideradas indecentes. Porém, quando estava sozinha em casa, vivenciava em seus sonhos todas essas cenas vistas durante o dia:

Sonhou a noite toda, tal como era de costume acontecer. No sonho daquela noite, era uma prostituta vestida de vermelho e com um batom escandaloso pincelado na boca. Beijava, em louco delírio, o garoto de programa num banco da praça pública com várias pessoas assistindo e batendo palmas. Depois, foram a um cinema pornô, onde realizaram fantasias inescrupulosas. Ao voltar para casa, o taxista atirou-se para o banco de trás onde ela estava, rasgou-lhe as roupas aos dentes e trocaram beijos selvagens. O despertador tocou. (SILVA, 2011, p. 55)

Ela representa o papel da mulher livre e saliente que via diariamente nas ruas da cidade e que sua mente sempre condenou. Usando sempre preto e cinza, mostrava-se muito recatada e fazia juízo de tudo e todos, mas que à noite, sozinha em casa, dormia e sonhava com as orgias que pensava, mantinha sua sexualidade aflorada, mostrando assim uma outra face que fazia questão de manter escondida de todos. À noite se deliciava com suas fantasias e estas serviam de inspiração para enfrentar mais um dia difícil. Como vemos a seguir:

Levantou. Depois, tomou banho, café da manhã e foi para o trabalho na rotina de sempre. Afinal, precisava enfrentar as indecências daquele dia para ter matéria que servisse de conteúdo para o sonho da próxima noite. (SILVA, 2011, p. 55)

Temos a representação da estrutura social no conto a partir da construção da personagem feminina que transita entre o real e o imaginário, demonstrando assim o externo através de suas ações. O casamento surge como instituição sagrada e tudo que foge dele é pecado, é indecente. A condição feminina nesses contos precisa ser estudada para que não caiamos no comodismo de pensar que situações assim são normais para as mulheres. Elas que tanto sofreram para conquistar um espaço melhor na sociedade e que hoje em dia têm novas perspectivas em relação à sua vida social no Brasil e no mundo. Vê-se que os movimentos feministas e a luta por direitos iguais estão readequando a mulher em posição de igualdade com relação ao homem. “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. (BEAUVOIR, 1949, p. 449).

É possível perceber que aos poucos a mulher consegue alcançar posições antes nem imaginadas, mas que, com a luta diária, os estudos focados nas questões femininas trarão à nossa sociedade a mulher idealizada por Simone de Beauvoir e as feministas de outras épocas e da atualidade. Para esta teórica, a mulher, quando livre financeiramente da necessidade de sustentação do homem, dá à sua vida novas perspectivas, não é mais sustentada, deixa de ser parasita, está livre e pode voar mais alto, alcançar novos ares que antes não conseguiria estando aprisionada a um ser masculino.

Na quarta publicação, temos o livro *Baú de Pecados* (2020), pela editora Carlini & Caniato. Esse livro é composto por dezoito contos, em que quinze trazem

as mulheres como protagonistas das narrativas. Percebe-se que o enfoque no feminino vem com grande força na obra. Nela vemos ressaltado com mais frequência o perfil da mulher transgressora, que foge aos padrões sociais. Algumas idealizadas em mulheres mito, da mitologia, da religião cristã e da literatura oral, sendo que todas carregam grandes histórias que marcaram a literatura universal.

Na primeira parte do livro, denominada “Mitos”, a personagem que protagoniza a narrativa é Pandora. É a história da ânfora de Pandora, objeto que jamais poderia ser aberto, pois guardava todos os males do mundo. Nele também estava o colar que ela havia ganhado de Zeus. Movida pela curiosidade, ela desobedece ao poder de Zeus e abre a ânfora. Assim, todos os males do mundo são libertados, menos a esperança que fica dentro da ânfora quando fechada rapidamente por Pandora. Ela é punida por sua transgressão e amaldiçoada eternamente. Vejamos:

As mãos de Pandora estavam sobre a tampa da ânfora. Abriu-a. Com força descomunal, os pecados e as doenças lançaram-se violentamente para fora. Ouviu-se uma grande explosão e, em fração de segundos, tudo era o caos. Percebendo o grande erro, tampou o recipiente. Porém, a infeliz conseguiu preservar apenas a esperança, que ela própria havia depositado naquela prisão de desventuras.

Pobre esperança!

Cruel Pandora!

Criara a esperança, mas também as pragas da humanidade. Pandora, o primeiro exemplar humano, feita à imagem e semelhança dos deuses. Condenada, ela foi proibida de entrar no Olimpo. Amaldiçoada, o útero secou... (SILVA, 2020, p. 18-19)

No segundo conto desta parte, temos a personagem Lilith que protagoniza a história da criação do homem no contexto da mitologia. Como a personagem de Pandora, o conto dialoga com o perfil da transgressão por ela não obedecer aos deuses do Olimpo. Vendo que fora criada do mesmo barro que Adão, não aceitava a condição de inferioridade, era diferente, queria ser igual, ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades: “Definitivamente, naquela época de extremo patriarcalismo mitológico, a mulher não poderia se tornar a origem da raça humana; era preciso pensar em um homem, sem curiosidade, um ser que fosse obediente...” (SILVA, 2020, p. 20). Por ser desobediente, é castigada tornando-se a serpente que mais tarde tentará Eva a comer do fruto proibido. Vê-se nessa história a representação desde os tempos da mitologia do feminismo iniciado então por Lilith, que buscava condições de igualdade como hoje as mulheres tanto almejam.

Nessa primeira parte, são três contos que dão continuidade às histórias da criação humana, principalmente com ênfase na mulher. Temos, então, Lilith como a “primeira feminista” da história que desmascara o poder do patriarcado e se recusa a fazer o que lhe foi imposto. Na seção “Mitologias”, as histórias envolvem os sete pecados capitais: luxúria, ira, preguiça, avareza, gula, inveja e soberba. Esses pecados são representados por personagens da contemporaneidade, comuns ao nosso dia a dia, sempre fazendo referência a personagens femininas históricas ou mitológicas através dos nomes de cada uma em cada conto. São contos permeados por muita fantasia, ações de seres sobrenaturais, deuses e mitos, referência ao sagrado e às histórias bíblicas, em confronto com o mundo profano dos homens. A fim de compreender o poder que cada personagem feminina representa em cada conto, precisamos adentrar no campo da mitologia para entender o desfecho de cada narrativa.

Na coletânea dos sete pecados capitais, cada protagonista carrega um nome simbólico que será indício para o desenrolar da narrativa, pois são nomes carregados de significados que ajudarão o leitor a situar-se na história contada, haja vista que se lembrarão das personagens antigas que em outro momento da história viveram grandes tramas. Então, dentro dos contos de Agnaldo Rodrigues, essas personagens têm os seguintes nomes que serão apresentados aqui e ao lado estará o nome de cada conto: Maria Antonieta (“Avareza”), Aurora (“Preguiça”), Maria Madalena (“Luxúria”), Babete (“Gula”), Medeia (“Ira”), Salomé (“Inveja”), Narcisa (“Soberba”). Nesse livro de contos, elas vivem novas mulheres, agora da atualidade, num contexto diferente e atual. Há novas abordagens relacionadas à contemporaneidade, fazendo referência às personagens femininas da mitologia. São personagens que representam em cada conto um pecado. Percebe-se que elas trazem consigo a ânsia de cultivar algum sentimento que as conduzem ao comportamento desregrado e ao excesso.

As histórias se desenvolvem em narrativas curtas e sempre motivam a discussão de uma temática, identificável pelo leitor na articulação dos elementos do texto. Os enredos criados envolvem o leitor nas histórias fazendo-o se aprofundar mais nas leituras a fim de compreender o poder que cada personagem feminina representa em cada conto. Mais adiante, na última parte do livro, intitulada “Lendas e Crenças”, estão as histórias produzidas a partir de narrativas orais que são construídas pelo imaginário popular. São seis textos que recontam as memórias da

infância e juventude dos personagens, com fatos marcantes de suas vidas. Na análise dos textos, percebe-se uma aproximação entre as histórias narradas e a vida particular pregressa do escritor, pois as pistas deixadas levam a crer que ele ficcionaliza as próprias memórias. Com isso, os contos da terceira parte dessa coletânea constituem-se em narrativas autobiográficas, em que o autor conta algumas histórias que provavelmente vivenciou em certo momento de sua vida.

Para o pesquisador francês Philippe Lejeune (2008, p. 14): “A autobiografia consiste em relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, a história de sua personalidade”. Podemos entender que Agnaldo reconta na última parte do livro *Baú de Pecados* contos nos quais o sujeito da enunciação seria ele mesmo. É um relato em prosa que o tema versa sobre sua vida individual e que o autor, nesse caso, identifica-se com o narrador e também com o personagem, assumindo o papel de narrador-personagem e deverá adotar uma visão retrospectiva de sua vida durante todo o relato, pois está detalhando partes de sua vida, de suas memórias com o leitor. Vejamos o que Iaci Pinto Souto escreve em sua tese de doutorado com o título *A construção do Eu na autobiografia de Victória Ocampo*, na qual apresenta um estudo sobre a autobiografia:

A autobiografia passa a centrar-se na elaboração que o escritor faz, no presente, dos fatos do passado. Desse modo a memória já não seria um mecanismo de simples gravação de lembranças, mas um elemento ativo que reelaboraria os fatos de uma vida e o leitor passaria a ser um depositário da interpretação da vida do autobiografado e não mais um simples comprovador da fidelidade desses fatos. (SOUTO, 2009, p. 33)

Ao fazer uso do recurso da autobiografia, reconta com detalhes lendas de Cáceres e também cria novas histórias com os casarões antigos da cidade, o espaço urbano e o rio Paraguai que margeia o município. Descreve os lugares comuns conhecidos por todos que moram no local, levando-os a vivenciar as histórias com mais intimidade. Ele escreve com desenvoltura sobre o passado de seus personagens que revivem fatos importantes, possibilitando-nos, assim, participar das histórias. As fronteiras entre o público e o privado tornam-se sutis, pois as personagens apresentam nuances que se entrelaçam com a vida do escritor, do mesmo modo que a vida dele está entrelaçada com a de seus concidadãos.

Nesses contos, o autor faz uma releitura do texto literário, que pode ser um conto ou uma lenda, inovando no papel dos protagonistas, pois utiliza nessas histórias pessoas do seu convívio social sem modificar totalmente o enredo. Assim, ele consegue fazer uma nova abordagem do texto tendo essas pessoas que vivem novas experiências, desfrutando do recurso da regionalidade, intertextualidade e a magia da ficção.

O prefácio do livro *Baú de Pecados* foi feito pela escritora mato-grossense Luciene Carvalho, que tece comentários acerca do amplo campo de leituras deste escritor que usa a imaginação para mesclar, em suas narrativas, personagens do mundo da ficção com pessoas reais, dando vida a contos regionais e transformando sua escrita em inspiração para novos leitores. Ele consegue fazer o cruzamento de suas histórias dentro da literatura e da dramaturgia, pois seus contos podem ser facilmente encenados numa peça teatral. Luciene revela também que os contos de Agnaldo têm uma dimensão psíquica grande por representar em sua escrita grandes dramas mitológicos.

No prefácio desse livro ela afirma:

Leitor, no percurso da leitura, não julgue ter alcançado a intenção do autor, pois ele – como já disse – revela-se dramaturgo e, pela vida, se nutriu de vasto pasto, conhece as narrativas que disseca e as personagens que manipula numa dimensão psíquica; com isso, torna-se possível instalar narrativas e personagens num voo cubista, onde o cósmico e o regional dançam na tela. Mas... Que tela? A tela dos sentidos do leitor! (CARVALHO, 2019, p. 7)

É um livro para ser lido pensando em outras histórias reais ou não, antigas ou modernas, verdadeiras ou mentirosas, mas que fazem com que a arte literária renasça a cada novo conto, pois, através do narrador, o enredo é posto em cena e a vida emerge novamente do universo mágico da literatura. O narrador desses contos, às vezes personagem, como é o caso das narrativas autobiográficas, vive as histórias, mostra ao leitor o que está dentro do texto, leva-o a visualizar os acontecimentos de dentro para fora como verificamos nos contos “O Cumbaru de Ouro” e “O Minhocão de Cáceres” que nos é apresentada a trama pelos olhos do narrador-personagem. Em outras narrativas é colocado pelo escritor um narrador que sabe de tudo e consegue ver por todos os ângulos das personagens, a exemplo dos contos “Uma Dose de Cicuta” e “Indecências”.

Contudo, independentemente do conto a ser lido, temos sempre a presença feminina nas histórias, que estão em vários cenários, cidade grande, cidade do interior, as chácaras da cidade de Cáceres e até mesmo o Rio Paraguai. Essas figuras criadas para protagonizar suas obras são personagens ora planas ora esféricas, carregadas de personalidade e apresentam-se nos contos sempre com muita força e uma individualidade marcante.

Agnaldo escreve para e sobre as mulheres em vários contos. Traz para o leitor aspectos importantes para se pensar em relação ao feminismo, aos avanços culturais e sociais relacionados às mulheres da contemporaneidade. Perpassa em seus contos do arcaico ao contemporâneo, levando os leitores a perceberem a importância da mulher ao longo dos tempos e sua evolução na sociedade. Não são contos de mulheres para mulheres. São contos produzidos por um escritor masculino com os olhos voltados para a emancipação feminina, a representação da história social das mulheres através da arte literária.

2.3 Vida e Morte no conto “Uma Dose de Cicuta”

Este texto apresenta uma análise estrutural do conto “Uma dose de cicuta”, de Agnaldo Rodrigues da Silva, no livro *Dose de Cicuta* (2011). Nesta narrativa, será apresentada a temática da morte que desempenha papel fundamental para resolução de um problema socioexistencial. A vida sofrida da protagonista e sua relação com a morte. Vida e morte, opostos que se atraem na vida e na arte. Esta análise, em relação à tipologia do narrador, foi desenvolvida segundo as teorias de Gérard Genette e Norman Friedman. Sobre a personagem as referências foram os conceitos teóricos de Antonio Candido no livro *A personagem de ficção*.

Quanto ao narrador do conto, temos o chamado narrador heterodiegético que consiste no “narrador ausente da história que conta, que relata uma história a qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão”. (GENETTE, 1995, p. 33). O narrador nesse conto não participa da história e a narra em terceira pessoa. Um exemplo disso pode ser percebido neste excerto: “Ela já não era mais nenhuma adolescente, a juventude tinha lhe ido, restava apenas a velhice”. (SILVA, 2011, p. 80). Também é

extradiegetico porque está fora da trama, somente conta os fatos que estão acontecendo, ao mostrar todas as nuances do enredo, em terceira pessoa. Vemos essa configuração narratológica em: “Tudo isso porque o marido tinha lhe sido ao longo de tantos anos um maldito carrasco...” (SILVA, 2011, p. 80).

Quanto ao foco narrativo, há a onisciência seletiva, em que o narrador foca somente em uma personagem, no caso, a personagem feminina, descrita sem nome na história: “Ligou o chuveiro. A pureza da água levava para o ralo todas as sujeiras do contato que tivera por anos com aquele corpo asqueroso...” (SILVA, 2011, p. 79). Essas escolhas quanto ao narrador nos apresenta uma narrativa mais envolvente e interessante, pois o leitor fica sabendo de detalhes importantes do enredo e se interessa mais pela leitura do texto.

Quanto às personagens, elas são colocadas ao leitor de dois tipos: a personagem esférica e a plana. A personagem primeira, a esposa, mostra-se cheia de conflitos internos no conto. Podemos vê-la como esposa, dona de casa submissa ao esposo, mulher que pensa em libertar-se daquele casamento de sofrimento que mais parece uma corrente que a prende à dor. Uma mulher triste e amargurada por não conseguir sair daquele círculo vicioso que se tornou sua vida. Vemos também uma mulher que sonha com outro tipo de vida, mas que nada faz para sair da posição em que se encontra. Como podemos perceber:

Com as mãos, balançou os longos cabelos negros de um lado para o outro, insinuando-se para si mesmo frente ao espelho. [...]. Sobre a mesa estava a garrafa de champagne. Pôs o copo até ao meio e, brindando a insensatez da futura liberdade, degustou gole a gole o doce tear da vitória. (SILVA, 2011, p. 79)

Vemos como personagem plana a figura do marido, pois enxergamos apenas uma dimensão da personagem, que no caso se mostra uma pessoa agressiva e dominadora. Ressalta-se que no conto não aparecem outros personagens que ajudam a compor o enredo. O espaço da história é a casa da personagem (da mulher), onde o leitor vislumbra o banheiro, o quarto, a cozinha e a sala. Neste trecho podemos visualizar a sala da personagem: “Sentou-se no sofá e ficou por horas. As lágrimas rolavam”. (SILVA, 2011, p. 81). Com a descrição do narrador, o leitor se infiltra no cenário e pode acompanhar todos os movimentos do enredo. Temos um clima de tensão no conto, pois somos levados ao sofrimento da personagem pelo narrador e conseguimos moldar em nossas cabeças um clima de

tristeza, solidão e melancolia no ar. Podemos verificar: “Em breve, ele chegaria. Foi até a cozinha, pegou o copo e deitou uma dose de cicuta. Ele deveria beber!”. (SILVA, 2011, p. 80).

O clima de desconforto é gerado na trama através das retomadas interiores que a personagem feminina vivencia em vários momentos, com suas lembranças e reflexões. O narrador faz a ambientação nos mostrando uma casa pobre, com vários detalhes nos quais o leitor consegue perceber a falta de recursos da família: “Serviu o jantar num prato de louça barato. O vinho de quinta categoria foi despejado num copo de massa de tomate...”. (SILVA, 2011, p. 82). A pobreza descrita tanto na casa (exterior), como nas personagens (interior) dá ao texto um valor singular.

Em relação ao tempo do enredo, temos o tempo cronológico marcado por momentos que antecedem a chegada do esposo do serviço até o momento do jantar. Vejamos: “Era hora de a campainha tocar. Não tocou. Abriu a porta, esteve do lado de fora...” (SILVA, 2011, p. 80). Nesse tempo podemos, enquanto leitores, acompanhar todos os momentos da narrativa. Contudo, também temos neste conto a presença marcante do tempo psicológico que envolve a narrativa com a subjetividade da personagem, nos seus diálogos internos, seus conflitos, o discurso indireto em que ela fala consigo mesma, insinuando falas e cenas que jamais teria coragem de fazer, pois não passam de devaneios de sua cabeça e de sua imaginação. Vejamos: “A campainha tocou. Agora era a realidade, não mera fantasia. Levantou-se do sofá com o vestido de chita de sempre, cheirando mofo...” (SILVA, 2011, p. 81).

Quanto à ordem, temos uma prolepse, de acordo com Genette (1995, p. 38): “Toda manobra narrativa que consiste em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior”. Ou seja, é todo movimento de antecipação, pelo discurso, pois há anúncio de algo que ainda vai acontecer. Sabemos antecipadamente o que a personagem está pensando em fazer em um momento posterior. Sendo assim, o leitor fica informado de um acontecimento futuro que poderá ou não ocorrer no final da trama. Observemos: “Em breve chegaria. Foi até a cozinha, pegou o copo e deitou uma dose de cicuta. Ele deveria beber...” (SILVA, 2011, p. 80).

Observamos também a presença do modo realista e psicológico na narrativa. O modo realista mostra a clareza dos elementos da narrativa, linguagem direta e transparente, valorização do enredo e a construção de tensão na trama. Podemos observar nesta passagem do conto: “Sobre a mesa estava a garrafa de

champagne. Pôs o copo até ao meio e, brindando a insensatez da futura liberdade, degustou gole a gole o doce sabor da conquista. – Ah como tinha sofrido até vencer a guerra! Guerra de vinte anos - pensou com os olhos fixos no tempo...” (SILVA, 2011, p. 76). Já no modo psicológico, a personagem do conto é revelada pelo narrador como uma pessoa cheia de fluxos internos e dilemas. Verificamos a questão psicológica muito presente dentro da narrativa, como se nós, enquanto leitores, pudéssemos adentrar na consciência da personagem e visualizar seus pensamentos e imaginar a cena acontecendo.

De acordo com Beth Brait, ensaísta, linguista e crítica literária brasileira: “O monólogo interior é o recurso de caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade da personagem. O leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos ‘pensamentos’ do ser fictício, no fluir de sua consciência” (1985, p. 62). Vê-se somente nuances da mulher na história, e do homem somente uma fala no final do conto, haja vista que temos um fluxo de consciência envolvendo todo o enredo por meio desse monólogo da personagem. Vejamos:

Jantaram para, então, oferecer-lhe um cálice, no qual havia posto a dose de cicuta. Ele bebeu. Chamou-a de puta por várias vezes até começar a babar as grossas salivas nojentas. Caiu, fechou os olhos e devolveu a ela a tão sonhada liberdade. Abriu o champagne e soltou gargalhadas fortes que faziam tremer a cabeça. A felicidade era tanta que teve febre. O corpo todo tremia como se não acreditasse no acontecido. Sentou no sofá e ficou por horas... (SILVA, 2011, p. 78).

O leitor acompanha o interior e o exterior da personagem. A situação inicial do conto é mostrada pela figura do narrador que vai nos deixando, enquanto leitores, envolvidos com a trama. Sabemos que é a história de uma mulher que sofre com um casamento infeliz e que vive à sombra de um marido carrasco, mas nada faz para se libertar. Como podemos verificar:

Ligou o chuveiro. A pureza da água levava para o ralo todas as sujeiras do contato que tivera por anos com aquele corpo asqueroso. Foi despregando, lentamente, o cheiro do pecado e do suor que lhe incomodava a sensibilidade. Completamente despida, entrou no quarto, jogou sobre si aquele belo vestido preto repleto de bolinhas brilhantes... (SILVA, 2011, p. 76)

Percebemos uma situação conflitante na qual uma mulher se percebe totalmente infeliz e maltratada física e psicologicamente. O banho poderia somente

tirar as sujeiras do seu corpo, mas da alma são impossíveis de se apagar. Temos uma mulher que quer morrer e outra que quer renascer. Segundo o dicionário dos símbolos: “A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora” (CHEVALIER, 2001, p. 16). Entende-se que a partir desse banho poderia renascer uma nova mulher em meio aos conflitos anteriores. Entretanto, foram muitos anos de sofrimento, choros, brigas e agressões, principalmente psicológicas. Num contexto de tristeza e subalternidade, essa mulher tenta se libertar e apenas o que consegue não passa de mera fantasia de sua cabeça.

Na história das mulheres, em geral, sabe-se que muitas conquistas foram negadas a elas, como direitos iguais, independência financeira, voto, entre outros. Entretanto, a mulher da contemporaneidade luta para se desprender dessas amarras que as prendem a um passado escuro de apagamento social, intelectual e individual, como aponta Spivak:

Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero. [...]. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade? (SPIVAK, 2014, p. 17)

Ainda temos muitas críticas quanto ao papel da mulher na contemporaneidade, visto que saímos de uma posição bem mais complicada que nos remete a um passado de injustiças e desigualdades, como vemos na história desse conto. A personagem feminina da narrativa sofre um processo de invisibilidade e não reconhecimento da sua força interior demonstrada na história, pois o papel de destaque do enredo está na posição e determinação do marido em fazer com que ela esteja sempre no espaço secundário da trama e da vida. No conto “Uma dose de cicuta”, a mulher realmente não pode falar, porque nunca assim o fez, presa por convenções sociais que a obriga a calar-se na sociedade machista em que vivemos. Mesmo sendo um conto contemporâneo, o papel da mulher ainda é aquele de submissão em relação ao papel social do homem.

Nesse ínterim, temos um conflito apresentado pelo narrador, no qual vemos a protagonista da história fazendo uma breve descrição de como teria sido sua vida ao lado desse homem, a qual o denomina de “carrasco”. Vejamos:

Ela já não era mais nenhuma adolescente, a juventude tinha lhe ido, restava

apenas a velhice. Estava velha! Velha como aquelas peças de museu ou cacarecos que as pessoas não querem mais dentro de suas casas. Mas a sua boca ainda queria provar o fel da liberdade, beijar outros lábios, ceder-lhes aos desejos mais proibidos. Nunca tinha conhecido outro homem, apenas o carrasco.

- *Maldito carrasco!* - Gritou várias vezes. Tudo isso porque o marido tinha lhe sido ao longo de tantos anos um maldito carrasco. Em breve, ele chegaria... (SILVA, 2011, p. 80)

O clímax, que é o ápice da narrativa, momento envolvente descrito pelo narrador, é quando a personagem feminina está à espera do seu esposo, em sua casa, aguardando para o momento em que daria uma dose de cicuta, com o objetivo de se livrar do horror que teria tornado sua vida, ao longo desses tantos anos de sofrimento e silenciamento:

Sentou no sofá e ficou por horas.

As lágrimas rolavam.

A campainha tocou. Agora era a realidade, não mera fantasia. Levantou do sofá com o vestido de chita de sempre, cheirando a mofo, a boca pilada por há muito tempo não sentir o deslizar do batom. Ao abrir a porta, ele socou-lhe um tapa no rosto e disse:

- Vagabunda! Por que demoraste a abrir a porta? Nem para esposa serves, sua parva... (SILVA, 2011, p. 81)

Nesse conto, o desfecho idealizado não se concretiza, pois a personagem da história não consegue resolver seu problema, que, no caso, seria dar uma dose de veneno para matar seu esposo e ver-se liberta daquela prisão que seu casamento se tornou por muitos anos. A mulher recebe o seu esposo na porta de casa e continua aceitando todas as agressões que lhe são destinadas. Logo no início do encontro com o cônjuge, ela já leva um tapa na cara e xingamento de “vagabunda”. Não consegue se libertar disso. Não reage, não diz uma palavra, mantém-se imóvel e aceita tudo como sempre foi. Sua possível reação ficara somente nos pensamentos, na sua imaginação que ora parecia ser real e ora não, eram frutos de devaneios. Portanto, segue aceitando e silenciando-se cada vez mais. O marido, representante do sistema patriarcal, coloca a mulher em posição de inferioridade em relação à figura masculina. Observemos:

Serviu o jantar num prato de louça barato. O vinho, de quinta categoria, foi despejado num copo de massa de tomate bem ordinário. Olhava para ele e imaginava o quanto seria bom ter acrescentado naquela bebida uma única dose de cicuta. Quis rir, mas não ousou. Nunca teria coragem para tanto atrevimento.

Apenas disse:

- Senti saudades tuas, querido! (SILVA, 2011, p. 82).

Muitos estudos abordam o patriarcado na sociedade como um sistema que aceita as mulheres apenas para serem mães e cuidar da casa. Hoje em dia, da mesma forma, muito tem-se discutido e trabalhado de modo a reverter essa situação de inferioridade, na qual a mulher mergulhou todos esses anos. Entretanto, cabe aqui observar como a literatura trabalha a mulher nas narrativas e de que maneira isso se relaciona com a nossa vida.

Em seu livro *O segundo sexo*, Beauvoir (2009) estabelece um percurso fundamental para se compreender a mulher no contexto das sociedades patriarcais, assim como as questões das desigualdades que se firmaram no ocidente e oriente. Para a autora:

A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente. (BEAUVOIR, 2009, p. 79)

No pensamento da autora, a subalternização da mulher detalha nuances ligadas à sua capacidade de trabalho, como se ela não tivesse as mesmas competências (capacidades) do homem. Lançada a viver à sombra da figura masculina, convenção balizada na própria narrativa sagrada, ela volta a encontrar no mundo moderno a sua igualdade com o homem, principalmente a partir da Revolução Industrial, quando as portas se abrem, gradativamente, ao mercado de trabalho. Mesmo que sua remuneração tenha sido inferior para o desempenho das mesmas funções masculinas, a mulher consolidou o início de suas resistências ao tradicional paternalismo capitalista que, na maioria das sociedades, impedia que a igualdade entre os sexos se realizasse. No entanto, a mulher conquistará e desfrutará da igualdade na sociedade somente no dia em que tais resistências contra ela se romperem. Esse rompimento pressupõe a quebra do círculo vicioso que fora criado pelo pensamento patriarcal ao longo das gerações.

Em “Uma dose de cicuta”, a protagonista da narrativa está envolvida e

dominada pelas convenções sociais, pois aceita as normas e regras, sem questionar nem buscar efetivamente mecanismos de superação. Ela vive sob a égide da figura masculina, em que o casamento se torna o refúgio para uma vida tranquila e provida. No entanto, essa condição parece abrir uma válvula para uma vida sozinha e infeliz, mesmo estando acompanhada. A inércia em mudar o próprio destino impede a sua libertação das amarras do casamento, tornando-a mera representação da espera, da agonia e da escravidão psicológica, em relação ao papel imponente do homem.

Os fatos narrados são, portanto, formas de denunciar situações-problema que ocorrem no núcleo familiar, bem como no meio social, cultural e político, constantemente levando ao debate as desordens/desajustes existenciais e sociais. Ficção e história são confrontadas no universo do conto, recuperando aspectos da memória coletiva, que se consolidou ao longo dos séculos.

Priore (2001), ao discutir a história das mulheres no Brasil, afirma que elas somente tiveram papel benéfico na sociedade patriarcal, caso fossem criadas e educadas para se casarem, tornando-se o anjo da guarda do lar. No casamento, portanto, a mulher deveria exercer o seu papel de mãe, pois, se fugisse a essa convenção que a destinava à benfazeja vida privada, tornar-se-ia o símbolo do mal. Com isso, ela era impedida de usurpar o poder político, uma vez que, se assim o fizesse, era considerada adúltera ou feiticeira. “Uma dose de cicuta”, sem dúvida, recupera esse percurso histórico, ao passo que (de)limita o espaço de ação da protagonista, no contexto da instituição do casamento.

É um conto que reverbera o lugar subalterno da mulher ao longo da história, questões superadas em algumas sociedades, porém ainda presentes (e persistentes) em outras, em pleno século XXI. Sabe-se que, nos tempos atuais, muitas situações, como aquelas representadas no conto, acontecem diariamente nas esferas sociais. Uma realidade histórica que se observa pelos meios de comunicação e informação. Nota-se que a personagem protagonista transita entre as esferas da ordem e da desordem, pois há uma alternância entre a linearidade da vida em família (ordem), em que ela exerce o papel de esposa, dona do lar e responsável pelos afazeres da casa, e o mundo do faz-de-conta, no qual a protagonista vive situações fantasiosas que existem apenas em sua imaginação. O lado da ordem engloba o papel da esposa submissa, porém o da desordem cabe à esposa transgressora, que rompe com os padrões impostos pela sociedade e

imagina, até mesmo, em resolver a situação com o assassinato do próprio marido. A suposição da libertação pela morte do marido transgride aquilo que se encontra estabelecido para a mulher.

Paralelamente, percebe-se que não há a interferência de filhos ou de outro possível membro da família. A questão leva a refletir: por que o autor escolhe construir uma família tradicional, sem a presença de filhos? Uma demonstração de ordem e desordem se estabelece, porque uma família ideal, nos moldes daquelas de sistemas patriarcais, seria uma constituída com a presença de filhos (a prole), que são o laço estrutural do eixo familiar desde a antiguidade.

A representação da mulher na literatura tem sido um tema bastante visitado no decorrer das décadas por escritores dos diversos sistemas literários. No caso do conto em análise, este traz elementos interessantes para exploração da temática, como a representação do patriarcado que impera na sociedade, desde o início da história da humanidade. Desse modo, há lugar para a figura feminina no contexto da instituição do casamento, a fugacidade para suportar a dura realidade, o contraponto história e ficção e, também, a possibilidade de avaliação da produção literária na sociedade contemporânea, no sentido de avaliar o seu caráter engajado.

A protagonista sente-se nula, sem quaisquer possibilidades de libertação e, com isso, imagina na morte do marido a sua válvula de escape. O narrador traz-nos uma personagem que dialoga consigo mesma, deixando o leitor por dentro das suas reflexões e com possibilidades de conhecer de perto suas indagações, sua vida e suas particularidades. Tem-se o contraponto entre a imaginação e a realidade, ambas confrontando historicidade e vivência humana.

Por meio das atitudes machistas do marido, personagem que representa uma parcela significativa da sociedade, dos xingamentos e tantas outras formas de agressão física e psicológica, é que se percebe o contexto excludente na qual vivemos. Escrito na contemporaneidade, o conto de Agnaldo Rodrigues trabalha com memórias de um passado de dificuldades vivido pelas mulheres. Ainda hoje, muitas delas aceitam esse papel subalterno, porque são dependentes financeiramente do esposo. Com isso, veem-se sem condições de sair para lutar, trabalhar, sustentar a casa, emancipar-se, tendo que, em inúmeros casos, suportar as mais variadas circunstâncias de opressão. Essas mulheres vivem suas vidas como se estivessem mortas. A alegria não faz parte de suas rotinas, somente tristeza e resignação.

A literatura consegue mostrar um olhar para a sociedade que, muitas vezes, pode ser um pedido de socorro, como no conto em análise. Pode-se, através do poder da escrita, trazer à ficção faces da realidade histórica, como forma de provocação e transformação social. A representação da realidade nua, tal qual ela se apresenta na vida real. Nessa direção, a relação história e sociedade nos leva a compreender o necessário papel da literatura em nossas vidas e as várias possibilidades de interpretar um texto literário.

A partir de agora, abriremos e apresentaremos a Galeria de Personagens Femininas, referentes às personagens dos contos sobre os sete pecados capitais, dispostos na coletânea *Baú de Pecados* (2020). Em seguida também faremos uma análise do conto “Luxúria”, com embasamentos teóricos do escritor Carlos Reis sobre figuração e sobrevida da personagem.

CAPÍTULO III

No processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção?

(CANDIDO, 2009, p. 50)

3 A MULHER EM PERSPECTIVA

Adentraremos, neste capítulo, ao universo de algumas mulheres reais, ficcionais e mitológicas associadas a personagens criadas na produção de Agnaldo Rodrigues. Com características parecidas, elas serão colocadas numa galeria e comparadas em suas particularidades. Em alguns momentos, ficarão próximas e em outros se distanciarão dentro de seus enredos. Porém, todas essas personagens, que serão citadas neste estudo comparativo, possuem grande importância no contexto a que pertencem e representam a força da mulher na sociedade e na literatura.

Faremos também uma aproximação sobre a personagem Maria Madalena, do conto “Luxúria”, em relação à figuração e à dualidade existentes na protagonista por transgredir os padrões sociais. Portanto, vê-se inserida num fluxo dramático constante na narrativa. O conto ocorre no tempo passado, possui frases carregadas de metáforas e sentidos múltiplos, um monólogo interior acompanhado de um fluxo de consciência que oscila entre o bem e mal, o sagrado e profano, o real e o irreal. O narrador onisciente descreve o que acontece em seu interior e exterior, deixando o leitor com possibilidades de visualizar toda trama. Ela é a representação da mulher transgressora que sofre com suas escolhas, seja ela qual for.

3.1 Galeria das Personagens Femininas

Nenhum texto produz-se no vazio ou origina-se do nada; pelo contrário, todo texto alimenta-se, explícita ou implicitamente, de outros textos. A condição para a produção de textos, portanto é a intertextualidade. Um texto sempre toma posição em relação a outros textos, seja reiterando-os, seja subvertendo as ideias presentes no texto original. (SOARES, 2017).

O termo “conto” tem sua origem etimológica no vocábulo latino *computus*, tendo o seu sentido original relacionado a uma conta, um cálculo, um cômputo, um número e que ganhará o sentido de contar, de narrar. Nesse caso, os contos de

Agnaldo Rodrigues dialogam com outros textos, construindo a intertextualidade, importante recurso de linguagem, visível em sua escrita. Para Bakhtin (2002, p. 56): “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade”. E esse recurso será bastante verificado neste capítulo na construção desta galeria. De acordo com os estudos da escritora Norma Discini de Campos, linguista e semiótica brasileira: “Na intertextualidade não há fronteira, não há linha divisória entre o eu e o outro, não há ruptura. Intertextualidade é a retomada consciente, intencional da palavra do outro...” (DISCINI, 2001, p. 11). Há, portanto, na intertextualidade uma liberdade sobre outros textos que só engrandece o trabalho do outro, valorizando todos os textos dos variados escritores e gêneros.

Ao entrar em contato com a construção das personagens dispostas na parte “Mitologias”, no livro *Baú de Pecados*, verificamos um total de sete personagens femininas que possuem alguma correlação com outras personagens clássicas da literatura de conhecimento geral. Dessa forma, a partir desse levantamento, será montada uma galeria com os tipos sociais, de forma a destacar as suas particularidades, considerando o contexto em que estão inseridas dentro das narrativas. Além disso, esta galeria possui em cada um dos seus subtítulos uma frase simbólica referente à personagem que será revelada. Ela antecipará um conceito, uma referência àquela figura e relaciona-se com a história que seguirá.

Este capítulo será dedicado ao estudo da confluência entre a construção da personagem nos contos de *Baú de Pecados*. Os referidos contos voltam-se para o tema dos sete pecados capitais como vícios e transgressões humanas que darão conteúdo às narrativas. A protagonista de cada conto traz subjacente em sua configuração ficcional um dos pecados e será envolvida por ele, proporcionando ao enredo atitudes exageradas e transgressoras, tal como observa-se na sociedade cotidianamente, enfatizando que tais atitudes são próprias do comportamento e das contradições do ser humano.

São estes os sete pecados capitais: luxúria, soberba, preguiça, inveja, gula, avareza e ira. Historicamente, entre os séculos XV e XVIII, a igreja católica trabalhava muito a força do pecado na vida cristã e separava o que era do homem do que era de Deus. Ele estava no centro da teologia cristã que regia todas as ações das pessoas que morriam de medo de ir para o inferno e assim, nesse contexto, surgia a temática dos pecados capitais:

No século XVIII, os discursos sobre os pecados capitais se propagavam através dos escritos de religiosos que divulgavam a moral cristã, por meio de publicações que passaram a ser cada vez mais constantes: sermões, cartas, boletins, periódicos, manuais etc. Viver sem cair em pecado era a recomendação feita a todos os fiéis que desejassem “viver santamente”. (FLECK; DILLMANN, 2013, p. 13)

Percebe-se também que o número sete está muito presente nos contos que compõem a parte “Mitologias”, o que carrega muita simbologia. São sete pecados capitais que fazem referência ao profano e sete virtudes que apontam para o sagrado, o céu e o inferno. Ou seja, para cada pecado, há uma virtude: “Diante da soberba, a humildade; da avareza, a generosidade; da luxúria, a castidade; da inveja, o desapego; da gula, a temperança; da ira, a serenidade; da preguiça, o trabalho”. (FLECK; DILLMANN, 2013, p. 14). Sete contos, sete mulheres, sete figuras da ficção e assim segue as narrativas com seus enredos cheios de significados e fantasias.

3.1.1 Maria Antonieta - “Sozinha, mas rica”

Para melhor compreensão do objeto de estudo a ser apresentado, podemos dialogar com os estudos da literatura comparada como forma de enriquecer a pesquisa. Colocaremos frente a frente duas personagens ligadas por elos do passado e do presente com características em comum e que denotam valor estético na narrativa. A comparação é um recurso muito utilizado por escritores para estudar algumas obras, pois, para Carvalho (2006, p. 8): “a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe”.

Abrindo a galeria, temos a primeira personagem feminina que iremos analisar no conto “Avareza”, do livro *Baú de Pecados*, na parte Mitologias. Um olhar para a construção da personagem em cena, de imediato, remete-nos à conhecida figura da vida real que viveu no século XVIII. Nesse contexto, pode-se estabelecer uma comparação com a polêmica Maria Antonieta Josefa Joana Von Habsburgo-Lorena, a Delfina de França. A referida rainha, como se sabe, viveu entre 1755 e

1793, tendo sido morta em decorrência dos acontecimentos da Revolução Francesa, com a queda da monarquia. Extremamente apegada a bens materiais e ao luxo que poderia vir de sua posição social, essa importante figura na história da França teve um casamento arranjado para unir os dois reinos, matrimônio esse fundamental para estabelecer tal aliança. Contudo, aproveitou bem dos benefícios vindos dessa união até quando, por fim, anos mais tarde houve a decadência do seu reinado.

Interessante ressaltar que, na história real da rainha Maria Antonieta, ela foi considerada culpada por toda a situação financeira do reino e, por isso, levada à guilhotina, em janeiro de 1793. Talvez o fato de ser mulher facilitou que recaísse sobre ela toda responsabilidade por tudo o que estava acontecendo de ruim no seu reinado. Como se sabe, as mulheres, como sexo frágil, regidas pelo poder do patriarcado, fundamentalmente aquelas que assumiam posições de poder político, eram responsabilizadas pelos problemas sociais e, no caso de Maria Antonieta, seria muito mais convincente atribuir-lhe a culpa.

O conto “Avareza” apresenta-nos uma personagem extremamente racional e, portanto, livre de sentimentos, apegada a bens materiais como forma de sentir-se segura e bem com o luxo à sua volta. Ela era rica e gostava de joias caras, roupas de luxo com cores exuberantes que marcavam ainda mais a sua importante presença. Entretanto, a despeito de toda ostentação, tratava-se de uma pessoa sovina, que exigia dos empregados que economizassem no básico em casa. A alimentação poderia ser restrita com economia de ingredientes, até mesmo porque era sozinha e achava que os empregados desperdiçavam bastante e isso para ela era uma afronta: “Pela manhã, vestiu-se de mau humor. Ralhou com a empregada, porque o café estava forte e doce. Questionou a necessidade de tanto pó e açúcar”. (SILVA, 2020, p. 31).

Entretanto, era pródiga em gastar com outras coisas que para ela eram essenciais, como bens materiais. Isso a fazia feliz, ver sua riqueza estampada em seu corpo, ver sua própria imagem lhe dava sensação de poder. Segundo Sigmund Freud, “o instinto de olhar, em que o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ele pertence ao narcisismo, é uma formação narcísica” (1914, p. 51). Ver-se bem significa muito para o ser narcisista. Maria Antonieta teria um grande apego a si mesma e ao valor das coisas que, para ela, eram muito importantes.

Antonieta gostava de joias. Levava pendurado no pescoço um lindo colar,

ouro fosco, com um pingente todo trabalhado, imagem de Pietá. As pulseiras de ouro nos pulsos e os anéis nos anelares selavam o seu requinte. Gostava de roupas em variados tons de amarelo, uma cor que combinava com a pele. Naturalmente, nascera para ser madame. (SILVA, 2020, p. 32)

No conto, essa personagem amargurada sentia o peso da solidão e passava as noites mal dormidas, acordava sempre indisposta e de mau humor. Não se sentia à vontade para viver um amor, porque pensava que os homens só se aproximavam dela por estarem de olho em suas posses. Privou-se de experiências amorosas, namoros, exaltação de sentimentos, mostrando-se sempre fechada para a vida a dois: “Era objeto de valor, nunca de amor.” (SILVA, 2020, p. 33). No enredo, o escritor também se preocupa em esclarecer a relação existente entre os nomes das personagens: “Nome de origem nobre, em homenagem à arquiduquesa da Áustria, rainha consorte de França e Navarra...” (SILVA, 2020, p. 33).

O campo semântico, bem como a simbologia que permeia esse nome, conferem às personagens características que as aproximam ou distanciam. Essa protagonista apresenta atributos que a remetem ao contexto da realeza, o que lembra a figura histórica da rainha da França. Na constituição do espaço há elementos que também reforçam essa referência à Delfina; na sala, havia uma guilhotina sobre a mesa, cuja visão despertava o seu interesse. Ao olhar para o objeto, vários pensamentos passavam em sua mente, como se observa no fragmento abaixo:

Passeou os olhos pela casa. Depositou-os sobre a mesa localizada no canto da sala. Fixou os olhos na guilhotina antiga e centenária, um objeto de família. Era lembrança do avô. Deu leve risada. Depois, analisou aquela máquina dotada de lâmina basculante, feita para cortar materiais, mas que no passado havia sido instrumento de decapitação dos condenados à morte. O objeto distraiu a moça por alguns instantes. Aproximou-se e o contemplou profundamente. Na parede, um espelho grande, adornado por moldura metálica. (SILVA, 2020, p. 33)

Em seu exterior, via-se uma mulher forte, porém interiormente sem alegria de viver. Pensava que se casasse teria que dividir o que tinha e isso ela não aceitava. Na verdade, tudo o que o dinheiro era capaz de comprar não trazia o preenchimento necessário para suprir suas carências emocionais e psicológicas. Tinha um desequilíbrio emocional que afetava as pessoas que estavam ao seu redor. Pensava em ser ruim, gostava de se sentir superior humilhando as outras

peessoas, grossa com todos, sem se importar com os reflexos que isso poderia causar. Irônica em algumas situações, dava risadas frenéticas como se debochasse da situação precária de outras pessoas. Uma frase que sugere isso relacionada às duas personagens é: “– Se não tem pão, comam brioques!” (SILVA, 2020, p. 34). Ela não se preocupava com o que as outras pessoas tinham para comer. Vale ressaltar, de acordo com os registros históricos, que não há evidências que atestem que tal expressão irônica tenha, de fato, sido proferida pela rainha francesa.

No conto analisado, é possível identificar vários elementos que permitem aproximar aspectos do comportamento da protagonista com a rainha Maria Antonieta. Dentre eles anotamos o narcisismo, a avareza, o individualismo e o excessivo apego aos bens materiais. Ademais, o protagonismo feminino visto nesse conto revisita o percurso de outra mulher da história que se tornou importante destacando-se em uma vida cheia de contradições, volúpias e interesses particulares que a levaram à ruína. Existem muitas controvérsias sobre a referida rainha, pois, de acordo com registros históricos, ela não contava com a simpatia dos seus contemporâneos, nem tinha muitos adeptos, sobretudo após a sua prisão e o seu julgamento, o que leva a crer que a sua forma de estar na vida, a sua arrogância não favorecia um bom relacionamento com os seus súditos. A narrativa “Avareza” alimenta-se implicitamente de fatos da história ao reviver o tema e trazer para o centro da cena ficcional a Maria Antonieta, jogando luzes sobre a história da rainha guilhotinada. Ao final, ambas não tiveram um final feliz, cada uma em sua época sofreu com as armadilhas do destino.

3.1.2 Aurora - “Dormia o tempo todo.”

Os contos de fadas atravessaram muitas gerações e chegaram aos nossos dias com as releituras advindas de inúmeras culturas. Até hoje eles se fazem presentes na memória de todos, evocando recordações de momentos em que viajamos no fantástico e maravilhoso mundo da imaginação.

Nelly Novaes Coelho (1998, p. 17) afirma que: “os vestígios mais remotos [...] remontam há séculos antes de Cristo e provêm de fontes orientais e célticas”. Ainda, segundo Coelho (1998), a partir da Idade Média alguns autores passaram a coletar a memória do povo, ação que fez com que os contos fossem absorvidos por

textos de fontes europeias, bem como sofreram as primeiras adaptações para o público infantil. Um dos primeiros autores a fazer esse tipo de adaptação, no século XVIII, foi o francês Charles Perrault. Alguns de seus contos bastante difundidos são: *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, entre outros.

A próxima personagem feminina que iremos apresentar é Aurora, do conto “Preguiça”. Nesse conto, a história narrada aproxima-se do conto de fadas *A Bela Adormecida*, que tem como protagonista a princesa Aurora, a qual, na história original, caiu em sono profundo, parecido com a morte, após ter se cortado em um tear, graças à maldição de uma bruxa que ficou ofendida ao não ser convidada para o seu batismo. Porém, para amenizar o seu sofrimento, outra fada deu de presente a possibilidade de a menina não morrer, mas sim dormir em sono profundo no qual só poderia ser despertada com o beijo verdadeiro de um príncipe.

Entretanto, a personagem por nome Aurora do conto em análise trata-se de uma menina que completaria 16 anos e precisava escolher um vestido para passar essa data. Seu pai não era rico, ela não era princesa, não havia festa alguma, mas pensava que uma data tão especial merecia pelo menos um vestido elegante para comemorar. Era uma pessoa sem expectativas em relação ao futuro, porque estava mergulhada na preguiça que não a deixava evoluir, buscar novas aspirações para sua vida.

Um dos aspectos que chamam a atenção é o significado do nome da personagem principal. Segundo o dicionário de nomes próprios: “Aurora era a deusa romana da manhã, que na mitologia grega era a equivalente à deusa Eos. De acordo com a mitologia romana, a deusa Aurora era responsável por sobrevoar os céus anunciando o começo de um novo dia.” Porém, nossa protagonista nada tem de responsabilidade no conto. Não apresentava sinais de disposição para nada. Ainda de acordo com o dicionário, no campo semântico, Aurora significa “o nascer do sol”, “o raiar do dia”, “a que nasce do oriente” ou “aquela que brilha como o ouro”. Ou seja, uma pessoa com iniciativa, que está sempre em busca do princípio do dia, da vida. Em desacordo com o significado do seu nome, a protagonista do conto fazia da sua vida um enorme vazio:

Aurora era uma jovem bonita, mas adormecida pela vida. Gostava de sonhar com o futuro e lamentar o passado. Pensava nas oportunidades que a vida lhe reservava, mas também naquelas que ela própria se incumbira de desprezar, ou simplesmente, deixar escapar das mãos. (SILVA, 2020, p. 35)

Como no conto original, simulou-se que ela precisava de um vestido azul-celeste para o dia do seu aniversário e, para tanto, neste dia saiu à procura de um que havia visto no dia anterior em uma loja. Entrava e saía das lojas aparentando algum ânimo para encontrar o tal vestido: “Decidida, Aurora tomou banho, vestiu-se e saiu à procura de possibilidades. Passava de loja em loja, olhava as roupas, umas vestiam os manequins, outras penduradas nos cabides...” (SILVA, 2020, p. 36). Após muito procurar, enfim encontra o tão esperado vestido, lindo como em seus sonhos: “Fascinante, o vestido! Objeto de desejo, certamente teria sido feito para ela. Era de organza cristal azul, longo rodado, com plumas que traziam leveza e elegância ao vestido, um primor...” (SILVA, 2020, p. 37). Vestindo-o sentiu-se completa.

Lindas recordações vieram-lhe à mente, lembranças da infância invadiram seus pensamentos, fazia rituais com vestido, dançava e rodopiava com aquele que até então despertava suas emoções mais profundas, como num fluxo de memória entre a realidade e a ficção, vida real e imaginação, como campos opostos que em certo momento se confluem e completam. Passados esses devaneios oníricos, Aurora percebe que o tempo havia passado rapidamente e que precisava voltar para sua casa, onde não havia festa, nem comemoração alguma a esperando, apenas os serviços diários de sempre.

Ela gostaria de permanecer, assim “poderia ficar ali, sozinha, naquele castelo chique e cheio de requinte, até que o príncipe aparecesse para despertá-la. – Apareça, Maléfica! Fada má. Joga-me a maldição”. (SILVA, 2020, p. 38). Percebe-se que ela desejou que uma bruxa jogasse a maldição nela somente para permanecer ali inerte, como sempre desejou ficar. Porém, quem aparece não é o príncipe e sim uma velha senhora, fiandeira sentada à roca que lhe pergunta se quer aprender a fiar. Ela diz à menina que se mexer naquele fuso nunca mais trabalharia e, como ela era muito preguiçosa, esse convite tentador veio em boa hora. Vejamos:

Fascinada pela ideia, sentou-se ao tear, sem jeito para o ofício, espetou o dedo no fuso. Uma gota de sangue brotou. Então, ela sentiu uma incontrolável vontade de dormir, um sono que a dominava, por mais que resistisse.

Dormiu.

Sonhou profundamente.

Um castelo lindo, onde havia um príncipe que vencera obstáculos ao redor daquela fortaleza, escalaria a torre mais alta para depositar sobre seus lábios um beijo. Não qualquer beijo, mas o do amor verdadeiro. Lentamente, Aurora abriu os olhos, o relógio fixado na parede marcava meia noite... (SILVA, 2020, p. 39)

Acordada desse sonho, viu que dormira demais e precisava voltar à sua casa. Percebeu então que não teve beijo, nem príncipe, nem castelo. Aurora percebeu que tudo foi um sonho, um filme projetado na tela da sua fértil imaginação e que a única coisa que tinha era a inércia, a prostração que sempre a acompanhou por toda sua vida, diferentemente do conto de fadas em que a princesa é acordada pelo beijo do amor verdadeiro. Não haveria um homem que enfrentaria todos os obstáculos para encontrar e “salvar sua amada”.

Esse conto, à primeira leitura, faz uma referência ao conto de fadas *A Bela Adormecida*, um conto aparentemente ingênuo que remete a inúmeros significados. Dentre eles, é possível associar a uma das máximas de Simone de Beauvoir (2009, p. 35): “Achar-se situada à margem do mundo não é posição favorável para quem quer recriá-lo.” Permanecer no sono paralisante e na inércia é entregar ao outro o governo de si própria. Permanecer na zona de conforto é abdicar do conhecimento e cuidado de si e do seu destino. O conto, ao contrário, é uma crítica velada e muito nos ensina sobre lutar por nossos sonhos, como fez o príncipe. Para ela:

A mulher é a Bela Adormecida no bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera. *Um dia meu príncipe virá...* [...]. Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventurezas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza. (BEAUVOIR, 1949, p. 33)

Segundo a escritora, a mulher precisa sair da sua zona de conforto e correr atrás dos seus objetivos. Aurora é passiva, gosta de ficar no ócio e traz consigo características de submissão, sendo que a mulher da contemporaneidade luta por seus sonhos, exige direitos iguais e está em busca de igualdade em relação aos homens perante a sociedade atual. O príncipe mostrou-se disposto e conseguiu realizar seu objetivo. Em suas características podemos contemplar atitudes que o enaltecem, demonstrando a objetividade e a valentia esperada do sexo masculino. Enquanto a personagem Aurora nada faz, apenas viaja pelo mundo da imaginação buscando reviver sonhos antigos. Assim, mergulhando no reino mágico dos sonhos, deixou a realidade passar, sempre acompanhada de extrema preguiça e falta de disposição para a vida, o que demonstra um traço nítido do pecado da preguiça.

Essa intertextualidade ganha forças no enredo porque o autor trabalha bem a relação existente entre o pecado da preguiça e o sono profundo da princesa, o feitiço que a deixou dormir por cem anos. Um sono secular. No conto original, a personagem Aurora não demonstrava preguiça, ela foi amaldiçoada por uma bruxa invejosa que a fez dormir por cem anos, não só ela, como todos do castelo. “Sobre a semelhança, constroem-se diferenças, construindo-se, assim, o sentido da intertextualidade” (DISCINI, 2001, p. 30). Isso torna a releitura bastante interessante e bem atual em que duas personagens ligadas pelo mesmo nome vivem situações parecidas com desfechos diferentes. Observa-se que, na confecção final, temos o elemento inesperado que surpreende o leitor, o procedimento literário que desautomatiza o olhar do público-leitor habituado aos finais felizes. Neste caso, a criatividade, mais uma vez, é a marca na escrita desse contista da atualidade.

3.1.3 Maria Madalena - “Estou parecendo uma vagabunda”

Os temas religiosos sempre despertaram interesse entre os diversos autores e estudiosos da literatura. Os mecanismos de representação ficcional voltam-se, na atualidade, para a problematização de temas e discursos ligados aos universos da religião. Nesta galeria de personagens nos encontramos com Maria Madalena⁵, personagem que traz consigo a simbologia e a força presente no nome de uma grande mulher na história da humanidade e da religiosidade Cristã.

Esta personagem feminina da nossa galeria assemelha-se a uma personagem bíblica com bastante significado dentro do contexto religioso referente à passagem de Jesus, figura central do cristianismo, pela terra. Trata-se da presença marcante de Maria Madalena, a personificação da mulher redimida, fiel companheira de Cristo nas Escrituras Sagradas. Ela é aquela que esteve junto a Jesus em momentos importantes de sua trajetória e que é citada em algumas passagens bíblicas. Trata-se de um estudo comparativo entre a Maria Madalena bíblica e a personagem na contemporaneidade. Ambas possuem semelhanças e protagonizam histórias interessantes dentro de cada contexto em que estão inseridas.

⁵ Linda Hutcheon, em seu livro *A theory of adaptation*, afirma que “as adaptações se assemelham às paródias por terem uma relação aberta e definida com os textos originais, normalmente denominadas “fontes”. Por outro lado, “diferenciam-se delas por anunciar abertamente essa relação”. (HUTCHEON, 2006, p. 3).

No conto “Luxúria”, é apresentada a personagem de ficção conhecida pelo nome de Maria Madalena. Ela é uma prostituta que morava em uma cidade do interior com menos de oitenta mil habitantes nos primeiros anos do século XX e causava rebuliço na região por sua conduta, pois se tratava de uma sociedade altamente preconceituosa “que se autodenominavam guardiões da moral e dos bons costumes” (SILVA, 2020, p. 41). Era uma mulher muito bonita e sensual, por onde passava, ninguém permanecia indiferente à sua presença, as pessoas olhavam e sentiam sua presença marcante. Nesse dia, resolvera ir à missa, porém sabia que não seria bem aceita: “O tempo vivido na fornicção construíra-lhe uma imagem de lascívia. Parecia que tudo exalava sensualidade.” (SILVA, 2020, p. 41). Em sua cabeça, imaginava várias coisas caso aparecesse à missa.

Nesses momentos de reflexão ela se compara à Maria Madalena bíblica e chega à conclusão de que se a sociedade perdoou aquela pecadora, por que não haveriam de perdoá-la também? Calculava tudo que usaria, a cor do batom, do vestido, se seria decotado ou não. Um fluxo de sentimentos assola seu coração e sua mente. Nessa imersão vemos duas personagens em uma. A comportada que necessita ir à missa e outra que deseja ser possuída por todos os homens da cidade. Uma recatada, outra depravada. Uma submissa outra transgressora.

Como se viajasse em seu interior, vê-se a força de seus pensamentos materializados nos objetos que estão em sua volta. O psicológico imagina inúmeras situações. Sonho e realidade se fundem num contexto maior. Observa-se a dualidade da personagem com pensamentos de contrastes que demonstram as várias faces da mulher. Temos a figura do espelho que traz explícito aquilo que seu interior externava.

Frente ao espelho, viu refletida a imagem da fonte que ficava no canto da sala, em que uma água cristalina jorrava como se minasse das pedras. Então ela pegou uma vasilha e encheu-a com água, molhou um lenço e torceu para tirar o excesso.

“Ah se fosse água-benta!” – pensou, deixando escapar leve sorriso.
(SILVA, 2020, p. 42-43)

Neste trecho verifica-se que ela deseja ser pura porque queria ter uma água que lavasse suas impurezas, deixando-a sem mácula, livre de seus pecados como Jesus fez com Madalena no passado. O espelho refletia sua própria imagem ou aquela desejada? Será que em seus pensamentos queria libertar-se daquela vida de

pecados ou na verdade gostava de dar vazão aos seus impulsos carnis? Em seu artigo *A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho*, Helena Amstalden Imanishi (2008), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, busca discutir o papel e o aparecimento da metáfora na construção da obra de Lacan, por meio da análise de uma metáfora específica de sua teoria e fundamental na sua construção e sustentação: a “metáfora do espelho⁶”. Maria Madalena vê através do espelho a realidade que a cerca, a sua vida e todos os sentidos dados a ela. O espelho simboliza sua própria representação e esta lhe basta, é o suficiente. O mundo exterior e o interior fundem-se numa ótica só, confusa e abstrata.

Um fluxo de consciência se confunde ao olhar para o espelho e ver sua imagem refletida. Internamente sentia como se água fosse pouco a pouco lavando sua alma e ela cada vez mais mergulhava nesse delírio. E temos a metáfora da água dando intensidade à narrativa. A água que lava a alma, que escorre entre os dedos, a forma simbólica da vida. Entretanto, a sua vida toda passava pela sua mente. Ela ia aos poucos lavando seu corpo com aquela água límpida que tanto a atraía: “Momento poético. Esqueceu-se da modernidade desenfreada e do capitalismo selvagem. Maria Madalena mergulhou na imaginação”. (SILVA, 2020, p. 43).

A metáfora da água presente na cena intensifica seu interior. Em êxtase, imaginava bichos a observando que aos poucos iam se transformando em homens a espreitá-la. Ela não conseguia afastar tais pensamentos. O desejo carnal, a sexualidade sempre aflorada, queria viver intensamente aqueles desejos. Ao mesmo tempo que queria ir à igreja, desejava estar com vários homens e se manter na vida que sempre teve. Talvez não conseguisse sair daquela vida, daquela situação em que se encontrava há tantos anos. Há uma quebra de expectativas quando, ainda dentro desse fluxo interior, algo acontece em sua casa:

Repentinamente, uma pedra estourou o vidro da janela.

O estalo gelou-lhe a alma.

Uma voz ressoou autoritária:

- Prostituta!

Madalena, emergiu do devaneio. A pia da cozinha vazava água, que se espalhava pelo recinto. Pensou em olhar pela janela, mas retrocedeu. Olhou novamente para o espelho e viu a profundidade da alma.

Suada, descabelada, o batom borrava o contorno da boca.

Pensou na missa... (SILVA, 2020, p. 44).

⁶ Entendendo o estádio do espelho como metáfora, “basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. (LACAN, 1998, p. 99).

A personagem faz incursões mentais, viaja pela imaginação e, com o estalo do vidro quebrado, é jogada de volta para sua realidade. Uma janela quebrada remete à força da ação que joga a personagem para fora do seu próprio mundo, ligando-a entre o interno e o externo, o extremo e o próximo, o sagrado e o profano. Remete à Madalena bíblica que fora jogada ao centro para ser apedrejada. Ambas desnudadas, desvalidas, subjulgadas. Parece estar habituada com a denominação “prostituta”, era como se isso a trouxesse de volta para dentro de si, caracterizando-a. Dizendo que ali era seu lugar. Sentimentos tão intensos, hora tão tênue.

Percebe-se que o desejo de ir à missa prevalece, mas é novamente deixado para trás. Parece que ela se conforma com o que é e que sair do “seu mundo” seria muito mais complicado do que permanecer nele. Há uma aceitação grande ao ser chamada de prostituta, tanto que se ajeita, levanta a cabeça e segue a vida: “Arrumou o decote e limpou o batom que borrava a boca. Depois olhou fixamente no espelho e gargalhou. – Estou parecendo uma vagabunda!” (SILVA, 2020, p. 44). E assim somos apresentados à Maria Madalena agnaldiana, com traços marcantes de outra personagem da história, mas com desfecho diferente. Uma mulher que vive seus dramas sozinha, excluída por uma sociedade dominada pelo discurso patriarcal que impõe rígidos limites à expressão dos impulsos sensuais, que aceita somente as mulheres submissas destinadas a serem “recatadas e do lar”, dominadas pelos homens. Sem julgamentos, nem opressões, fomos conhecendo a personagem da ficção com toda riqueza de detalhes próprios da escrita do autor. Uma escrita que compreende vários discursos, várias ideologias.

Aqui vemos a apropriação de uma personagem feminina de referência bíblica, a qual o autor ocupa-se não apenas em deslocá-la de seu contexto próprio para inseri-la em um contexto contemporâneo, mas também em recontar o seu percurso, evidenciando o diálogo que se estabelece entre o discurso profano do conto e o discurso religioso. A este respeito, Mircea Eliade (2001, p. 165) defende: “O homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico religiosas, este modo específico é sempre reconhecível”.

Pode se medir o precipício que separa as duas modalidades de experiência – sagrada e profana – lendo se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida

humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho etc.). Bastará lembrar no que se tornaram, para o homem moderno e religioso, a cidade ou a casa, a Natureza, os utensílios ou o trabalho, para perceber claramente tudo o que o distingue de um homem pertencente às sociedades arcaicas ou mesmo de um camponês da Europa cristã. Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). (ELIADE, 2001, p. 14).

A criação da personagem do conto investe na desconstrução da linguagem sacra no contexto ficcional e volta-se para a legitimação de situações mundanas e socialmente reprováveis e do discurso profano que subverte o texto original da Bíblia. A Madalena bíblica, inserida em outro contexto social marcado pelas convenções sociais da época de Cristo, pelo poder do patriarcado e a invisibilidade feminina, consegue o perdão e a inclusão de Jesus e marca a história das mulheres e da humanidade porque sendo mulher, “ser inferior”, Jesus a purificou, dando a ela vida nova. E nesta nova vida passa a segui-lo e a servi-lo com todo coração. Vejamos:

Maria Madalena foi uma seguidora de Jesus Cristo mencionada na narrativa bíblica do Novo Testamento. Ela foi uma das mulheres curadas pelo Senhor, e também foi a primeira a vê-lo após a ressurreição. Ela aparece na Bíblia como “Maria, chamada Madalena”, e provavelmente essa designação seja uma referência ao seu local de origem, a saber, a aldeia de Magdala na Galileia. (CONEGERO, 2022, on-line)

São duas personagens que podem ser identificadas através da carga semântica do nome que carregam. Criadas em mundos diferentes, tem algumas características em comum que serviram de base para que o escritor tecesse essa narrativa de mulheres. São mulheres que transgridem a lei e vivem a vida à sua maneira. Uma extraída do Novo Testamento, na antiguidade e, a outra, presente na galeria da representação ficcional compromissada com a arte contemporânea e a desautomatização do olhar do público leitor. Na mente do escritor elas se entrelaçam e nos surpreendem enquanto mulheres fortes que enfrentam todos os desafios que a vida lhes impõe. Nos estudos da atualidade sobre a mulher e sobre a personagem de ficção elas são referências para outras mulheres e para a criação de outras personagens femininas na literatura. Criticadas e pouco valorizadas por uma sociedade conservadora, a protagonista representa algo mais que feminismo,

representa a luta da mulher e da sociedade contra a dominação tipicamente masculina e padrões sociais que são altamente preservados pela sociedade a que pertencem. Para Bourdieu:

Só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas [...] e as estruturas de grandes instituições onde se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social [...] poderá, a longo prazo, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina. (BOURDIEU, 2012, p. 139)

Este é um processo que levará muitos anos para ser compreendido e muitas lutas ainda serão travadas para que a mulher possa se libertar desse sistema de dominação que está instaurado na sociedade como um todo há muito tempo. Para esse autor, será através da Escola e do Estado que essas mudanças poderão de fato acontecer, pois são lugares de ação que visam à mudança que a luta feminista tanto anseia.

3.1.4 Babete - “Cozinhar era considerado por ela uma arte!”

Como sabemos, os banquetes são reuniões particulares em que um grupo de pessoas se reúne para comemorar algum acontecimento importante. Geralmente são regados a bebidas e comidas variadas. O livro *O Banquete*, de Platão, é um importante texto filosófico em formato narrativo que demonstra o comportamento das pessoas, em uma discussão sobre a natureza do amor, fazendo um elogio ao deus Eros (deus do amor). Mais tarde, serviu de inspiração para o filme *A festa de Babete* (1987), de Gabriel Axel.

Alguns banquetes ocorridos na história se tornaram relevantes, a exemplo o de Ágathon, em sua casa, onde comemora sua vitória num concurso dramático recente, na ocasião em que estava presente um grupo de filósofos que discursariam seguindo uma sequência. Em seu artigo intitulado *Iniciação, Profanação e Mitopeia no Banquete de Platão: uma aproximação entre literatura e filosofia*, Adriano Scandolara comenta que “nele estiveram presentes como convidados Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e, mais tardiamente, Alcebíades, além do filósofo Sócrates, todas figuras históricas” (SCANDOLARA, 2010, p. 114). Entendedores da

arte de discursar, usavam as palavras para demonstrar seu ponto de vista sobre esse tema.

Na literatura, o banquete de Babete destaca-se por ser uma reunião onde é demonstrado o culto à arte culinária. Ela, uma exímia cozinheira, um dia resolveu reunir um grupo seleto de pessoas para levá-las ao mundo mágico da gastronomia, oferecendo-lhes um banquete dos mais chiques. Todos ficaram inebriados com sua arte de cozinhar e, através dela, conseguiu levar aquelas pessoas a experimentarem sensações e experiências jamais vividas ou sentidas.

A personagem Babete no filme é uma pessoa que gosta de cozinhar e que, por meio da sua comida, consegue trazer de volta nas pessoas sentimentos bons que estavam guardados no interior de cada um. Em sua arte culinária, consegue misturar emoções e sensações que tornam tudo mais delicioso e as pessoas são tocadas através do encantamento de sua comida. O enredo dessa história envolve a fuga de uma fugitiva da Comuna de Paris, que busca refúgio em um pequeno vilarejo dinamarquês. Na dissertação de mestrado de Thais Morais Salomão (2021), ela discute sobre o conto e o filme *A Festa de Babete*. Neste trecho apresenta a personagem:

Babette Hersant trazia consigo uma carta de Papin. Segundo ele, em razão da guerra civil que assolava a França, tanto o marido quanto o filho dela, “ambos eminentes cabeleireiros femininos”, haviam sido fuzilados. “Ela mesma foi presa como uma pétroleuse e agora, por ter perdido todas as suas posses e não ousar ficar em Paris, Babette embarcaria em um navio, onde o sobrinho era cozinheiro, com destino a capital da Noruega. Ela recorreu ao amigo Papin em busca de algum contato no país nórdico e ele imediatamente se recordou das irmãs. Terminava a carta dizendo que a moça sabia cozinhar. (SALOMÃO, 2021, p. 77).

Nesse contexto, ela chega e fica na casa dessas irmãs e lá prepara um jantar especial com um dinheiro que ganhou na loteria. Então, gasta todo o seu dinheiro nos preparativos para este jantar e o fato é que todos que comem daquela comida, doze convidados, esquecem as brigas e as intrigas que tinham um com o outro e saem satisfeitos de corpo e alma. Desse modo, sentem-se saciados interiormente, esquecendo-se dos sentimentos ruins que os acompanhavam por muitos anos. O ponto de confluência entre as duas personagens é o fato de saberem cozinhar e agradar a todos com sua culinária, onde todos comem à vontade e se fartam do pecado da gula. Temos, assim, mais uma representação literária da vida social que volta-se para a ênfase em relação ao discurso moral assente nos pecados

capitais, feita através do cinema e da narrativa.

Quem protagoniza este conto é a personagem chamada Babete, fazendo clara alusão ao filme *A Festa de Babete*, de Gabriel Axel. O filme foi “baseado em texto homônimo da escritora dinamarquesa Karen Blixen, e é um dos melhores exemplos de como uma adaptação pode ser fiel à obra que lhe originara.” (COSTA, 2020, on-line).

Para Oliveira (2003, p. 137):

Nenhuma arte simula a vida como o cinema. Todavia, não é uma vida. Também não é propriamente uma arte. Porque é uma acumulação, uma síntese de todas as artes. O cinema não existia sem a pintura, sem a literatura, sem a dança, sem a música, sem o som, sem a imagem, tudo isto é um conjunto de todas as artes, de todas sem exceção.

Interligada ao cinema, a literatura traz novas representações para o sentido da arte. Apresenta-nos toda conjuntura social, histórica, política e cultural que permeia a construção da narrativa. Agnaldo traz uma personagem que gosta de cozinhar, sente paixão em fazer comidas gostosas para as pessoas se deliciarem. Mulher prendada como preza a sociedade patriarcal: “Era boa cozinheira, prendada, prendada para casar, como se dizia nos idos de antigamente. Aprendera a fazer coisas deliciosas com a avó, a mãe e a Tia Velha...” (SILVA, 2020, p. 45). Naquele domingo, haveria de sair para comprar os ingredientes das iguarias para preparar o almoço de domingo onde receberia convidados especiais. Toda narrativa acontece nesse almoço de domingo, nele “além dos filhos, receberia uma conhecida que certamente levaria o marido e as filhas” (SILVA, 2020, p. 45).

A amiga chamava-se Magali, que nos remete à outra personagem feminina de histórias em quadrinhos infantis com o mesmo nome. Fora criada por Maurício de Sousa, menina gulosa e essa era sua principal característica. Enfim, após toda a correria para preparar esse almoço especial, a convidada chega com seus filhos, como era esperado. Não se fala em marido no conto. Pode ser que talvez fosse mãe solteira nas criações desse autor, ou outra possibilidade. Entretanto, ao ver tudo arrumado, Magali fica deslumbrada com tantas guloseimas: “Sentada à mesa, Magali olhava com fúria de fome as iguarias. Para ela, comer era um dos mais nobres atos de existência.” (SILVA, 2020, p. 46). Neste momento adentramos à narrativa em que será explicitado o pecado da gula por meio da personagem Magali. Ela só pensava em comer e em seu olhar devorava todos os pratos da mesa. Mal

podia esperar o momento exato para saborear aquele banquete: “Coçava as mãos no desespero de servir o prato. Porém, não podia ser a primeira, ficaria feio.” (SILVA, 2020, p. 47). Percebe-se que ela ainda detinha algumas regras de etiqueta, mesmo com muito sacrifício, pois comer para ela era o que mais tinha importância.

Contudo, era chegado o momento. Comeu até saciar-se e não aguentar mais e ainda pensava se aquilo seria o pecado da gula. A cada porção sentia seu corpo delirar de desejo e com o pensamento sempre no pecado da gula, porém, não parava de comer. Sabia que estava cometendo excessos, que todos reparariam, porque era de bom grado seguir as regras, comer pouco e pausadamente, demonstrando elegância e saciedade. Mas ela não conseguia fazer isso, não saciava aquela vontade imensa de comer. Sentia-se livre comendo, apesar de não gostar de dividir seus pratos. Até que comeu e bebeu de tudo o que havia na mesa:

O corpo estava satisfeito, mas a alma continuava sedenta e faminta. Olhos famintos! Olhos grandes! Olho gordo! Pensou em pedir para levar um pouco daquela sobra, mas logo afastou a ideia; seria indelicado. Por isso, comeu o quanto pôde. Por algum momento, perdeu-se nos assuntos, pois a gula a afastou momentaneamente daquele contexto. Deslocada, sem assuntos, fez um esforço para se reintegrar na conversa e entender as piadas que, a priori, eram sem nexos. (SILVA, 2020, p. 47-48).

Vemos o pecado da gula sendo escancarado no papel dessa personagem, que se farta de tudo e não consegue nem sequer conversar porque não se concentra em outra coisa a não ser na comida. Triste vício que muitas pessoas carregam e que o escritor Agnaldo tão bem retratou neste conto. A personagem da Babete tão somente seria a pessoa responsável em proporcionar ao enredo a possibilidade da representação deste pecado. Com sua delicadeza ao cozinhar, tem em suma tanta importância quanto a personagem da Magali que é a representação da gula no conto. Ao final do dia, Babete serve o café da tarde para a visita e diz em tom de ironia que se fartara além da conta. Magali apenas diz que eles é que não sabiam comer, que não sabiam o que era bom e que por isso não eram felizes. E assim termina o conto. Na concepção de Magali, a felicidade está em comer e se divertir com a comida, sentir o prazer em saborear os mais variados pratos e viver para comer, enquanto para Babete a felicidade é cozinhar.

3.1.5 Medeia - “Vagabundo, enganou-me uma vida inteira!”

Nesse conto, tem-se a história da protagonista denominada Medeia. O enredo foi inspirado na tragédia de Medeia, conhecida como “mulher demônio” na mitologia grega. Ambas as narrativas se aproximam e têm o mesmo desfecho trágico, por isso o conto se configura como uma releitura do mito original que já havia sido representado pelos tragediólogos Eurípedes e Sêneca.

A história de Medeia, da tragédia antiga, é a representação da dor e sofrimento de uma mulher provocados por uma grande paixão e nos leva a refletir sobre a existência humana e até onde podem chegar nossos sentimentos e emoções mais profundos, como já afirmava Eurípedes: “A tragédia nasce do próprio homem, do poder de suas paixões” (LESKY, 1996, p. 192). O homem já não sofre mais a influência dos deuses que tomavam conta do destino do herói, para ele a ação do homem é fruto dos seus próprios sentimentos e dramas humanos.

Na mitologia grega, Medeia era de uma descendência bastante importante e forte, como verifica-se no livro *Mulheres, Mitos e Deusas*, de Martha Robles:

Segundo algumas versões, era neta do *Sol*, o fogo por excelência, a luz mais perfeita, o temível *Hélio*, e filha de ninguém menos importante que o rei da Cólquida, *Eetes*, o deus da mente perversa, irmão da feiticeira *Circe*, por quem Odisseu se apaixonou em uma das etapas de seu périplo de encantamentos. Outros consideram-na filha de *Eetes* e *Hécate*, a misteriosa deusa que, por sua vez, segundo Hesíodo, foi filha dos titãs *Perseis* e *Astéria* e irmã de *Leto*. Não menos revelador que seu parentesco com Tétis e o *Sol*, pais de *Circe* e de *Eetes*, descender do ventre de *Hécate* equivale a se vincular à única divindade feminina a quem se permitiu conservar seus poderes durante o reinado de Zeus, o senhor dos Céus e chefe dos olímpicos. (ROBLES, 2006, p. 150-151)

Dotada de muitos atributos e com uma mente perversa capaz de fazer atrocidades para conseguir o que deseja, torna-se vilã da própria história. Ao se apaixonar por Jasão “o legítimo rei de Iolco, na Tessália” (ROBLES, 2006, p. 151), ajuda-o das mais variadas formas a conseguir o que deseja. Usando seus poderes de feitiçaria conseguiu com que ele fosse vitorioso em várias batalhas com muitos feitos: “Medeia se agradou dele e, temerosa de que o pai o destruísse, prometeu-lhe às escondidas aplicar seus poderosos encantamentos para ajudá-lo, desde que promettesse se casar com ela e levá-la consigo para a Hélade.” (ROBLES, 2006, p. 155). Tempos depois, Jasão, já casado com ela e com filhos frutos dessa união,

resolve aceitar a oferta do rei Creonte para receber sua filha Glauce em casamento, o que desperta a ira mortal de Medeia.

Sentindo-se humilhada, preterida e repudiada perante todos, uma mulher desonrada, pensa numa forma de feri-lo profundamente. Cega pelo ódio e a loucura, carregando consigo os piores sentimentos de vingança, resolve matar sua prole. Antes disso, faz um dos primeiros discursos feministas da história. Inferido pelo poeta Eurípedes, ela afirma que, dentre todos os seres que no mundo têm alma e mente, as mulheres eram certamente os mais infelizes:

– Antes de tudo, temos de comprar o próprio marido, com grande desperdício de esperança e de bens a fim de darmos um amo e senhor a nós mesmas. E, creia-me, esse é o pior de todos os males. Separar-se do marido é escandaloso para a mulher, mas não prejudica em nada a reputação do homem. Quando eles se aborrecem em casa, saem às ruas para se distrair. No entanto, quando somos nós a fazer o mesmo, eles não nos deixam sair, alegando que temos de cuidar dos filhos. Asseguram eles que, permanecendo em casa, as mulheres evitam inúmeros perigos, enquanto os homens, pobrezinhos, têm de se afastar a fim de combater nas guerras. (ROBLES, 2006, p. 164)

No conto agnaldiano, a história inicia-se com Medeia chorando e blasfemando a traição sofrida por seu marido Jasão: “Correu para o quarto, jogou-se na cama e pôs-se a chorar. – Bandido, desgraçado, infeliz!” (SILVA, 2020, p. 49). Inconformada, vai ao fundo de sua dor, de sua loucura interior e em meio a pensamentos ruins só pensa em como poderia retribuir tal ofensa a ponto de ferir terrivelmente seu esposo. Corina, empregada da casa, tenta acalmá-la, porém, sem sucesso. Seguindo o ritual da tragédia grega, ela entra no quarto onde estão as crianças e comete o assassinato contra sua prole. “Ela tinha se vingado. Matou a prole, a dignidade, o futuro”. (SILVA, 2020, p. 51). Logo Jasão chega e fica perplexo com o que vê. Na sequência chega a polícia e a leva presa para pagar pelo ato na cadeia:

Um carro com luzes brilhantes chegou. Uma sirene tocava insistentemente. Depois foi levada, nunca mais lembrada, nem vista ou amada.
Mulher impetuosa.
Impulsiva.
Colérica.
Vingativa.
Mulher mito.
Infanticida.
(SILVA, 2020, p. 51)

E assim termina o conto: em versos que sintetizam o seu desfecho. Percebe-se que o autor colocou traços socialmente verificáveis da atualidade neste final, em que, após o ato, a polícia chega para levar a culpada. Com personalidade forte, ambas as Medeias são vítimas de sua mente mirabolante dominada pelo ódio. Uma mente que poderia comandar o mundo por sua esperteza e habilidades, uma verdadeira heroína que tudo conquista. Porém, que se mostra totalmente frágil. Matando a própria prole chega às profundezas da crueldade. Jasão, homem que desejava ter para a eternidade, representa o poder do homem sobre a mulher desde a época da mitologia. Em seu discurso acima descrito fica clara e evidente a fragilidade e a inferioridade feminina em relação ao gênero masculino. Apesar de toda força mostrada por sua personagem, ela é o ponto fraco da história, pois rebaixa a um nível jamais visto, sendo então considerada como o mito da “mulher demônio”.

Percebe-se que os desfechos são iguais, o enredo apresenta algumas poucas alterações em relação ao conto da mitologia, porém, são grandes narrativas que permanecem vivas no tempo e na história da literatura. Tais narrativas ganham terreno dentro da literatura, inspirando novelas, filmes, livros, peças teatrais do passado e na atualidade. Através da ficção literária podemos reviver essas personagens que se tornaram imortais em nosso imaginário. Medeia poderia dominar o mundo com sua esperteza, ser uma heroína, porém foi derrotada pela fraqueza humana através de seus sentimentos.

3.1.6 Salomé - “Se fosse rica como ela, teria também uma bolsa luxuosa”, pensou olhando discretamente para trás

A inspiração para este conto é a personagem bíblica Salomé. Uma mulher vaidosa, como a personagem de Agnaldo, elas se parecem em vários aspectos relacionados à beleza e a alguns comportamentos expostos no conto. A Salomé da bíblia é uma figura importante. Vejamos:

A princesa Salomé nasceu no ano 18, era neta de Herodes, o Grande, e filha de Herodes Filipe e Herodíade (ou Herodias) que se casou com seu cunhado Herodes Antipas, após seu marido ser preso injustamente pelo irmão. Ademais, Salomé era sobrinha de Herodes Antipas que era tetrarca da Galileia na época. Em suma, Salomé chamava a atenção por onde passava, graças a sua beleza sedutora. Dessa forma, ela não passava

despercebida aos olhos do tio, dos guardas e todos os servidores do palácio onde morava com sua mãe. Portanto, ser desejada por todos, agradava e satisfazia seu ego. (PEREIRA, 2021, on-line)

Seu destaque na história do Novo Testamento foi em relação à passagem em que dança para os convidados do rei que ficam encantados com suas habilidades de dançarina e sua beleza indescritível. Dona de um estilo ousado, tornou-se a atração entre as pessoas ali presentes. Naquela época, uma mulher rica, dançando entre vários homens, não era comum. Portanto, é uma personagem carregada de sentidos. Conta-se que para continuar dançando e alegrando a todos, o rei diz a ela que poderia pedir o que quisesse. Pouco depois, influenciada pela mãe, pede a cabeça de João Batista numa bandeja de prata. Ele havia sido preso em razão de anunciar a chegada do Messias e ser contra as práticas pecaminosas de Herodes.

No conto “Inveja”, a protagonista Salomé representa o pecado da inveja. Era uma bela mulher. Chamava a atenção de todos ao passar: “Pelos lugares que passava, Salomé era olhada pelos homens. Alguns arregalavam os olhos, outros mordiam os lábios cinicamente, diante de tamanha sensualidade...” (SILVA, 2020, p. 53). É uma mulher convencida que se sentia poderosa, narcisista. O narrador nos mostra uma mulher extremamente orgulhosa de si: “Fatal nos olhos, na boca e no andar.” (SILVA, 2020, p. 53). “Era cínica, e isso queria ser de propósito” (SILVA, 2020, p. 53). Porém, são apresentadas ao leitor duas faces dessa personagem, uma que ela bastava para si mesma e outra que era muito invejosa, pois queria os bens materiais que aos poucos seriam apresentados na trama: “Os olhos de Salomé fixaram-se no celular da moça; era um aparelho caro, coisa fina...” (SILVA, 2020, p. 53). Ela gostava das coisas que não tinha, desejava aquilo que era dos outros, sentia-se atraída por coisas alheias.

No entanto, Salomé apaixonou-se por um moço que estava sentado na praça e esse sentimento deixa-a atormentada, pois nunca havia sentido aquilo antes e nem pensava em sentir isso um dia. Nunca havia se apaixonado por ninguém e essa aflição abala seu interior de forma devastadora.

Nem ela mesma conseguia entender aquele momento tão significativo. Tudo era muito estranho, por isso não se reconhecia. Salomé sentia dificuldades em lapidar os próprios sentimentos. Principalmente pela sua possessividade sempre debruçava os olhos naquilo que não era seu, cobiçava o alheio. Um

pecado que a fazia sofrer. (SILVA, 2020, p. 54)

Tomada por tal sentimento como se estivesse enfeitiçada, mergulha em outra atmosfera e viaja na sua imaginação pensando coisas em relação àquele homem. Até que chega a moça que o rapaz aguardava e quebra todas as suas expectativas a respeito daquele sentimento. Era sua namorada. Aos olhos de Salomé era a namorada perfeita, aquela para casar. Pensando o contrário do que Salomé pensou a seu respeito, a moça parece reprová-la com seu olhar, mostra-se como se rejeitasse a imagem que estaria diante de si, aquilo que vê, ou seja, a figura da nossa protagonista. Talvez a imagem dela parecia um tanto vulgar e desprezível.

Como se sentisse acuada e desprezada Salomé vai embora dali, deixando para trás tudo o que havia imaginado. Sente raiva e “por um momento, fantasiou cortar a cabeça daquela dissimulada e colocar sobre uma bandeja de prata...” (SILVA, 2020, p. 55). No entanto, tudo não passou de imaginação da sua cabeça, delírios e seguiu para casa na sua vida de sempre. Ao chegar, arrumou-se, maquiou-se, penteou-se na certeza de que estaria sozinha e completamente bela, como sempre. Um desfecho apático.

No conto, o narrador faz menção a essa passagem bíblica, relacionando-a com outras características dessa personagem histórica, por meio da intertextualidade e da comparação para relacioná-las ao contexto da atualidade, como afirma Carvalhal (2006, p. 74): “A literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística”. Ao fazer ligações com outros textos, personagens de outras histórias, outras culturas, outros tempos, o autor acaba por construir um campo imagético mais amplo e modernizado em relação à literatura como um todo.

3.1.7 Narcisa - “Olhava-se no espelho com frequência”

Analisando nossa última personagem desta galeria, chegamos então à Narcisa do conto “Soberba”. O próprio nome nos remete a outra personagem da mitologia grega conhecida pela sua beleza e excesso de amor próprio que acabou se apaixonando por si mesmo, no caso, o mito de Narciso, o qual era “um jovem que ficou eternizado pela beleza e também pela vaidade. Apaixonado pelo próprio

reflexo, que via nas águas de um lago, ele acabou morrendo nas margens” (MARCELLO, 2017, on-line).

Entretanto, o mito de Narciso floresceu tempos depois. Reza a lenda que a deusa do amor, Afrodite, depois da sua morte, sentiu pena de seu final trágico e transformou seu corpo numa flor amarela que nasceu à margem do lago e ganhou o seu nome. Muitas vezes, a flor cresce inclinada para baixo, o que se acreditava que representaria a posição do jovem olhando o seu reflexo. Ela também é comparada à figura de Narciso porque, apesar de ser muito bela, é frágil e tem um tempo de vida relativamente curto.

A Narcisa agnaldiana é uma moça pobre, arrogante que se achava muito bela. Sempre mimada pelos pais, cresceu tendo todos os elogios possíveis e se tornando uma pessoa fútil. Sobre esse assunto, Freud (1914, p. 25) afirma que: “Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos...”. Dessa maneira, eles, com o desejo de venerar a criança, acabam despertando nela comportamentos de pessoas narcisistas, como está caracterizada a protagonista desse conto.

Na véspera de carnaval, contexto em que está inserida, ela seria destaque como rainha de bateria. Por intermédio do narrador, o leitor acompanha todos os preparativos e também as reflexões que assolam sua mente e seu corpo. Muitas eram as expectativas e ela estava profundamente preocupada e nervosa com tudo aquilo. Ao leitor é mostrada uma personagem bastante complexa, cheia de conflitos interiores que se mostra bastante orgulhosa, pensa ser a pessoa mais importante daquele lugar, daquele momento especial:

A exemplo de Cassiopeia, Narcisa não se cansava de admirar a própria beleza. Olhava-se no espelho com frequência. O tempo passava, porém ele não afetava a juventude de Narcisa, como um grande aliado. Um tempo suspenso que poupou o castigo de lhe franzir a pele. A vaidade despertou desde cedo, pelos mimos do pai e da mãe, além da admiração das pessoas que buscavam a contemplação daquele corpo perfeito. (SILVA, 2020, p. 57)

Observa-se que o escritor inicia a narrativa referindo-se à Cassiopeia, que tem semelhanças com a personagem Narcisa criada por ele. Cassiopeia, na história real, foi rainha da Etiópia e sua marca era ser muito vaidosa e arrogante. Achava-se a mulher mais bela de todas e se sentia tal qual a personagem Narcisa. Ambas se relacionam com atitudes de excesso de individualismo e amor próprio e se

assemelham diretamente ao mito de Narciso. Temos então um certo exagero por parte do autor para demonstrar na sua personagem características narcisistas.

Enfim, o enredo segue mostrando os preparativos para o grande dia, sempre fazendo relação ao fato de ser rainha com as honras desse posto: “Repetia diversas vezes que uma rainha precisa acertar os protocolos do ofício...” (SILVA, 2020, p. 58). Vislumbrava o momento em que seria reconhecida como rainha. Estava no ápice da loucura. Sua mente fervilhava de pensamentos bons e ruins: “Aquele réquiem ficou na memória de Narcisa, que se esforçava para livrar seus pensamentos de imagens ruins às vésperas da coroação...” (SILVA, 2020, p. 59). Estava com o coração aflito, muitas incertezas tomavam conta de seus pensamentos. Até que enfim, o dia amanheceu e chegou o momento exato da preparação de tudo. Maquiagem, cabelos, roupas, tudo precisava estar perfeito e assim foi feito. Nossa personagem parecia estar tomada pela ansiedade: “Linda por fora, mas podre por dentro” (SILVA, 2020, p. 61). Pensava somente no exterior, nas aparências.

No desfecho da história, ela divertiu-se como desejava, sentia-se poderosa, linda e atraente. Gostaria de ser rainha na realidade. Amava toda pompa e glória destinada às rainhas. Porém, ao fim do desfile, sentou-se no batente de uma calçada qualquer para descansar, pois estava exausta e se sentindo completamente sozinha e abandonada por todos. Tudo passou como num desfile da escola de samba. Seu final não seria a morte como no mito de Narciso, porém a solidão, posto que durante toda a vida se ausentou de procurar amigos, de manter laços de carinho pelas pessoas, já que estava comprometida somente consigo, ninguém mais a interessava além dela mesmo, comportamento típico de pessoas narcisistas.

Essa crítica ao comportamento humano fica bem clara no texto de Agnaldo que apresenta ao leitor uma personagem carregada de vaidade, arrogância e o desejo de ser e ter sempre mais como se isso bastasse para a existência humana. Para ela, ser a melhor, a mais bela dentre todas e a mais importante valia mais que tudo. Apenas ilusões da nossa personagem que a levou a um final trágico também. Não morreu de verdade como Narciso, que secou de fome e sede admirando sua beleza, mas morreu lentamente no seu interior com sua mania de querer ser a mais bela entre todas. Cultivou apenas sentimentos ruins que não a fizeram florescer em vida. Morreu por dentro e em vida, seca, mergulhada na tristeza. E assim, fechamos as cortinas da nossa galeria de personagens femininas, composta de textos curtos, porém, densos. O próximo texto trará uma análise do conto “Luxúria”, pertencente ao

livro *Baú de Pecados* (2020), em que apresentará a personagem fictícia Maria Madalena às luzes da teoria de Carlos Reis, abordando o enfoque da figuração. Esta personagem representa, na obra em estudo, o papel das mulheres transgressoras.

3.2 No *Baú de Pecados*, a “Luxúria”

Era mulher bonita, desejada, acima de tudo sem-vergonha e, por isso, se deixou cair no desequilíbrio, na perversão.

(SILVA, 2020, p. 42)

Este conto representativo de *Baú de Pecados* volta-se para o tema dos pecados capitais que são, para a cultura judaico-cristã, classificados como o conjunto de todos os vícios. Eles, para a moral cristã, estão na origem de todas as ações pecaminosas conhecidas. Neste universo, temos uma mulher na representação deste pecado no conto em análise. Abordaremos o pecado da luxúria, que, como sabemos, é a busca excessiva dos prazeres sexuais.

“Luxúria” (2020) é um conto que prestigia a personagem feminina, ainda sufocada pelas convenções sociais e religiosas de um mundo excludente. Para análise do *corpus*, tomar-se-á, como suporte teórico, as ideias de Carlos Reis, escritor que trabalha a personagem sobre a perspectiva da figuração. Para ele:

Em termos gerais, o conceito de figuração designa um processo ou um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais essas personagens interagem. Tal individualização verifica-se sobretudo em contextos narrativos e em contextos dramáticos, mas acontece, igualmente de modo residual, em contextos de enunciação poética; passa-se isto, em especial, quando estão em causa composições dotadas de um certo índice de narratividade. (REIS, 2015, p. 121-122).

Maria Madalena, protagonista do conto, é uma representação de mulheres “transgressoras”, uma vez que ela não se encaixa nos padrões sociais que o patriarcado estabeleceu nas diversas sociedades. É uma personagem que revela peculiaridades de mulheres que contestam regras e vivem conforme suas vontades, mesmo inseridas em contextos em que os padrões morais são duramente cobrados, a exemplo de cidades do interior, onde a religiosidade ainda influencia a cultura. No

conto, a figuração faz referência à outra mulher, que em outro tempo também desafiou a sociedade, a Maria Madalena bíblica.

Em um lugar tão pequeno, onde faltam novidades, falar dos outros era um modo de preencher o tempo, driblar o calor e achar assunto onde não havia mais. Maria Madalena, era um dos nomes preferidos, principalmente daqueles que se autodenominavam guardiões da moral e do bom costume. (SILVA, 2020, p. 41)

Maria Madalena, no contexto do conto, é constante assunto na cidade e, principalmente, na boca dos homens, pois traz consigo muita sensualidade e volúpia, característico de mulher atraente, que faz aquilo que deseja fazer. Como mora em uma cidade pequena e pacata, a narrativa deixa evidente a cobrança em relação ao comportamento da mulher, deixando a protagonista em desacordo com as normas estabelecidas. As mulheres que não se enquadravam nos padrões certamente sofriam as críticas e eram excluídas do meio, ficando na marginalidade. A protagonista potencializa essa marginalização, a solidão e o medo de confrontar a convenção religiosa. A pedra que estilhaça o vidro da janela é uma alusão à pedra que outrora seria jogada em Maria de Madalena, no contexto do Novo Testamento. E, por isso, “uma lágrima desceu por um dos olhos” (SILVA, 2020, p. 44) da personagem, mantendo-a enclausurada no útero de sua casa.

No Novo Testamento, Maria Madalena pode ser considerada transgressora para aquela época. Prostituta, essa personagem histórico-cristã foi salva do pecado pelo Messias que, segundo a narrativa sagrada, lhe deu vida nova. Desde então, Madalena passa a seguir o mestre, dando margem a muitas versões de sua vida, além de inspirar várias narrativas literárias, nas mais diversas partes do mundo. Tem papel de destaque na história da humanidade por ser citada na Bíblia algumas vezes e também por ser uma mulher de atitude. No conto de Agnaldo, a protagonista apresenta algumas características que a aproxima da personagem bíblica, continuidades que seguem para além do nome. A Madalena agnaldiana é uma mulher ousada, desafiadora, que gosta de desfrutar dos prazeres da vida, mesmo que, para tal, tenha que se privar da convivência em alguns espaços sociais, em particular, o religioso. Para além da ficção, essa personagem reverbera tipos de pessoas da vida real, que vivem o conflito entre o querer ser e a castração de suas vontades/desejos. Para o escritor Carlos Reis:

Conforme parece claro, a vitalidade das personagens, potenciada por sucessivos atos de figuração, é indissociável de propósitos de ordem ética, moral e ideológica; esses propósitos beneficiam da autonomização das ditas personagens e levam a dilatar consideravelmente as virtualidades semântico-pragmáticas que elas encerram. São essas virtualidades que nos desafiam a conviver com personagens ficcionais que não abolimos da nossa memória, mesmo quando muito daquilo que no seu tempo parecia importante já desapareceu. (REIS, 2015, p. 37)

A personagem do conto é uma prostituta, considerada bonita e atraente. A Maria Madalena bíblica está potencializada na protagonista de “Luxúria”, em toda sua complexidade e psiquismo. No entanto, a personagem adquire nova significação a partir do espaço e contexto histórico destas primeiras décadas do século XXI, levando ao debate novas situações-problema. Entre semelhanças e dessemelhanças, aproximações e distanciamentos, rupturas e continuidades, podem-se observar no fragmento abaixo algumas nuances entre as madalenas:

Era bonita, desejada, e acima de tudo sem-vergonha e, por isso, se deixou cair no desequilíbrio, na perversão. Estava pronta, era preciso ter coragem. Antigamente, em Magdala, uma prostituta teve a chance da regeneração, por que ela não teria? Com ela, não poderia ser diferente, pois alcançaria a redenção em vida; era jovem e tinha uma vida inteira pela frente, poderia transformar positivamente os seus atos. (SILVA, 2020, p. 42)

Percebe-se que a protagonista de “Luxúria” gosta de viver a vida que leva, mas deseja, no seu mais profundo sentimento, a salvação, pois expressa o desejo de ir à missa, ser aceita e, por isso, vive todas as sensações de limpeza espiritual, de reencontro com sua alma pura e livre de pecado. Sobre isso, Eliade (2001, p. 14) afirma: “Seja qual for o grau de dessacralização do inundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”. Deseja o sagrado, mas não consegue sair do seu mundo. Percebe-se o estado de imaginação a que se pega em determinados momentos, como se transitasse entre o mundo real e o ficcional, como veremos a seguir:

Uma água límpida vazava pelo espelho.
 - Os olhos são espelhos da alma - sussurrou.
 Soltou os cabelos e se imaginou numa cachoeira.
 Solitária.
 Havia bichos a observá-la. Mas, gradativamente, foram se metamorfoseando em homens.
 Espreitando.
 Rosnando.
 Babando.

Trincando os dentes.
Saíam, animais! Saíam! - gritou com os dentes cerrados, como se aqueles bichos estivessem muito próximos.
Em êxtase a moça deixava-se dominar pelas paixões...
(SILVA, 2020, p. 43)

O autor utiliza a metáfora da água que está sempre presente em seus contos, fazendo uma relação com o interior de suas personagens, ora compondo cenários, ora demonstrando aquilo que está no âmago de suas protagonistas. Com uma simbologia forte, a água traz representações de sentidos diversos em suas narrativas: "Mergulhar nas águas, para dela sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova". (CHEVALIER, 2001, p. 15). Observa-se uma mulher que luta contra si mesma para se reconstruir, fazer-se nova diante das dificuldades da vida. Essa água era como se estivesse lavando sua alma e tirando dela toda sujeira que os olhos não conseguem ver, para enfim, renascer.

Nota-se uma personagem que deixa transparecer dois aspectos de sua individualidade, uma de mulher transgressora e outra de mulher redimida, que deseja salvar-se do mundo das impurezas. Para composição desta personagem, o escritor utiliza diversos elementos narrativos, envolvendo referenciais cromáticos que variam entre o vermelho, o preto e o branco. Trata-se de cores escolhidas para adornar algumas possibilidades enunciativas dos cenários construídos para as tramas, atribuindo densos significados aos cenários e figurinos, a exemplo do vestido vermelho e do batom cor de cereja.

O vermelho lembra a paixão, o calor, a intensidade; ao preto o luto e a dor; e ao branco a simbologia da paz tão sonhada e desejada pela mulher. Sendo assim, ajudam a promover o impacto desejado nas situações psicológicas em que a personagem está envolvida. Vê-se essa relação no excerto a seguir: "Trajada com um vestido vermelho-fogo, que se aproximava um pouco ao scarlet..." (SILVA, 2020, p. 41). Com sua mente, o autor usa as alternativas possíveis para construir a personagem à sua maneira, abrindo espaços para sua figuração na narrativa.

Passo da questão da figuração à questão da sobrevivência. Reporto-me, assim, ao que considero ser uma deriva ontológica, às vezes mais ousada do que pensamos, quando a personagem trata de "migrar" do mundo ficcional para o mundo real. A personagem ganha então, em relação à figuração original, uma existência própria, deduzida, numa perspectiva fenomenológica, da chamada vida da obra literária. (REIS, 2015, p. 134).

Usando a liberdade de escrita, o autor pode moldar toda sua trama, a personagem tem a importância que ele der, sua criação passa a existir em um ambiente preparado pela mente do autor. Ela, a personagem, torna-se viva dentro de um texto, parte importante que fará o enredo se desenvolver dentro das expectativas do texto narrativo. O que será, o que fará, será determinado pelo envolvimento com a trama. Podemos trazer a realidade para dentro da ficção, envolvendo o cotidiano com naturalidade dentro da obra literária.

No conto em análise, Maria Madalena é a protagonista que permeia o campo da ficção e o da realidade, pois está inserida num campo ficcional em que a representação da realidade é apresentada por suas ações. Ela é uma mulher de vida fácil, sabemos disso através do narrador onisciente, que nos apresenta esse contexto. O narrador dá pistas ao leitor para que ele possa conhecer mais a fundo a personagem, criando um retrato psicológico. Ele nos apresenta uma personagem que dialoga consigo mesma, através de monólogos interiores, deixando o leitor ao sabor do seu fluxo de consciência, por dentro das suas reflexões e com possibilidades de conhecer de perto suas inquietações e particularidades. Cria-se, na trama, o contraponto entre a imaginação e a realidade, permitindo articular a historicidade com a vivência humana.

Naquele movimento de imanência e transcendência que a obra literária permite, é possível discutir algumas questões históricas, tomando alguns elementos de "Luxúria". O conto promove a representação de uma mulher que vive as dificuldades e os desafios do mundo contemporâneo, assim como tantas outras da vida real. Vivem à margem da sociedade como a personagem do conto agnaldiano que, mesmo diante de situações de violência, não consegue se libertar das regras sociais impostas, de modo que o contraponto ficção/história torna-se inevitável na narrativa. A literatura, portanto, demonstra a sua face amplamente empenhada, levando ao leitor provocações em aberto que possam suscitar novos debates e denúncias sociais e culturais.

Para os efeitos da presente análise, dou atenção particular à figuração narrativa, pela relevância que lhe é própria, na vasta tradição ocidental de relatos em que a personagem ocupa lugar de destaque. Assim, sendo um processo ou um conjunto de processos, a figuração é dinâmica, gradual e complexa. Isto significa três coisas: que normalmente ela não se esgota num lugar específico do texto; que ela se vai elaborando e completando ao longo da narrativa; e que, por aquela sua natureza dinâmica, a figuração não se restringe a uma descrição, no sentido técnico e narratológico do

termo, nem mesmo a uma caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante. (REIS, 2015, p. 122)

Como se percebe em “Luxúria”, a personagem tem papel de destaque e mostra-se amplamente influenciada pelo meio social no qual vive. O querer ser e a castração desse querer são aspectos que criam os conflitos psicológicos na personagem, pois “não conseguia afastar os pensamentos pecaminosos; esforçava-se, porém fraquejava” (SILVA, 2020, p. 44). Interiormente, a protagonista vivia uma explosão de sentimentos e emoções que demonstravam sua fragilidade, encoberta por sua personalidade forte; no final do conto, percebe-se uma personagem que, sem opção de vida melhor, decide manter tudo da forma como estava, talvez contaminada pelo medo do preconceito.

No fragmento “Estou parecendo uma vagabunda” (SILVA, 2020, p. 44), ela incorpora a aceitação da convenção social e religiosa que não a concebia como uma mulher de bem. Há, contudo, a vontade de emergir daquele mundo de dificuldades e enfrentar os obstáculos, pois Maria Madalena é uma personagem que deseja ser amada e valorizada por suas qualidades e virtudes. Sem incentivo, amigos e oportunidades, está submersa num clima de tensão, de modo que ela sofre as consequências de suas escolhas.

No conto em análise, portanto, a vida da protagonista é representada de forma provocadora, sem ocultar detalhes, revelando, assim, um paradoxo entre a imaginação e a realidade, a ficção e os aspectos da história oficial. O leitor, no mergulho que faz na narrativa, tende a viver com a personagem a opressão física e psicológica, historicamente registrada nas sociedades. Percebe-se que a protagonista transita entre a obediência e a pretensa rebelião (imaginação), desencadeando uma trama psicológica intensa, potencializada em um drama repleto de particularidades do mundo feminino. O clima de tensão no enredo impacta o leitor. A pressão psicológica que a personagem vive, bem como as suas reflexões e devaneios são gatilhos que lançam questionamentos sobre a posição da mulher nestes primeiros anos do século XXI, suas conquistas e desafios. Maria Madalena é um ser dinâmico na narrativa, pois ela vive as emoções e sentimentos que uma mulher na vida real, naquela situação, poderia viver.

Entretanto, a discussão sobre o papel da mulher na sociedade nos leva a pensar na importância que a literatura desempenha em nossas vidas, fazendo com

que a ficção atrelada à realidade discuta assuntos tão atuais e relevantes em nosso meio. Tornando-se uma temática que necessita ser investigada com seriedade para que as mulheres finalmente desfrutem de um lugar na sociedade em igualdade com o homem. O autor consegue construir uma personagem densa, capaz de minar no leitor sentimentos profundos que poderiam, a exemplo das tragédias modernas, purgar os sentimentos para, enfim, repensar seus medos e preconceitos.

A apresentação do *corpus* e os dois contos examinados neste trabalho trazem à cena contextos diversos e particularidades que envolvem o universo feminino nas representações das personagens femininas nos contos aqui apresentados. Atrelados a uma narrativa ficcional, vemos também histórias interessantes que remetem à realidade de mulheres em variadas situações e contextos onde as narrativas se desenvolvem. Sentimentos diversos foram colocados em cena e o que vemos prevalecer é que este escritor recria realidades em que as mulheres são enaltecidas e protagonizam histórias que mexem com nosso emocional, aflorando sentimentos múltiplos próprios do ser humano.

Temos aqui um trabalho inicial, ou seja, a primeira dissertação de mestrado sobre o escritor e professor Agnaldo Rodrigues da Silva, fruto de uma universidade pública afastada dos grandes centros urbanos, que produz literatura de qualidade em Mato Grosso. Escritor distante dos grandes cânones e que nem por isso fica alheio aos elogios por sua coragem, determinação e criatividade. Esperamos, sinceramente, que este seja o primeiro de muitos que virão, porque, como diz Candido (1989, p. 122): “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresenta uma pesquisa que busca demonstrar a questão da figuração e sobrevida das personagens femininas criadas pela contística do escritor Agnaldo Rodrigues da Silva. De que maneira acontece a representação da mulher na sociedade patriarcal nas obras *Dose de Cicuta* (2011) e *Baú de Pecados* (2020). Nesse sentido coube-nos apresentar algumas personagens femininas do *corpus* escolhido denominando-as de transgressoras ou submissas. Para responder a essa indagação, estabeleceu-se um roteiro que discutiu os aspectos contemporâneos significativos da crítica literária e feminista, examinando as características do patriarcado, estudo sobre a personagem de ficção, gênero, mito, mitologia, lendas e crenças regionais, religião, feminismo, comparatismo e o elo existente entre sociedade e literatura. Em virtude disso, dividiu-se o estudo em três capítulos para melhor situar os eixos temáticos e as discussões.

Nesse sentido, iniciou-se com o primeiro capítulo denominado “A literatura e a vida social”. Principiou-se com a apresentação do autor no tópico “Apontamentos sobre o autor e sua ficção” em que foi apresentada de forma breve sua vida e trajetória acadêmica. Essa breve apresentação deve-se ao fato de ele não ser conhecido mundialmente e de que a maioria das pesquisas relacionadas às suas obras estão nas escolas públicas inclusas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura e na Universidade do Estado de Mato Grosso, seu local de nascimento e da publicação de suas obras.

No próximo tópico do capítulo inicial, abordamos sobre a personagem de ficção, pois é sobre ela que recai este estudo. Com esse propósito adentramos nas teorias do teórico e crítico Antonio Candido, em que pudemos conhecer e relacionar a personagem de ficção com a vida social, comprovando que ela está sempre inserida na sociedade e que faz parte de um tecido maior de compreensão de sua importância na literatura e na vida. Dando prosseguimento, mergulhamos no *corpus* deste trabalho, apresentando duas coletâneas de contos de Agnaldo Rodrigues: *Dose de Cicuta* (2011) e *Baú de Pecados* (2020). Nesta parte fizemos um sumário narrativo com objetivo de mostrar ao leitor os contos que compõem o *corpus* deste estudo. Sendo onze contos em *Dose de Cicuta* (2011) e dezesseis em *Baú de Pecados* (2020). Percebe-se que um texto inicial chamado “Sodoma” dá pistas ao leitor do que ele verá nos próximos contos. Na parte final dessa coletânea, o texto

denominado “Gomorra” faz todas as ligações necessárias com os contos lidos, envolvendo os enredos, personagens, espaços, tempo, fazendo assim, com maestria, o encerramento de todas as narrativas desta obra.

No segundo capítulo, nomeado “O patriarcado e o feminino”, discutimos a respeito da mulher e do patriarcado, que envolveu o sexo feminino em situações constrangedoras, colocando a mulher como subalterna em todas as situações e posições sociais por muito tempo em relação à figura masculina. No tópico “O Patriarcado na contística de Agnaldo Rodrigues da Silva” mostramos como a mulher está em posição de inferioridade e submissão ao homem nas narrativas aqui apresentadas, mostrando-se sempre subordinada à figura masculina. Na parte “As multifaces do feminino em destaque” apresentamos ao leitor os diversos tipos de personagens femininas que estão presentes no *corpus*, enfatizando que o autor dá sempre destaque ao sexo feminino, seja em situações de submissão ou em outras situações em que se mostra acima do sistema social imposto.

Ao final desse capítulo, apresentamos uma análise estrutural do conto “Uma Dose de Cicuta” no texto intitulado “Vida e Morte em Uma dose de cicuta”. Nesse texto vê-se uma personagem feminina em completa situação de submissão, sentindo-se inferiorizada em relação ao esposo, acatando todas as agressões físicas e psicológicas sem reclamar, passando por um silenciamento facilmente percebido. No enredo, essa mulher silenciada pensa, em algum momento, dar ao esposo um veneno, a cicuta, para se libertar daquele pesadelo em que se tornou sua vida com aquele homem. A protagonista mostra-se ansiosa por liberdade, no entanto, não consegue agir para que essa liberdade seja conquistada, tornando-se o retrato de uma figura submissa e silenciada.

No último capítulo, denominado “A mulher em perspectiva”, vemos a figura feminina vista como transgressora, pois são representações de mulheres que fizeram história na vida e na arte. Constituiu-se, então, uma galeria de personagens femininas que se cruzam dentro das narrativas deste autor, formando novos enredos no contexto da contemporaneidade. No tópico denominado “No *Baú de Pecados* (2020), a ‘A luxúria’”, adentramos um pouco mais a fundo neste conto, que traz a personagem de ficção Maria Madalena envolvida num jogo dramático entre a submissão e a transgressão, o religioso e o profano, o desejo e a recusa. Neste texto, nosso embasamento teórico está principalmente dentro da linha de pesquisa do escritor Carlos Reis que discute sobre a figuração e a sobrevida das

personagens. Nessa galeria, há um estudo comparativo entre algumas personagens femininas da ficção com outras figuras da literatura universal. Tais personagens se aproximam por algumas características e constroem uma narrativa marcada pela intertextualidade, criatividade e imaginação.

Outrossim, este estudo oferece-nos uma escrita mesclada com leituras de contos, lendas, mitologia e credices atreladas ao imaginário popular desta região mato-grossense, repleta de curiosidades e misticismo. São contos que buscam mostrar também o lado interior das personagens, sua dualidade, complexidades e desafios. Além de tudo, o autor tece narrativas que abordam e exprimem seu severo olhar crítico-social para com as diversas realidades criadas e abordadas por ele, oportunizando um estudo prazeroso de narrativas que tem como destaque o protagonismo feminino, uma reflexão necessária aos dias atuais.

REFERÊNCIAS

Do autor:

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **A Penumbra**: contos de introspecção. Cáceres: Editora Unemat, 2004.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Baú de pecados**. 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Carniato Editorial, 2020.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Dose de cicuta**: contos. Cáceres: Editora Unemat, 2011.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Fantasmas em Vila Maria**. Cáceres: Editora Unemat, 2021.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Mente Insana**. Cáceres: Editora Unemat, 2008.

Geraiis:

ABRÃO, Baby Siqueira. **História da Mitologia**. São Paulo: Editora Hunter Books, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Tradução: Aurora F. Bernardini. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, a experiência vivida**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1949.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAITH, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1989. p. 121-184.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia LTDA, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, Luciene de. Prefácio. *In*: SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Dose de cicuta**: contos. Cáceres: Editora Unemat, 2011.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução: Vera da Costa e Silva [et al.]. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CONEGERO, Daniel. **Quem foi Maria Madalena na Bíblia**. Estilo Adoração. 2022. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-foi-maria-madalena>. Acesso em 12 jun. 2022.

COSTA, Leandro. **“A Festa de Babette”, de Gabriel Axel**. 2020. Disponível em: <https://personacinema.com.br/a-festa-de-babette-21aec44fe084>. Acesso em 12 jun. 2022.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILLMANN, Mauro. Os sete pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 14, p. 285-317, 2013.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez; [Brasília, DF]: INEP, 1989.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Sérgio Alcides. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Veja, 1995.

GUIMBUTAS, Marija. **História da Mitologia**. São Paulo: Editora Hunter Books, 2016.

Heller, Eva, 1948-2008. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão** / Eva Heller; [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. -- 1. ed. -- São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HUTCHEON, Linda. Beginning to theorize adaptation. *In: A theory of adaptation*. New York/London: Routledge. 2006. p. 1-32.

IMANISHI, Helena Amstalden. A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho. **Boletim de psicologia**, v. 58, n. 129, p. 133-145, 2008.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: J. Lacan. Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MARCELLO, Carolina. **Bela Adormecida: história completa e outras versões**. Cultura Genial. 2017. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/bela-adormecida-historia-completa-e-outras-versoes/bibliografia>. Acesso em 12 jun. 2022.

MARCELLO, Carolina. **Mito de Narciso explicado (Mitologia Grega)**. Cultura Genial. 2017. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/mito-de-narciso-explicado-mitologia-grega/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MATA, Inocência. Prefácio. *In: SILVA, Agnaldo Rodrigues da. A Penumbra: contos de introspecção*. Cáceres: Editora Unemat, 2004.

OLIVEIRA, Elysabeth Senra de. **Uma geração cinematográfica**. São Paulo: Annablume, 2003, p. 137.

PANIZZON, Mateus Savaris; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **Figuração da Prostituta no Romance Contemporâneo de Maria Valéria Rezende**. VI SIES. 2019. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/sies/anais/PDF/GT-12/12.06.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PEREIRA, Renata Gonçalves. **Quem foi Salomé, personagem bíblica conhecida**

pela beleza e maldade. Segredos do Mundo. 2021. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/salome-quem-era/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PORTAL DA ESCOLA DIVINA FEMININA. **Marija Gimbutas e a Deusa.** 2018. Disponível em: <https://portal.divinafeminina.org/marija-gimbutas-e-a-deusa/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **Jacques-Louis David.** 2020. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/pintores_famosos/jacques_louis_david.htm. Acesso em: 20 nov. 2022.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro:** estudos sobre a personagem. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

RIBEIRO, Débora. **Patriarcado.** 2021. Disponível em: www.dicio.com.br/patriarcado. Acesso em: 20 nov. 2022.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas:** o feminino através dos tempos. Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder Do Macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SALOMÃO, Thais Morais. **O Conto A Festa de Babette e sua adaptação cinematográfica a partir da perspectiva dos Food Studies.** 2021. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/28667/Thais%20Morais%20Salom%c3%a3o....pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SANTANA, Ana Lucia. **Maria Antonieta.** Info Escola. 2006. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/maria-antonieta>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SCANDOLARA, Adriano. Iniciação, Profanação e Mitopeia no Banquete de Platão: uma aproximação entre literatura e filosofia. **Revista Vernáculo**, v. 11, n. 25, 2010.

SIGNIFICADO DOS NOMES. **Dicionário de Nomes Próprios.** 2008. Significado do Nome Aurora. Disponível em: www.dicionariodenomesproprios.com.br/aurora/. Acesso em: 14 ago. 2022.

SIGNIFICADOS, RELIGIÃO. **Origens dos 7 pecados capitais.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/origem-dos-7-pecados-capitais/>. Acesso em: 02 fev.

2022.

SOARES, Inaldo Firmino. **Cancioneiro Popular Brasileiro e o Conceito de Intertextualidade**. 2017. Disponível em: [https://iiler.puc-rio.br/cartografias/artigos_educacao/Cancioneiro%20popular%20brasileiro%20e%20o%20conceito%20de%20intertextualidade%20\(1\).pdf](https://iiler.puc-rio.br/cartografias/artigos_educacao/Cancioneiro%20popular%20brasileiro%20e%20o%20conceito%20de%20intertextualidade%20(1).pdf). Acesso em: 14 jun. 2022.

SOUTO, Iaci Pinto. **A construção do eu na autobiografia de Victoria Ocampo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravony. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1929.

XAVIER, Lola Geraldés. Prefácio. *In*: SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Dose de cicuta: contos**. Cáceres: Editora Unemat, 2011.

ANEXO A – UMA DOSE DE CICUTA

UMA DOSE DE CICUTA

Ligou o chuveiro. A pureza da água levava para o ralo todas as sujeiras do contato que tivera por anos com aquele corpo asqueroso. Foi desprezando, lentamente, o cheiro do pecado e do suor que lhe incomodava a sensibilidade. Completamente despida, entrou no quarto, jogou sobre si aquele belo vestido preto repleto de bolinhas brilhantes.

Com as mãos, balançou os longos cabelos negros de um lado para o outro, insinuando-se para si mesma frente ao espelho. Depois, contornou a boca com um batom rosa escuro, igual àquele que provavelmente a Lucíola, de Alencar, deslizava sobre os lábios antes de entrar no seu quarto vermelho para exercer a prostituição.

Sobre a mesa estava a garrafa de *champagne*. Pôs o copo até ao meio e, brindando a insensatez da futura liberdade, degustou gole a gole o doce tear da vitória. Sentia o sabor da conquista.

- Ah como tinha sofrido até vencer a guerra! Guerra de vinte anos – pensou com os olhos fixos no tempo.

Ela já não era mais nenhuma adolescente, a juventude tinha lhe ido, restava apenas a velhice. Estava velha! Velha como aquelas peças de museu ou cacarecos que as pessoas não querem mais dentro de suas casas. Mas a sua boca ainda queria provar o fel da liberdade, beijar outros lábios, ceder-lhes aos desejos mais proibidos. Nunca tinha conhecido outro homem, apenas o carrasco.

- *Maldito carrasco!* - Gritou várias vezes.

Tudo isso porque o marido tinha lhe sido ao longo de tantos anos um maldito carrasco.

Em breve, ele chegaria. Foi até a cozinha, pegou o copo e deitou uma dose de cicuta. Ele deveria beber!

- E se não bebesse? Não, decerto beberia – imaginou apreensiva.

O copo era transparente semelhante àqueles nos quais é servido *whisky*, em casa de gente rica. A cor da cicuta cintilava, criando a tênue metáfora da tão desejada liberdade.

Era hora de a campainha tocar.

Não tocou.

Abriu a porta, esteve do lado de

fora e ela mesma tocou a campainha. Já dentro de casa, gritou: *Já vou, um momento!* Abriu a porta e pediu que ele entrasse.

Jantaram para, então, oferecer-lhe um cálice, no qual havia posto a dose de cicuta.

Ele bebeu.

Chamou-a de puta por várias vezes até começar a babar as grossas salivas nojentas. Caiu, fechou os olhos e devolveu a ela a tão sonhada liberdade. Abriu o *champagne* e soltou gargalhadas fortes que faziam tremer a cabeça. A felicidade era tanta que teve febre. O corpo todo tremia como se não acreditasse no acontecido.

Sentou no sofá e ficou por horas. As lágrimas rolavam.

A campainha tocou. Agora era a realidade, não mera fantasia. Levantou do sofá com o vestido de chita de sempre, cheirando a mofo, a boca pilada por há muito tempo não sentir o deslizar do batom. Ao abrir a porta, ele socou-lhe um tapa no rosto e disse:

- Vagabunda! Por que demoraste a abrir a porta? Nem para esposa serves, sua parva.

Serviu o jantar num prato de louça barato. O vinho, de quinta categoria, foi despejado num copo de massa de tomate bem ordinário. Olhava para ele e imaginava o quanto seria bom ter acrescentado naquela bebida uma única dose de cicuta. Quis rir, mas não ousou. Nunca teria coragem para tanto atrevimento.

Apenas disse:

- Senti saudades tuas, querido!

ANEXO B – LUXÚRIA

LUXÚRIA

Naquele domingo, resolveu ir à missa.

O relógio na parede marcava cinco horas da tarde.

Ela sabia que não seria bem recebida, devido aos fál-tórios sobre sua pessoa, coisa de cidade pequena. Naquela época, nos primeiros anos do século XX, não havia mais que oitenta mil habitantes na localidade, de modo que se tornara um divertimento falar da vida alheia. Em um lugar tão pe-queno, onde faltam novidades, falar dos outros era um modo de preencher o tempo, driblar o calor e achar assunto onde não havia mais. Maria Madalena era um dos temas preferidos, principalmente daqueles que se autodenominavam guardi-ões da moral e dos bons costumes.

Trajada com um vestido vermelho-fogo, que se aproxi-mava um pouco do *scarlet*, trazia nos lábios um pincelado cereja, batom que lhe umedecia a boca, atribuindo um toque de certa ousadia. O vestido longo que lhe cobria o corpo dis-farçava a vontade íntima de estar despida, afinal era necessá-rio fazer um esforço para manter o que restava da reputação. O tempo vivido na fornicção construíra-lhe uma imagem de lascívia. Parecia que tudo exalava sensualidade.

O andar.

O olhar.

A voz.

Os gestos.

O cheiro.

Era mulher bonita, desejada, acima de tudo sem-vergonha e, por isso, se deixou cair no desequilíbrio, na perversão.

Estava pronta, era preciso ter coragem. Antigamente, em Magdala, uma prostituta teve a chance da regeneração, por que ela não teria? Com ela, não poderia ser diferente, pois alcançaria a redenção em vida; era jovem e tinha uma vida inteira pela frente, poderia transformar positivamente os seus atos. Enquanto se arrumava, imaginou vestir-se de branco, mas seria uma afronta, porque jamais aceitariam vê-la coberta de uma cor que simbolizava pureza. Do mesmo modo, o vermelho também seria uma provocação aos fiéis. E o batom? Será que deveria usar aquelas pinceladas pela boca?

“Lá é uma casa sagrada, eles não reparam essas coisas” – pensou analisando a própria imagem no espelho.

— Vestido decotado — disse baixinho, prevendo que as beatas poderiam chamá-la de pervertida.

Os vestidos eram todos decotados, orgulhava-se em deixar o colo descoberto. Pensou em jogar uma echarpe, isso poderia diminuir o impacto.

— Povo de mente suja! — resmungou.

No entanto, estava calor e, decerto, o adereço não combinaria.

Frente ao espelho, viu refletida a imagem da fonte que ficava no canto da sala, em que uma água cristalina jorrava como se minasse das pedras. Então, ela pegou uma vasilha, encheu-a com água, molhou um lenço e torceu para tirar o excesso.

“Ah, se fosse água-benta!” – pensou, deixando escapar leve sorriso.

O pensamento talvez refletisse a vontade de extrair as próprias impurezas, como se a água pudesse limpar os pecados. Passou o lenço úmido e frio pelo pescoço, depois no colo, até onde o decote permitia. Virou-se de costas para o espelho, fechou os olhos, deixou cair a vasilha, o lenço levemente escapou-lhe da mão e, pesadamente, desceu ao chão. Sentiu que, magicamente, os pés se molhavam; uma água acariciava-lhe a pele à medida que subia pelo corpo.

Momento poético. Esqueceu-se da modernidade desenfreada e do capitalismo selvagem. Maria Madalena mergulhou na imaginação.

Uma água límpida vazava pelo espelho.

— Os olhos são espelhos da alma — sussurrou.

Soltou os cabelos e se imaginou numa cachoeira.

Solitária.

Havia bichos a observá-la. Mas, gradativamente, foram se metamorfoseando em homens.

Espreitando.

Rosnando.

Babando.

Trincando os dentes.

— Saíam, animais! Saíam! — gritou com os dentes cerrados, como se aqueles bichos estivessem muito próximos.

Em êxtase, a moça deixava-se dominar pelas paixões, prazeres carnavais, que a aprisionavam no vício da sexualidade. Estava corrompida pelo desejo desenfreado que, pouco a pouco, transformara-se em volúpia. Tinha perdido a razão,

ao passo que a carne significava prazer e felicidade, uma satisfação momentânea, que chegava e ia embora, do mesmo modo que entravam e saíam os parceiros nas suas orgias. Não conseguia afastar os pensamentos pecaminosos; esforçava-se, porém fraquejava.

Talvez não pudesse.

Não quisesse.

Não conseguisse.

Repentinamente, uma pedra estourou o vidro da janela.

O estalo gelou-lhe a alma.

Uma voz ressoou autoritária:

— Prostituta!

Madalena emergiu do devaneio. A pia da cozinha vazava água, que se espalhava pelo recinto. Pensou em olhar pela janela, mas retrocedeu. Olhou novamente para o espelho e, desta vez, viu a profundidade da alma.

Suada, descabelada, o batom borrava o contorno da boca.

Pensou na missa. Olhou para o relógio na parede e percebeu que os ponteiros estavam parados. Então, ela compreendeu que o tempo não avançava em direção à missa, como um aviso para que ela permanecesse protegida no útero da casa.

Um leve sorriso enfeitou-lhe o canto da boca.

Uma lágrima desceu por um dos olhos.

Enxugou-a.

Arrumou o decote e limpou o batom que borrava a boca.

Depois, olhou fixamente no espelho e gargalhou.

— Estou parecendo uma vagabunda!

ANEXO C – BAR PINGUIM

Localizado na Rua Tiradentes, Centro
Presente no conto "O Cumbaru de Ouro"



Fonte: Página do *Facebook* do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres⁷

⁷ Disponível em: l1nq.com/bar-pinguim. Acesso em: 12 dez. 2022.

ANEXO D – CASA AMARELA

Localizada na Rua Coronel José Dulce, Centro
Presente no conto "A Casa dos Anjos" e na peça "Fantasmas em Vila Maria"



Fonte: Jornal Mídia News⁸

⁸ Disponível em: l1nq.com/casa-amarela-caceres. Acesso em: 12 dez. 2022.

ANEXO E – CASA ROSA

Localizada na Rua João Pessoa, Centro
Presente no conto "A Dama do Vestido de Seda"



Fonte: Página do *Facebook* do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres⁹

⁹ Disponível em: l1nq.com/casa-rosa-caceres. Acesso em: 14 dez. 2022

ANEXO F – CATEDRAL DE SÃO LUÍS DE CÁCERES

Localizada no Centro da cidade
Presente nos contos "O Minhocão de Cáceres", "Contos de Sexta-Feira"
e na peça "Fantasmas em Vila Maria"



Fonte: Página do *Facebook* do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres¹⁰

¹⁰ Disponível em: l1nq.com/catedral-sao-luis. Acesso em: 14 dez. 2022.

ANEXO G – PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO

Localizada em frente à Catedral de São Luís, no Centro
Presente no conto "Contos de Sexta-Feira" e na peça "Fantasmas em Vila Maria"



Fonte: Página do *Facebook* do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres¹¹

¹¹ Disponível em: l1nq.com/barao-do-rio-branco. Acesso em: 14 dez. 2022

ANEXO H – RIO PARAGUAI

Localizado às margens da Praça Barão do Rio Branco, no Centro
Presente no conto "A Menina do Chapéu de Crochê" e "Réquiem"



Fonte: Pinterest¹²

¹² Disponível em: l1nq.com/rio-paraguai. Acesso em: 14 dez. 2022